

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

A DEFINIÇÃO LEXICOGRÁFICA NO NOVO DICIONÁRIO  
AURELIO: ANÁLISE SÊMICA DE VERBETES SUBSTANTIVOS

*Visto:*  
*Albino*  
por

MARIA DA GRAÇA KRIEGER

Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa  
apresentada à Comissão Coordenadora do Curso  
de Pós-Graduação em Letras da UFRGS

ORIENTADOR: Prof. Dr. ALBINO DE BEM VEIGA

Porto Alegre

1980

A Denise e André  
pelas horas que não brincamos,  
Ao Busato  
por acreditar.

## SUMÁRIO

SINOPSE .....	IV
ABSTRACT .....	V
LISTA DE ABREVIATURAS .....	VI
1 - INTRODUÇÃO .....	1
2 - DICIONÁRIO .....	9
3 - CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS .....	14
3.1 - Lexicologia/Lexicografia .....	14
3.2 - Semântica .....	21
4 - DEFINIÇÃO .....	41
5 - ANÁLISE SÊMICA DOS VERBETES .....	70
5.1 - Instrumentos de análise .....	70
5.2 - Critérios de análise .....	79
5.3 - Procedimentos .....	82
5.4 - Delimitação e escolha do "corpus" .....	83
5.5 - Apresentação do "corpus" .....	95
6 - CONCLUSÃO .....	192
6.1 - Síntese .....	192
6.2 - Considerações .....	194
6.3 - Comprovação das hipóteses .....	202
7 - BIBLIOGRAFIA .....	207
8 - CURRICULUM VITAE .....	213

## SINOPSE

Estudo da definição lexicográfica, através da análise sêmica de 18 verbetes substantivos do Novo Dicionário Aurélio, selecionados aleatoriamente. O enfoque básico é o questionamento do verbete em termos da pertinência das acepções propostas e da formulação dos textos das definições. Quanto ao último aspecto, busca-se identificar a melhor forma lingüística que dê conta do verdadeiro significado do item lexical.

O método de trabalho se apóia em pressupostos teóricos da corrente francesa da Semântica estrutural, basicamente nas obras de Bernard Pottier e Greimas.

## ABSTRACT

Lexicographical definition study in the New Aurélio Dictionary, through eighteen aleatorily selected noun entries semic analysis. The basic focus lies on the entry's questioning in terms of the proposed acceptations pertinence and the definition texts formulating. As to the last aspect, searching to identify the best linguistical form enclosing the real significance of the lexical item, is the purpose.

The work method is founded on the French current theoretical presuppositions of the structural Semantics, basically on the works of Bernard Pottier and Greimas.

## LISTA DE ABREVIATURAS

DL	=	Definição lexicográfica
AS	=	Análise sêmica
A	=	Ação
P	=	Produto
Q	=	Qualidade
E	=	Estado
S	=	Sentimento
R	=	Relação

## 1 - INTRODUÇÃO

A disciplina de Lexicografia da Língua Portuguesa, oferecida pelo Curso de Pós-Graduação em Letras desta Universidade, permitiu que se entendessem os dicionários não só como produtos culturais lingüísticos de extrema importância como também fontes de pesquisas lingüísticas. A esse respeito, ficou demonstrada a carência de estudos sistemáticos sobre a Lexicografia brasileira.

Optou-se, então, por realizar um trabalho que considerasse a finalidade precípua de um dicionário que é a a apresentação do significado das palavras de uma língua ao consulente. Conseqüentemente, esta dissertação tem por objetivo fazer uma análise da definição lexicográfica em verbetes substantivos do Novo Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

A escolha recaiu sobre esta obra em virtude de sua publicação recente e porque seu autor conta com certa tradição na Lexicografia brasileira. Não se pode também deixi

zar de mencionar que o Dicionário Aurélio teve boa acolhida junto ao público em geral e, por vezes, junto à crítica especializada no sentido de se tratar de "marco importante na lexicografia da língua portuguesa" (Luft, 1975).

É importante situar a obra numa época em que estudos especializados visam a reestruturar a Lexicografia no sentido de que perca o caráter intuitivo de atividade meramente compilatória e busque se desenvolver à luz de teorias linguísticas que lhe confirmem maior rigor e método.

As pesquisas de Lexicografia têm se preocupado com os mais variados aspectos que influenciam a composição dos dicionários. A este trabalho, cujos limites são a própria definição lexicográfica, interesse a área Semântica.

Não se pretende, portanto, analisar o dicionário do ponto de vista de sua organização interna. Vale dizer que não se considera a ordem seqüencial dos verbetes nem sua segmentação. Nem mesmo é questionada a presença ou ausência de neologismos, estrangeirismos ou registros especiais. Não há interesse em avaliar a exaustividade da obra. Todos esses aspectos dizem respeito ao trabalho lexicográfico como um arranjo formal. A essa visão técnica do dicionário, alia-se o campo complexo da significação no qual se inscreve o interesse aqui manifestado.

Captar a maneira como o dicionarista trata a área semântica de sua obra, onde as acepções de uma entrada lexical constituem um universo de significação é o objetivo



primordial desta dissertação. O tratamento semântico é estudado sob dois ângulos: um referente à pertinência das aceções propostas e outro relacionado ao aspecto formal de construção da definição.

Definir lexicograficamente é fazer corresponder a uma unidade lexical todos os sentidos que a recobrem. Isso nada mais é do que desenvolver uma descrição semântica do lexema definido. Em termos de dicionário, uma descrição semântica equivale ao conjunto de aceções que compõem o verbete. Tal descrição, sob qualquer aspecto, deve ser o resultado de uma visão rigorosa dos fatos do sentido.

A partir do pressuposto de que uma descrição semântica pode dar conta de um cuidadoso programa de definições é que se procede à análise sêmica dos verbetes. A análise sêmica é considerada um instrumento adequado para julgar a definição, pois revela a significação do lexema. Nessa medida, permite constatar o ponto de conjunção e disjunção entre as aceções do verbete. Por esse caminho, pode-se verificar se as fronteiras sêmicas entre as aceções correspondem efetivamente a novos significados.

Por outro lado, procura-se também, pela análise sêmica, configurar a melhor forma de definição. Através do questionamento do nível semiológico da linguagem, pretende-se verificar a formulação sintática que dê conta do maior número de traços significativos do lexema analisado.

Esses são os dois aspectos básicos sob os quais a definição é aqui estudada, ou seja, em termos de aceção e de formulação sintática.

As considerações referentes à organização da definição em termos de aceção restringem-se ao âmbito do Novo Dicionário Aurélio, enquanto as relacionadas à formulação sintática são de caráter geral.

Vários outros aspectos sobre a definição lexicográfica poderiam ser problematizados, entretanto, considerar informações como etimologia, ordem de importância das aceções ou mesmo o problema da exemplificação - abonação - levaria a um distanciamento dos objetivos aqui propostos. Não se chega mesmo a problematizar os níveis de significação: conotação ou denotação. São entendidos como parte integrante do universo significativo que compõe o verbete.

Dessa forma, questiona-se a definição do ponto de vista exclusivamente semântico. Eis por que se postula a análise sêmica como o instrumento revelador da significação do lexema, constituindo-se na base semântica pela qual se julga a organização das aceções. Torna-se, assim, a medida de avaliação do trabalho do lexicógrafo quanto à formulação das definições e quanto à divisão das aceções.

O suporte teórico desta dissertação encontra-se nos fundamentos epistemológicos da corrente francesa da semântica estrutural, basicamente nas obras de A.J. Grei-

mas e de Bernard Pottier.

A semântica estrutural, desenvolvida a partir dos postulados de Saussure e, sobretudo, das reformulações de Hjelmslev sobre o signo lingüístico, procura descrever sistematicamente o significado, em termos estritamente lingüísticos, numa tentativa de chegar a uma descrição científica. Para o projeto de descrição, diferencia-se a significação imanente de um lexema da significação manifestada.

A significação imanente corresponde à substância do significado e a manifestada à sua forma. Esta configura-se no discurso, considerado o nível semântico da linguagem, enquanto que o nível semiológico ou sêmico identifica-se com a substância do significado.

No nível semiológico, onde a análise sêmica se configura, os traços mínimos de significação, os semas, são equacionados. Constituem-se na metalinguagem descritiva da significação. Donde, justifica-se, num trabalho que segue a orientação estrutural, a utilização da análise sêmica como instrumento de avaliação de uma definição lexicográfica.

É importante considerar que este trabalho se inspira nos pressupostos teóricos da semântica estrutural, mas não aplica um modelo à análise de suas definições. Na verdade, inexistente um modelo teórico para esse fim. Dos autores acima mencionados, aproveitaram-se elementos de suas teorias para a categorização dos semas na análise sêmica. Des

sa maneira, justifica-se a razão de não se atribuir o rótulo de estrutural ao método utilizado. Os pressupostos estruturais constituem apenas um meio de ordenação possível a ser dada às definições.

Da mesma forma, cabe explicitar que não se propõe uma fórmula de definição, mas indicam-se elementos cuja presença marcariam uma definição adequada. Assim, as hipóteses levantadas são:

a) as acepções, propostas em cada verbete, não correspondem, na sua totalidade, a significados distintos da palavra de entrada;

b) a melhor forma lingüística de definição é a expansão na qual se configura uma categoria semântica abrangente e diferenças específicas.

Procurou-se a comprovação das hipóteses num corpus de dezoito verbetes substantivos. Esse número é o resultado de uma relação inicial de 116 verbetes substantivos escolhidos aleatoriamente com orientação estatística. Esse conjunto foi reduzido a grupos em função do número de acepções presentes em cada verbete e da estrutura lingüística dos termos definidores, isto é, da forma como cada acepção se apresenta ao leitor: por denominação, equivalente à sinómia, ou por paráfrases, correspondentes à descrição. A distinção baseia-se numa proposição de Greimas e a metalinguagem é também sua.

De cada um dos grupos, escolheu-se apenas um verbete para efetuar-se a análise sêmica, porque o procedimento analítico acarretou, por si só, acentuado desdobramento, tendo o estudo da totalidade dos verbetes se revelado de uma exaustividade desnecessária.

O grupo composto por verbetes remissivos e o de uma acepção por denominação não foram considerados pertinentes para análise, pois seus componentes não se adequavam à comprovação das hipóteses.

A determinação de analisarem-se somente substantivos foi arbitrária e teve por finalidade limitar o âmbito da dissertação a uma classe. Esta pesquisa, num quadro mais amplo, corresponde a uma etapa apenas. A opção pela primeira classe gramatical justifica-se por se constituir na de maior amplitude, representativa, portanto, do maior número de artigos do dicionário.

Os resultados da análise são indicados particularmente a cada verbe e, num segundo momento, formulam-se conclusões gerais sobre a definição.

É importante situar esta dissertação não como uma pesquisa de Semântica, mas como um trabalho sobre Lexicografia que se apóia na Semântica ao formular críticas e apontar perspectivas para a definição lexicográfica.

Feitas essas considerações, que objetivam justificar a escolha do tema desenvolvido, situar o campo de pes

quisa, esclarecer a metodologia e os procedimentos empregados, quer-se deixar ainda registrado um agradecimento àque las pessoas que, de uma ou outra forma, prestaram valiosa colaboração a este trabalho, ao longo de sua execução.

As colegas Leci Barbisan, pelo empréstimo de importantes fontes bibliográficas, as quais permitiram fundamentar mais substancialmente esta pesquisa; à Eleni Jacques Martins, pela leitura crítica; a Bina Maltz, Elizabeth Bastos Duarte e Maria Lília Dias de Castro, por valiosas sugestões e grande companheirismo.

Ao professor João Beal Vargas, pela importante orientação estatística.

À professora Ione Bentz, o reconhecimento muito especial pela abertura de caminhos, pela constante disponibilidade e incansável dedicação.

Ao professor Dr. Albino de Bem Veiga, pela perspectiva apontada, segurança e objetividade na orientação.

## 2 - O DICIONÁRIO

A obra lexicográfica monolíngue, chamada dicionário de língua, é importante na sociedade por várias razões. Inicialmente, permite que o consulente encontre os significados das palavras da língua. O leitor, ao consultar um dicionário, busca tornar clara uma zona da linguagem.

Uma obra dessa natureza é também importante porque facilita a comunicação lingüística e se constitui no lugar privilegiado de referência do conhecimento lingüístico e cultural. É, muitas vezes, o livro por excelência, ou seja, o receptáculo do "tesouro comum" (Dubois, Jean & Claude, 1971,p.7) que é a língua para os falantes. É também o elemento de valorização dos comportamentos verbais de uma comunidade, tornando-se a norma, a medida de qualidade de um enunciado.

Por outro lado, a consulta ao dicionário constitui-se, muitas vezes, na busca de um termo capaz de substituir, pela sua significação semelhante, um outro já bastan-

te utilizado num processo de comunicação.

Tais aspectos evidenciam a responsabilidade e a importância sócio-cultural da obra lexicográfica que, para se realizar, exige de seu autor um árduo trabalho.

O usuário, na realidade, não tem consciência da complexidade de um dicionário de língua, lugar onde a própria língua é descrita e colocada à sua disposição para que possa obter os conhecimentos que lhe faltam. Acredita que a técnica lexicográfica se restringe à classificação dos verbetes, ao acréscimo de novas "palavras" que surgiram na língua, ou a modificações de significados sofridas pelos termos.

A feitura de um dicionário, embora pareça tarefa simples que exige apenas tempo, paciência e método é, em sua essência, um trabalho extremamente complexo.

"Uma atividade prática existe desde a antiguidade, cujo objeto é, precisamente, as unidades lexicais, e que é destinada a classificar os signos, segundo uma ordem conveniente e a dar informações sobre seu assunto é a lexicografia ou técnica dos dicionários". (Rey, 1970, p.19)

A Lexicografia é definida como atividade prática de elaborar dicionários. Do ponto de vista técnico, é um arranjo formal, mas não se limita a isso, porque também trabalha com o léxico e dá a significação de suas unidades. Entende-se assim seu relacionamento íntimo com a Lexicologia e a Semântica.

As três são disciplinas que pertencem a um domí-



nio comum, pois se referem a elementos da língua carregados de significação. Tais elementos são objetos de seu estudo, mas em diferentes aspectos e formas.

A Lexicografia é, em última análise, a descrição da significação das palavras com vistas a seu registro no dicionário.

A Lexicologia é o estudo científico do léxico, vale dizer, estudo das unidades lexicais e do léxico enquanto sistema. Nessa medida, é a ciência que busca fixar os principais métodos da Lexicografia. Por razões práticas de estudo, estão separadas, mas sem um bom suporte lexicológico, a Lexicografia deixa de existir.

"Duas palavras que designam duas atitudes e dois métodos em fase do léxico: a lexicografia é a técnica dos dicionários; a lexicologia é o estudo científico do léxico. É evidente que o lexicógrafo não pode tratar do léxico, fazer listas do mesmo e definir-lhe os termos sem ter, mesmo que de maneira pouco consciente, uma concepção teórica do conjunto lexical sobre o qual trabalha; em compensação, o lexicólogo não pode passar sem os instrumentos de documentação (verdadeiros mostruários) constituídos pelos dicionários". (Genouvrier & Peytard, 1974, p.342)

Essas disciplinas, juntamente com a Semântica, trabalham com segmentos lingüísticos enquanto portadores de significação, mas a que aborda exclusivamente o problema do sentido das palavras é a Semântica, definida como ciência ou teoria das significações lingüísticas.

"A descrição semântica das palavras isoladas (em contextos apropriados) é o domínio próprio da lexicografia. O estudo das

leis semânticas e dos meios formais (fonológicos e gramaticais) pelos quais eles se realizam é chamado de lexicologia". (Weinreich, 1970, p. 69)

O pensamento de Weinreich ilustra a íntima ligação entre as três áreas. Pode-se concluir, então, que a tarefa de elaborar um dicionário exige conhecimentos de Lexicografia, Lexicologia e Semântica. Num conceito moderno, o lexicógrafo deve ser um estudioso dos fatos científicos da língua. Por essa razão, afirma-se que:

"Há, entre os lexicógrafos, uma geração liderada pela intuição lexicográfica e outra, liderada pela técnica lexicográfica. Apenas aos últimos pode-se chamar propriamente de lexicógrafos; os outros são antes fazedores de dicionários". (Veiga, 1977, p.71)

Não se pode, contudo, exigir do trabalho lexicográfico o que ele não tem condições de oferecer. A natureza social dos dicionários limita as aplicações das teorias lingüísticas.

A Lexicografia não deve ser concebida como "a aplicação de um modelo lingüístico teórico" (Rey-Debove, 1971, p. 375). Essa visão ultrapassaria suas possibilidades e desvirtuaria sua vocação natural. Os estudos lingüísticos, porém, não devem ser relegados na feitura de um dicionário.

Lingüistas como Alain Rey, Josette Rey-Debove e Uriel Weinreich acreditam que, se os lexicógrafos considerassem as pesquisas lingüísticas, seus produtos teriam mais rigor. Nesse sentido, Josette Rey-Debove (1971, p.375) con

sidera que "os progressos da lingüística e especialmente da semântica trarão ao lexicógrafo modelos mais precisos".

Com base nessa exposição, desenvolvem-se os três capítulos seguintes que abordam alguns problemas dessas áreas essenciais para a elaboração de dicionários.

### 3 - CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

#### 3.1 - Lexicologia/Lxicografia

A uniformidade do conceito de Lexicografia não impede divergências na elaboração de dicionários monolíngües, porque os lexicógrafos são unânimes quanto ao que devem fazer, mas diferem quanto à forma de fazê-lo. Tal divergência não é gratuita, deve-se à natureza descontínua e aberta do objeto de estudo, o léxico de qualquer língua.

A Lexicologia, estudo científico do léxico, contribui para que o dicionarista tenha uma concepção teórica do conjunto lexical sobre o qual trabalha. Assim, o léxico e as unidades que o compõem constituem-se igualmente em objetos lexicográficos.

O léxico é, geralmente, definido como o conjunto de todas as palavras de uma língua. Definição resultante de uma corrente que toma a palavra, em sentido comum, como a unidade lexical.

Uma posição divergente é a da linha estrutural americana para a qual a unidade do léxico é o morfema, unidade de significante mínima (Rey-Debove, 1966, p.18).

Os morfemas são divididos em lexicais e gramaticais no sentido de Martinet. Muitas vezes, o morfema lexical coincide com a palavra, mas, com o gramatical, a situação não é idêntica.

Estabelecida a distinção entre os morfemas, chega-se necessariamente ao raciocínio de que esses elementos não estão todos no mesmo plano na produção da frase: os morfemas produzem palavras e não frases. É bem verdade que produzem as frases com o auxílio de regras gramaticais. Don de "uma frase não é jamais construída através de morfemas, mas a partir de unidades codificadas mais altas" (Rey-Debove, 1966, p.182).

As unidades codificadas mais altas, compostas de elementos menores, são as palavras. Eis por que uma definição de léxico como "conjunto de palavras de uma língua" (Rey-Debove, 1966, p.183) é o resultado de um posicionamento e de uma reflexão contrária à corrente americana.

Pode-se ainda lembrar que, para o lexicólogo, é pertinente tratar com palavras, porém para o gramático, sua unidade de pesquisa é mesmo o morfema.

O conceito de léxico leva a outras considerações que podem ser deduzidas de uma afirmação como:

"Léxico é o conjunto de todas as palavras que, num momento dado, estão à disposição do locutor". (Genouvrier & Peytard, 1974, p.279)

Uma nova relação é introduzida: léxico e locutor. O usuário da língua pode dispor de um conjunto ilimitado de palavras, mas não o faz, porque nenhum falante conhece todas as palavras de sua língua. Cada falante possui ou domina um léxico individual.

Assim caracteriza-se o léxico como um conjunto potencial e abstrato, representante, numa certa medida, de todos os léxicos individuais dos falantes da língua. O conjunto dos individuais forma o léxico global dessa língua. Cada léxico individual é uma parte estruturada do global.

No momento em que o conceito de léxico global está relacionado a potencial, abstrato e ideal, impõe-se ainda uma distinção entre léxico individual e vocabulário.

O léxico individual é também potencial e abstrato, na medida em que se opõe a vocabulário visto como:

"O conjunto das palavras efetivamente empregadas pelo locutor num ato de fala preciso. O vocabulário é a atualização de certo número de palavras pertencentes ao léxico individual do locutor". (Genouvrier & Peytard, 1974, p.279)

Tal diferença indicia a conveniência de falar-se de léxico (global/individual) em nível da língua e de vocabulário em nível de discurso, da fala. Nessa perspectiva, o vocabulário é a atualização de um léxico individual. A dis

tinção baseia-se na dicotomia saussuriana de língua-fala (Rey, 1970, p. 76).

O léxico global pode ainda ser subdividido em léxicos específicos. Estes se referem a línguas regionais, sociais, temáticas e a línguas de geração (Rey-Debove, 1966, p. 197). As línguas regionais são típicas de regiões de um mesmo país. São línguas em que ocorrem variações lexicais e não diferenças de estrutura. As sociais refletem a oposição de classes dentro da sociedade atual. É aqui que pode ocorrer o desvio entre língua culta e gíria. As línguas temáticas referem-se a temas diversos. São representativas de uma atividade profissional, esportiva, etc.. As línguas de geração são aquelas lexicalmente contrastantes, pois são faladas por pessoas de idades diferentes, mas que coexistem numa mesma sociedade.

Essa visão geral procura mostrar que, além de sua complexidade, o léxico é um elemento rico, aberto e descontínuo. Comporta variações em nível de língua e de discurso, porque, em última instância, se constitui no iventário do "mundo"!

"O léxico é testemunho dos acontecimentos, da mitologia e da ideologia de uma civilização; ele constitui o material mesmo da etnologia e da história". (Rey-Debove, 1966, p. 184)

A Lexicologia, preocupação momentânea deste trabalho, está centrada na análise de elementos separados do

léxico, ocupa-se de suas unidades: as palavras.

O problema da palavra acompanha a própria história da Linguística, do ponto de vista de sua natureza, de sua significação, de sua formação ou de sua função. Para o leigo, a noção de palavra parece ser um ponto pacífico, fora de controvérsias, mas para os estudiosos da língua é crucial.

Os lingüistas encaram esse problema em função da possibilidade de segmentação das unidades lexicais, de acordo com a abordagem específica de seus estudos. A maioria preferiu deixar de lado esta noção controvertida e trabalhar aquém da palavra. Assim se explica a análise lingüística em traços pertinentes de elementos formais que compõem os signos tanto em nível fonológico como morfológico, sintático e semântico.

Para a Lexicologia, entretanto, a palavra é entendida como a gramática tradicional a define: "Vocábulo provido de significação externa" (Mattoso, s.d., p.296). Vale dizer com individualidade ao mesmo tempo significativa e formal. Graficamente é um agrupamento de letras, limitado à direita e à esquerda por espaços em branco que constituem suas fronteiras naturais.

O conceito lexicológico da palavra estende-se à Lexicografia. A segmentação interna do signo lingüístico, a possibilidade de trabalhar aquém da palavra não serve ao lexicógrafo, cuja obra destina-se a um público sem conheci



mento da ciência lingüística. Seu objetivo exige que trabalhe com o conceito tradicional de palavra: unidade pertinente do dicionário.

Embora sirva ao lexicógrafo o conceito tradicional de palavra, os dicionários divergem quanto ao número de vocábulos apresentados. Não só porque podem não abranger os mesmos níveis de língua, mas porque discordam quanto à segmentação das unidades.

A Lexicografia apresenta as unidades lexicais, com a finalidade de relacioná-las a seus significados. Em última análise, é uma "semântica da unidade lexical, palavra ou lexia" (Rey, 1965 (7) p. 66).

Essa afirmação toma lexia no conceito de Pottier: unidade de comportamento, constituída de palavras (1972, p. 55).

A lexia é dividida em:

- a) Simples - coincide com a palavra: cão;
- b) Composta - contém várias palavras já em parte ou totalmente integradas: porta-copos;
- c) Complexa - seqüência mais ou menos estereotipada de palavras: à medida que.

No momento em que a apresentação dos significados se impõe, as divergências se configuram, tanto do ponto de vista da segmentação das unidades como do tratamento da polissemia.

Quanto à segmentação de unidades compostas, os dicionários podem apresentá-las unicamente como um todo ou desmembrá-las. Enfrentam, nesse sentido, problemas de lexia polimorfas como é o caso do verbo. Para evitar multiplicações, escolhem uma forma de apresentação. Optam também por um tratamento único quanto a aspectos gramaticais como gênero e número.

Outras situações semelhantes poderiam ser lembradas, mas essas são suficientes para se perceber que "a unidade lexical dos dicionários é morfológica, não semântica, pois a unidade sêmica corresponde somente ao resultado de uma análise" (Rey, 1965 (7) p. 76).

As divergências transparecem também em nível de polissemia: "caso em que uma única palavra gráfica ou fonética apresenta vários sentidos" (Genouvrier & Peytard, 1974, p. 300). Os dicionários necessitam decidir se devem contar tantos artigos quantos forem os sentidos recobertos. Apóiam-se, muitas vezes, na etimologia para resolverem esse impasse.

A própria organização interna dos verbetes recebe diferentes interpretações quanto aos significados que comporta. Segundo Casares, a palavra isolada, tal como se apresenta ao lexicógrafo, é um núcleo de possibilidades significantes, mas há algumas que se realizam com frequência e se repetem com igual valor até o ponto de individualizar-se. Cada sentido especial ou geral é o que em Lexico

grafia se constitui numa acepção (1950, p. 58).

A diferença, entre os dicionários, referente ao número de acepções num verbete, depende não só da própria unidade de tratamento, mas do critério do lexicógrafo. Em alguns casos, são analisadas inclusive matizes conceptuais e consideradas como diferentes significados; em outros, são separadas apenas as acepções que racionalmente não poderiam fundir-se.

Esta exposição apresenta, sucintamente, alguns dos sérios problemas para a composição de um dicionário, desde a difícil escolha das unidades de tratamento até a apresentação das acepções.

Dessa forma, entende-se que um dicionarista não pode elaborar sua obra sem utilizar os dados da Lexicologia, a qual, por sua vez, procura, na prática lexicográfica, matéria de reflexão sobre si mesma.

### 3.2 - Semântica

A Semântica é definida como a ciência ou a teoria das significações lingüísticas (Mounin, 1972, p. 8).

A palavra semântica foi empregada, pela primeira vez, por Michel Bréal em 1883 para definir um tipo de estudo que buscava determinar:

"as leis que presidem à transformação dos sentidos, à escolha de expressões novas, ao nascimento e à morte das locuções". (Bréal, apud Ullmann, 1972, p. 8)

A Semântica era então considerada como um estudo histórico. Para encontrar as causas das alterações dos significados das palavras, buscavam-se elementos da cultura, da história, portanto exteriores à própria língua.

Os princípios lingüísticos, introduzidos por Ferdinand de Saussure, permitiram que uma abordagem sincrônica e sistemática dos fatos do sentido substituíssem a visão historicista. Entretanto é recente a prática da descrição do significado nessa perspectiva.

O tratamento sistemático do significado, em termos estritamente lingüísticos, numa tentativa de chegar a uma descrição científica, é a proposta da Semântica estrutural. Corrente que segue as diretrizes de Saussure e de Hjelmslev e se estabelece definitivamente com Bernard Potier e Algirdas Julien Greimas dentro da escola francesa. Assim definida, pôde ela formular teorias capazes de descrever sistematicamente o significado.

Parece oportuno desenvolver mais atentamente essa proposta de análise, uma vez que fundamenta esta dissertação.

Em primeiro lugar, para se captar a linha de desenvolvimento da corrente estrutural, é preciso ressaltar seu pressuposto básico de que a apreensão da significação

se deve à percepção. Dessa forma:

"A afirmação de que as significações do mundo humano se situam no nível da percepção consiste em definir a exploração no mundo do senso comum, ou, como se diz, no mundo sensível. A semântica é reconhecida assim abertamente como uma tentativa da descrição do mundo das qualidades sensíveis". (Greimas, 1973, p.16)

coloca que é a parcela de sensibilidade humana que capta, que percebe os significados. Tal caminho, admitido abertamente, não impede que a Semântica estrutural busque ser científica. Nesse sentido, propõe um projeto de descrição do significado que se organiza a partir de considerações de Saussure.

Pretende-se agora estabelecer uma relação entre alguns aspectos da teoria saussuriana e os fundamentos da semântica estrutural.

Ferdinand de Saussure contraria a idéia de que a língua é uma nomenclatura e define a unidade lingüística como uma coisa dupla, constituída da união de dois termos, e que une um conceito a uma imagem acústica, chamados, mais tarde, respectivamente de significado e significante.

"É em razão da forma do conteúdo e da forma da expressão, e apenas em razão delas, que existem a substância do conteúdo e a substância da expressão que surgem quando se projeta sobre o sentido tal como um fio esticado projeta sua sombra sobre uma superfície contínua". (Hjelmslev, 1975, p. 61)

Assim os estudos semânticos inscrevem-se na área

do plano do conteúdo e, do ponto de vista estrutural, descrevem a substância do conteúdo que se manifesta através de sua forma: a forma do conteúdo.

O enfoque semântico restringe-se ao plano do significado, no qual a expressão é considerada como condição de existência do sentido.

"A existência do significante pressupõe pois a existência do significado. Por outro lado, o significo só é significado porque existe um significante que o significa". (Gre<sup>i</sup>mas, 1973, p. 17)

O segundo aspecto fundamental para o estruturalismo semântico refere-se à natureza arbitrária do signo lingüístico. Para Saussure, a unidade lingüística representa a união de um conceito (significado) a uma imagem acústica (significante) e não a união de uma coisa a uma palavra.

Essa união é considerada arbitrária, o que determina porque "o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado com o qual não tem nenhum laço natural na realidade" (Saussure, 1973, p. 73).

Tal ponto de vista determina o signo lingüístico como uma "entidade psíquica", independente do referente, isto é, da coisa que nomeia. A arbitrariedade existe em relação ao fenômeno ou ao objeto material designado pelo signo.

Esse pressuposto sustenta a teoria semântica es

trutural que procura definir o significado em termos estritamente lingüísticos. Tanto que:

"O reconhecimento da limitação do universo semântico implica, por sua vez, a rejeição dos conceitos lingüísticos que definem a significação como a relação entre signos e coisas, e notadamente a recusa em aceitar a dimensão suplementar do referente". (Greimas, 1973, p. 21)

Tal perspectiva configura um estudo lingüístico que se encerra em si mesmo ao buscar as explicações com base na língua e não em elementos exteriores a ela. Na verdade, pretende descrever e não explicar a significação.

O primeiro passo para a descrição do significado é o estabelecimento de uma metalinguagem operacional. Assim, os objetos desse estudo, que é o sistema lingüístico, passa a ser denominado de "língua-objeto" e a linguagem da pesquisa semântica é a própria metalinguagem operacional, revestida de caráter científico. A cientificidade pretendida se dá pela organização de um corpo de definições, no qual os termos são previamente estabelecidos.

O terceiro ponto de relação encontra-se na concepção de língua como estrutura, o que implica aspectos de valor e de significação da unidade lingüística.

A famosa comparação de Saussure da língua com o jogo de xadrez ilustra a sua afirmação de que:

"... a língua é um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resul

ta. Não somente da presença simultânea de outros...". (Saussure, 1973, p. 133)

Para chegar a esse conceito, o mestre de Genebra fixou, inicialmente, a distinção entre estudos lingüísticos diacrônicos, de caráter evolutivo, e sincrônicos, referentes a um estado de língua. Desse forma, considera as propriedades gerais do signo como pertinentes à lingüística sincrônica.

A propriedade evidenciada agora é o valor do signo lingüístico. Como o signo pertence a um sistema, seu valor é determinado pelas relações que estabelece com os outros signos dentro do sistema. As relações são aqui entendidas no sentido de valor opositivo, de limite, de diferenciação, fazendo com que um signo seja o que o outro não é. Em virtude dessa concepção, Saussure aborda a íntima relação entre o valor do signo e sua significação e a questiona também.

"O valor, tomado em seu aspecto conceitual, constitui sem dúvida um elemento da significação, e é difícilimo saber como esta se distingue dele, apesar de estar sob sua dependência". (Saussure, 1973, p. 133)

A dependência existe no momento em que é o valor de oposição dos signos dentro do sistema que possibilita se fixarem os limites da significação particular de cada unidade.

"Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subtende-se que são puramente



te diferenciais, definidos não positivamente pelo seu conteúdo mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são". (Saussure, 1973, p. 136)

Vê-se então que, sem relações, a significação não existiria. Por essa razão, o "Curso de Linguística Geral" registra que "na língua só existem diferenças" que se definem ao nível da forma e são apreendidas ao nível da substância.

A concepção de que a língua é feita de oposições é considerada revolucionária pelo próprio Greimas que a vê como a única perspectiva de abordar o problema da significação. Assim, é a noção de relação, ponto de partida do pensamento saussuriano, que norteia a concepção de estrutura semântica da linha estrutural. É nesse enquadramento que a estrutura elementar da significação configura-se como a relação que ocorre entre dois termos-objetos da língua.

Do ponto de vista lingüístico, as diferenças são percebidas quando dois termos-objetos são captados juntos pela sua relação. Em consequência, um só termo não comporta significação e esta pressupõe a existência de relação entre os termos, condição necessária da significação (Greimas, 1973, p. 28).

Saussure apenas evidencia a importância do valor de oposição do signo lingüístico ao relacioná-lo com a significação. A semântica estrutural, porém, como se propõe a um projeto de descrição de significação, mostra como se cap

tam as diferenças relacionalmente. Tal relação é de natureza dupla, pois para que dois termos-objetos sejam captados juntos é necessário que possuam algo em comum e, ao mesmo tempo, elementos que os distingam. O ponto de identidade configura a relação de conjunção e a diferença, a relação de disjunção.

Com base no conceito de relação conjuntiva e disjuntiva entre dois termos, percebe-se a proposta estrutural que é "ao nível das estruturas que é necessário procurar as unidades significativas elementares e não ao nível dos elementos". (Greimas, 1973, p. 30) Assim concebida, a língua apresenta-se como uma reunião de estruturas de significação que se processam em nível sintagmático.

As relações sintagmáticas e paradigmáticas que podem ser atualizadas pelo signo em diversos níveis são o último ponto de ligação a ser focado entre os pressupostos linguísticos e os fundamentos da Semântica estrutural.

As primeiras, relações sintagmáticas, baseiam-se no caráter linear da língua, onde os termos colocados consecutivamente compõem o sintagma. Um termo só adquire valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue. A significação emerge então pelo valor de oposição.

A relação paradigmática une termos que oferecem algo de comum, mas sua relação é extraída de "uma série mnemônica virtual". Nessa medida, a significação dos termos se equaciona por oposição a outros signos do sistema que não es

tão na linearidade do processo discursivo. Neste, unidades sintagmáticas de maior extensão podem ser descritas.

Essa dicotomia traz duas possibilidades para o estudo da significação, determinando áreas diferentes e métodos próprios para cada tipo especial de descrição. Resulta, então, uma semântica que descreve termos-objetos que estão em relação paradigmática com outros termos da língua. Caracteriza-se sobretudo por não ultrapassar os seus limites, ocupando-se apenas do conteúdo de termos-objetos: é a Semântica lexical.

A outra área envolve as relações dos termos no discurso e trabalha com unidades sintagmáticas maiores do que um termo-objeto. Seu alvo não é o conteúdo da unidade lexical mas o do enunciado. É considerada a semântica da frase ou do discurso (Rey, 1970, p. 216)

A exposição acima, ao procurar mostrar que a semântica estrutural tomou por base os postulados saussurianos, admite que:

"Foi necessário meio século para a linguística compreender o que era realmente o arbitrário do signo de que fala Saussure, para assimilar a noção de valor, para redescobrir a noção de economia e o caráter discreto das entidades lingüísticas sobre o plano do conteúdo e da expressão para colocar o problema dos universais da linguagem e a de definição explícita das exigências de uma teoria da descrição lingüística". (Mauro, 1978, p.357)

Em virtude de seu ambicioso projeto de descrever sistematicamente o significado, por meios unicamente lin

güísticos, a Semântica estrutural necessita definir seus instrumentos de descrição. É apenas com este fim que se busca, agora, conceituar o universo da significação.

### 3.2.1 - Significação

Há grande divergência de opiniões sobre as noções de sentido, significado e significação. Verdadeiros tratados a esse respeito encontram-se disseminados por diferentes áreas tais como: Filosofia, Lógica, Lingüística, Semiologia e outras.

A necessidade de conceituar esses três termos diz respeito a sua aplicação neste trabalho. Dessa forma, não se considera pertinente desenvolver aqui teorias sobre a significação, mas apenas dimensionar os limites de sua definição e aplicação neste estudo.

Verifica-se que há, também entre os lingüistas, diversidade de tratamento sobre os conceitos relativos à significação e poucos conseguem defini-los adequadamente.

A esse propósito, Benveniste afirma que as noções semânticas se apresentam sob uma forma vaga e que o primeiro passo é o estabelecimento de um corpo de definições rigorosas (apud Lyons, 1974, p. 89). Geralmente, os lingüistas utilizam as expressões de significado, sentido e significação como sinônimos, numa tentativa de tornar mais rica sua linguagem. Pretende-se aqui fazer uma breve

exposição que delimite esses conceitos que serão os mesmos aplicados à análise do corpus desta dissertação.

Antes de se chegar a essa fase, algumas observações devem ser feitas, utilizando-se o conceito tradicional da palavra e a noção de "sentido" tal como é concebida pelos dicionários que distinguem para cada termo dois ou três sentidos (Guiraud, s.d., p. 144).

Emile Genouvrier e Jean Peytard lembram que o sentido é o termo mais difícil de definir porque envolve a própria noção de sentido, o que não impede que se tenha a "experiência" do sentido":

"Ademais, quando resenhamos os contextos onde entram as palavras, temos a consciência de delimitar, ainda que de maneira fugaz, determinados sentidos, que podemos fazer variar modificando os contextos. Esse jogo de variações só se torna possível pelo facto de que cada elemento delimitado não é um lugar vazio, mas participa do sentido da frase ou de um enunciado mais longo, ou seja, faz parte integrante do sentido, é parte do sentido; o facto de que o locutor pode isolar palavras, num conjunto, reempregá-las em outros conjuntos (as frases que ele enuncia de novo) denota que ele atribui às palavras um papel semântico". (Genouvrier e Peytard, 1974, p. 337)

A transcrição acima contém dois aspectos importantes:

a) o sentido da palavra é o que ela adquire através de relações com o contexto;

b) o papel semântico da palavra, que equivale à condição de existência da própria palavra, é o fato de ver

cular um conteúdo.

O primeiro aspecto estabelece que a palavra adquire sentido nas estruturas lingüísticas. Estas, em nível de discurso, manifestam a linguagem e constituem-se no contexto lingüístico, definido por Greimas como uma rede de construções sintáticas (Greimas, 1973, p. 53).

Em termos de linguagem, o contexto pode ser definido como um "conjunto em função do qual todo o fato de linguagem deve ser interpretado - é uma organização cujas propriedades específicas estão determinadas pela intenção de comunicação, pela possibilidade de interpretação por parte do receptor" (Slama-Cazacu, 1970, p. 289).

Coloca-se assim o contexto como organizador da expressão lingüística, cuja função é transmitir significados. Verifica-se, de pronto, o papel do contexto no estudo do significado.

Para a semântica estrutural, o sentido não é adquirido, mas apenas se fixa pelo contexto lingüístico.

"(....) assim, por mais flutuante que fosse a significação de uma palavra, ela não se definiria exclusivamente pela sua situação no contexto; o contexto apenas eliminaria certas potencialidades de significação da palavra e a tornaria menos imprecisa, ao definir em que condições se somaria ao sentido da base os outros matizes dependentes do contexto". (Marques, 1976, p. 37)

Dessa forma, uma mesma palavra não teria significações múltiplas, mas comportaria matizes diferentes de uma

mesma significação básica, sem deixar de preservar o seu sentido de base. Contudo, a esse sentido de base seriam somados novos elementos significativos, que confeririam às palavras os diversos sentidos contextuais.

As potencialidades de significação da palavra não correspondem à existência de uma substância semântica no seu interior, num nível independente de sua manifestação no discurso. É o papel semântico da palavra que se evidencia.

É novamente o conceito hjelmsleviano de signo lingüístico, como entidade constituída de um plano do conteúdo e de um plano da expressão, com suas respectivas divisões de substância e forma, que permite traçar os conceitos englobados por essa posição, fundamental para este trabalho.

O mundo semântico é o mundo das significações e refere-se ao plano do conteúdo. Este, ao ser dividido em duas partes, comporta a consideração de que o discurso é a forma e o léxico a sua substância. Tomada isoladamente a unidade lexical, a palavra, é a própria forma, e a substância são os "sentidos" que a ela subjazem. Nesta linha, a forma - a palavra - é a condição de existência do sentido e pode ser vista como o caminho para a descrição da substância, uma vez que é constituída de desvios diferenciais pelos quais o sentido é captado.

A unidade atualizada permite, então, que se des

creva a estrutura semântica entendida como uma articulação do universo semântico em unidades significativas mínimas, que são os traços distintivos, denominados semas.

Para que essas considerações se tornem claras, pretende-se, agora, apresentar o projeto de descrição científica que elucida a concepção estrutural da significação. A teoria e o projeto de descrição obedecem ao pensamento de A. J. Greimas exposto em suas duas obras: "Sémantique Structurale" e "Du Sens". Tais considerações inspiram a li nha teórica desta dissertação.


Inicialmente, registra-se que Greimas emprega, u nicamente, o termo significação com uma noção abrangente; só mais tarde, introduz o termo significado já com uma aceção específica.

Retoma-se neste ponto, as concepções de estrutu ra e de estrutura elementar da significação para melhor ex plicitá-los.

A estrutura elementar de significação consti tui-se da relação que se estabelece entre dois termos-obje tos da língua. A relação pressupõe um ponto de vista único que reúne os dois termos-objetos e, ao mesmo tempo, mani festa uma oposição entre eles. Os termos-objetos apresen tam-se sob a forma de dois pólos extremos do mesmo eixo. E xemplos do próprio Greimas elucidam este pensamento:



Homem X Mulher = Termos da língua objeto que estão em  
 relação;



S E X O = Ponto de vista único que manifesta a  
 oposição = eixo semântico.

O ponto de vista único é chamado de eixo semântico, denominador comum entre dois termos e revelador do conteúdo semântico da relação. Este último aspecto mostra que a significação se articula sob sua presença, razão pela qual o eixo semântico "tem por função englobar, totalizar as articulações que lhe são inerentes". Nesta perspectiva, "é o resultado de uma descrição totalizante que reúne ao mesmo tempo as semelhanças e diferenças comuns aos termos-objetos" (Greimas, 1973, p. 31).

A descrição da significação se desenvolve, então, por meio de eixos semânticos que serão tantos quantos elementos de significação comportarem os termos-objetos. Os elementos de significação são os semas, propriedades dos termos-objetos.

Retomando-se o exemplo, vê-se que a relação - se xo -, estabelecida entre os termos-objetos Homem X Mulher, pode ser traduzida pelos semas - Masculinidade e Feminilidade. Tal desdobramento mostra que a significação pode também ser captada e descrita sob forma de articulação sêmica e não apenas sob a de eixo semântico. É importante observar que a descrição sêmica supera o inventário dos eixos semânticos, ou seja, dá-se em nível sêmico (forma da Expressão e do Conteúdo).

do) e não em nível semântico (substância da Expressão e do Conteúdo).

Os semas e os eixos semânticos pertencem à metalinguagem semântica do projeto de descrição científica da significação.

É necessário, ainda, observar que os semas resultam da descrição de termos-objetos. Isto faz com que esses termos sejam definidos como uma coleção de semas, constituindo-se no lugar de sua manifestação. Por esta razão, estão no nível de discurso. Os termos-objetos passam a ser denominados de lexemas.

Todo lexema possui um conteúdo descritivo analisável em semas. O papel primordial do lexema está no fato de ser o local de manifestação da significação. Esta, por sua vez, se dá por relações conjuntivas ou disjuntivas entre dois lexemas ou, ainda, por meio de relações especiais que os semas contraem no interior de um mesmo lexema. Como exemplo deste último aspecto, pode-se citar o caso da metonímia em que a dimensão se amplia ou se restringe, conforme a construção se manifeste.

O relato que se vem fazendo sobre os caminhos da análise estrutural não aborda todos os seus pontos. Na realidade, poderia ser muito mais amplo, mas pode ser considerado suficiente, uma vez que o seu propósito é elucidar o postulado que distingue dois níveis de significação no plano do conteúdo: um nível semiológico e um nível semântico.

O primeiro se ocupa da substância do lexema, ou mesmo, da substância de unidades sintagmáticas de maior extensão. Trata-se da abordagem da substância semântica da "palavra", como anteriormente havia sido referido. É neste nível que a significação se articula, eis por que é conceituado como: "um conjunto de categorias e de sistemas sêmicos situados e apreensíveis ao nível da percepção". (Greimas, 1973, p. 87)

A apreensão das categorias se dá por um procedimento analítico que é a própria análise sêmica, considerada como ponto de partida para o estudo semântico.

A análise sêmica se desenvolve quando são captadas as estruturas de significação, dando conta da organização sêmica de um universo de significação. Portanto, o conteúdo sêmico de uma palavra é algo que se distingue de seu sentido.

Captar as estruturas de significação quer dizer desencadear um processo de percepção. Esta colocação remete àquele primeiro pressuposto epistemológico que conceitua a percepção como o lugar não-lingüístico onde se situa a apreensão da significação. Nesta ótica entende-se a afirmação greimasiana de que:

"(....)situadas no processo de percepção as categorias semiológicas representam, por assim dizer, sua face externa, a contribuição do mundo exterior ao nascimento do sentido".  
(Greimas, 1973, p. 87)

Parece agora necessário desenvolver-se um pouco

mais a noção de percepção. Sua importância aqui é de ordem lingüística e, por este motivo, não se faz necessário um estudo específico em termos de Psicologia, no que se tem o respaldo de Greimas e de John Lyons.

Cabe, porém, lembrar que, numa conceituação filosófica de caráter geral, o termo percepção alude primeiramente a uma apreensão e pode ser definido como "a apreensão direta de uma situação objetiva" (Silva, 1974, p. 29).

Do ponto de vista da Lingüística, apreender tem o valor de captar e, semanticamente, o interesse está em captar diferenças (lembre-se o valor do signo lingüístico). Quando as diferenças são captadas, a significação emerge ou, mais especificamente, captar diferenças, o que se dá pela percepção, é a própria condição de existência da significação.

A indissociabilidade da percepção com a significação é determinada na medida em que:

"percepção é a reação discriminativa entre estímulos; discriminação implica relacionamento entre os elementos comparados, e o relacionamento é a fonte e a condição da significação". (Silva, 1974, p. 29)

A essência da percepção está em sua natureza discriminatória, diferenciadora. Implica a comparação com a busca de identidade e/ou diferenças entre elementos. O resultado da busca é, como diz o texto, a fonte e a condição da significação.

"A percepção, no entanto, não é a significação, mas a mediatrix entre o mundo dos objetos e o mundo das significações". (Silva, 1974, p. 29)

"Mutatis mutandis", entende-se a razão de posições para as quais um termo-objeto, sozinho, não comporta significação, [mas é ao nível das estruturas que ela deve ser procurada.] Essa procura é o que faz a análise sêmica, ao tentar ordenar universos de significação.

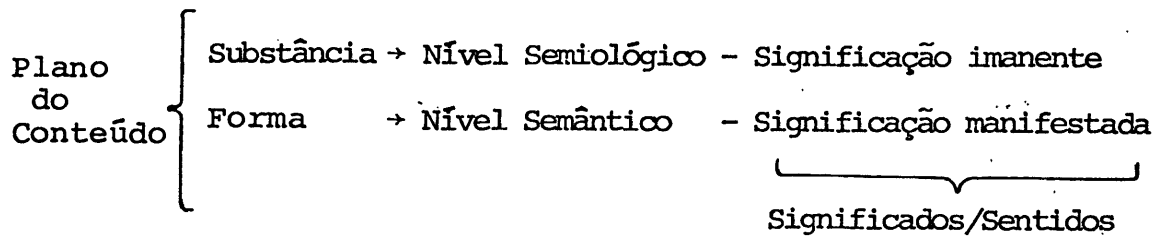
Tal ordenação se processa levando em conta o papel preponderante que é preciso atribuir à construção lógica na descrição semântica (Greimas, 1973, p. 91).

Bernard Pottier, em sua obra "Sémantique et Logique" lembra que os estudos lingüísticos atuais se revestem de considerações lógicas, fazendo com que encontrem novos interesses (Pottier, 1976, p. 3). A esse respeito, observa-se que nem Greimas, nem Pottier, nem Lyons procuram definir a Lógica, embora lhe atribuam papel preponderante nos estudos semânticos.

O projeto de descrição estrutural abrange uma discussão sobre os modos de existência dos significados no discurso. O desenvolvimento de tal aspecto não parece necessário para esta exposição, posto que seu objetivo é o de tratar os limites entre o nível semiológico e semântico e dessa forma conceituar sentido, significado e significação tais como serão empregados nesta dissertação. Registra-se, no entanto, que o termo sentido pode receber a equivalência da noção de significado.

O que se pretendeu, com efeito, foi mostrar as razões desses termos serem assim conceituados pela corrente estrutural.

Toda a exposição anterior permite visualizar o plano do conteúdo, correspondente ao mundo semântico, da seguinte forma:



#### 4 - DEFINIÇÃO

"A arte suprema em lexicografia é a arte da definição". (Imbs, 1960, p.9)

O problema crucial entre todos os que um dicionarista enfrenta é o da definição, cuja natureza é estabelecer equivalência de significado entre o termo definido e o seu ou seus definidores.

"O programa da definição se reduz na prática lexicográfica a fazer corresponder a uma unidade lexical uma pluralidade de unidades que pertencem ao mesmo sistema lingüístico, organizada segundo as estruturas sintagmáticas desse sistema e que se supõe: I. capaz de remeter ao mesmo significado; e II. capaz de determinar no leitor ou ouvinte a elaboração conceitual deste significado". (Rey, 1965 (6), p.71)

O cumprimento desse programa pode parecer simples mas se torna, muitas vezes, quase irrealizável devido à complexidade de um trabalho que tem por função precípua dar conta do significado em termos de equivalência.

Para que alcance seu objetivo, uma DL precisa aliar-se na análise semântica. Nesse caminho, lança mão dos

princípios da análise lógica, porém não se confunde nem com uma nem com outra. Da mesma forma, ao descrever o objeto de notado pelo nome, a DL pode parecer, pela objetividade da descrição, uma análise científica. Embora utilize princípios de todas elas, não é especificamente nenhuma das três.

A DL, como necessita revelar significados aos consulentes do dicionário, possui características peculiares que a distinguem dos outros enunciados. O caráter social do dicionário evidencia que seu texto não se configura como um exercício de lógica; nem como um discurso científico, nem mesmo como uma pura análise semântica (Dubois, Jean & Claude, 1971, p. 84). Devido a sua natureza complexa, constitui-se no grande desafio do lexicógrafo.

Um aspecto metodológico extremamente discutido a seu respeito é a clássica dicotomia entre definição de coisas e de palavras. A esse propósito, diz-se que a primeira pretende atingir objetivamente a realidade da coisa designada, enquanto a segunda tende a "definir as palavras desconhecidas (quer dizer os conceitos que elas recobrem) com a ajuda de palavras então conceitos perfeitamente conhecidos". (Quemada, 1972, p. 113)

Embora a distinção proposta por Bernard Quemada pareça evidente, há muitas discussões a seu respeito porque seu estudo envolve, em primeiro lugar, a própria noção de definição, explicitadas, pela maioria dos lingüistas, com apoio na etimologia da palavra.



O termo definição remete ao latim, onde o substantivo "definitio" equivale a "dé-finir", isto é, determinar fins, limites (Rey, 1965(6), p.67).

A etimologia relaciona-se intimamente com o ponto de vista filosófico, onde definição equivale a uma delimitação, isto é, à indicação dos fins ou limites de um ente em relação aos demais. Por isso, a definição foi considerada como uma negação.

O conceito filosófico de oposição postula que a delimitação permite que se atinja a natureza essencial da coisa definida, uma vez que os outros conceitos são abandonados em favor do ente definido.

Ex.: Criança (do latim creantia) S.F.1- Ser humano de pouca idade.

Certifica-se que criança é definida como ser humano mas de pouca idade. Esta última informação é que a diferencia do adulto: ser humano de mais idade. Dessa forma, um elemento define-se por oposição a outro.

As preocupações filosóficas, que buscam definir a natureza do ser, baseiam-se nos princípios de definições ontológicas. Lê-se em Aristóteles que:

"definir um ente consiste fundamentalmente em tomar a classe a que pertence o ser e situar esta classe no lugar ontológico correspondente. Este lugar ontológico é determinado por dois elementos de caráter lógico: o gênero próximo e a diferença específica". (Apud Mora, 1970, p. 104).

Dessa forma, em: "O homem é um ser racional", ser é o gênero próximo e racional, a diferença específica.

Essa é a chamada definição lógica, cuja tradição forneceu à Lexicografia suas primeiras regras, trazendo com isso um problema de identificação entre os dois tipos de de finição. Para a Filosofia, importa definir o ser, o ente, en quanto o objeto da DL é a significação de uma unidade lexical. Estuda-se, assim, a definição de nomes e não de seres. Conseqüentemente, a qualidade do enunciado lexicográfico não está em captar, ou apreender mais, ou menos a realidade, mas em escolher e organizar os termos definidores a fim de melhor expressar o nome definido.

Para reforçar a teoria de que uma DL é uma definição de nomes, palavras, e não de coisas, pode-se verificar alguns aspectos da teoria semântica de Baldinger. Esse autor procura comprovar que a linguagem, geralmente, não segue os limites impostos pela natureza, baseando-se, por con seguinte, na afirmação de Coseriu de que "a linguagem não é comprovação mas o estabelecimento de limites dentro da experiência" (Baldinger, 1970, p. 95).

O enfoque da linguagem como elemento limitador, de terminado pela experiência humana, conduz a conclusões metodológicas importantes, referentes ao fato de que a delimitação, correspondente etimológico de definição, "não se encontra na realidade, mas se faz por definição" (Baldinger, 1970, p.75). Paul Imbs também considera a definição de palavras como o resultado da intervenção do pensamento e da língua. As

palavras tornam-se objetos de definição (Imbs, 1960, n. 10).

O resultado mais importante dessa discussão culmina com o conceito de objeto mental, considerado como "uma abstração de muitas realidades aparentadas entre si" (Bal-dinger, p. 75).

Tomando-se, como exemplo, o objeto mental mesa, pode-se dizer que há n mesas no mundo como objetos reais. Entretanto, o ser humano possui uma imagem de mesa, enquanto objeto mental, independentemente de seus detalhes reais. A definição lexicográfica deve se constituir no enunciado definidor de um objeto mental.

Os objetos mentais têm seus correspondentes lingüísticos, existem palavras para representá-los. Por essa razão, a definição lexicográfica será sempre uma definição de palavras e não de coisas.

Por outro lado, há ainda para considerar que os fatores constitutivos de um objeto mental são seus traços distintivos. Por meio desses traços, um objeto se distingue dos demais. Tal enfoque serve como embasamento e justificativa de uma linha teórica semântica que se apóia nos traços distintivos (semanticamente = semas) dos objetos mentais para desenvolver a descrição dos significados.

Com as idéias precedentes, apesar de sucintas, procurou-se reforçar o conceito de DL como definição de palavras, o que se evidencia com o pensamento de Ogden e Ri-

chards em sua obra "O Significado do Significado", ao mostrarem que a palavra é substituta da coisa, mas não é a coisa:

"Para começar, definiremos coisa ou palavras? Para decidir este ponto, temos que apenas anotar o seguinte: se falamos sobre a definição de palavras então estamos nos referindo a algo muito diferente do que é referido, entendido, por "definir coisas". Quando definimos palavras, recorremos a um outro conjunto, de palavras que podem ser usadas com o mesmo referente do primeiro conjunto, isto é, substituímos um símbolo por outro que será melhor entendido numa dada situação. Com coisas, por outro lado, não está envolvida substituição alguma. A chamada definição de "um cavalo" é um enunciado a respeito dele, enumerando propriedades mediante as quais ele pode ser comparado com outras coisas e distinguido destas. Portanto, não há rivalidade entre definições "verbais" e "reais". (1976, p. 40)

Na definição verbal, há sempre uma substituição de signos, seja de um signo por outro (equação semântica), seja de um conceito, representado por um signo, por outros signos representando conceitos contidos no primeiro (elementos do sentido = semas) (Rey, 1965 (6), p. 69).

Portanto, a DL é uma transposição de significados entre signos. Dentre esses um é o definido, a palavra de entrada, e os outros, seus definidores. O conceito do definido é analisado em conceitos menos complexos e estes, por sua vez, são também analisados.

Por essa razão, postula-se a existência de dois níveis na DL: o conceitual e o lingüístico. Tais níveis não coincidem (a não ser que a cada conceito correspondes-

se um signo, como em certas línguas artificiais, onde há ausência de homonímia). Na definição, é o conjunto dos significantes que leva ao conjunto de conceitos: as duas somas são equivalentes, mas não os termos de cada soma tomados dois a dois (Rey-Debove, 1966, p. 74).

Com esses dois níveis, cuja soma deve ser equivalente, caracteriza-se a semântica dos dicionários que se centraliza no tratamento da unidade lexical. Assim, um dos objetivos do lexicógrafo é estabelecer a correspondência entre um nível e outro, momento em que a Semântica atua. Sua tarefa porém não se restringe a essa fase, pois é necessário tornar evidente tal correspondência. Trata-se do momento em que se impõe a escolha da melhor forma linguística a ser exposta ao consulente.

A escolha da melhor forma para apresentar o conteúdo está relacionada à clareza que uma DL deve atingir. Paul Imbs propõe um acordo sobre este princípio: "o definidor deve sempre ser mais conhecido que o definido" (Imbs, 1960, p. 14).

É bem verdade que essa afirmação aparentemente simples contém um problema de difícil solução, ou seja, saber-se quando o definidor é mais conhecido do que o definido para o consulente. Sugerem os linguistas que esse impasse pode ser atenuado pelos estudos de frequência da palavra, de seu uso na língua.

De qualquer maneira, o redator de uma DL vê-se

limitado pela escolha dos termos que devem ser aqueles existentes na língua, escolhendo entre eles os mais conhecidos para que alcance seu objetivo.

Seja qual for o caminho escolhido para atingir clareza na definição, ela, em sua essência, deve trazer luz ao consulente, pois "uma definição autêntica é um ato de liberação" (Imbs, 1960, p. 14).

Estruturar bem uma definição, constituindo-a num ato de liberação, implica outro problema sério ao lexicógrafo, outro limite a seu trabalho: a conformidade com a norma sintática.

O autor de uma definição tem de obedecer a uma estrutura básica da língua, pois vocábulos soltos nada comunicam: estruturar uma definição implica a escolha adequada de conjunções, preposições, etc., que constituem, ao contrário do que muitos pensam, elementos-chave para a elucidação de determinados enunciados.

Os comentários referidos acima tratam da metalíngua de uma DL. A literatura a esse respeito, problematiza vários aspectos, iniciando geralmente com a comprovação da língua natural explicando a si mesma. Assim, "o objeto de estudo se confunde com os instrumentos desse estudo: o acusado é ao mesmo tempo seu próprio juiz" (Greimas, 1973, p. 21).

É a língua natural explicando-se por si mesma, como também afirma Dubois em seu artigo Dicionário e Discurso

Didático (1970, p. 35):

"O dicionário pode ser entendido como um texto, um discurso contínuo e fechado que se organiza sobre um objeto que é a língua e formula definições na própria língua natural".

A decodificação do significado por meio da língua natural é, para Uriel Weinreich, o primeiro problema de uma DL, porque, sendo articulada, não constitui uma metalinguagem adequada para a análise de suas estruturas semânticas. Também, segundo ele, nenhuma outra metalinguagem foi ainda inventada (Weinreich, 1970, p. 73).

O pensamento de Weinreich é criticado por Josette Rey-Debove, com o argumento de que o leitor não pode ler outra língua que não a sua. Trata-se então de uma restrição de vida ao caráter social do dicionário. Por esse motivo, "uma definição não é válida como análise semântica senão quando a metalinguagem é isomorfa à língua, quer dizer, pertence ao mesmo sistema (Rey-Debove, 1971, p. 369).

A identidade entre o sistema metalingüístico e o próprio sistema estudado torna-se, sem dúvida, causa de dificuldades para quem descreve a língua. O analista teria necessidade de operar com uma linguagem científica. Por essa razão, se disse inicialmente que a DL esboça uma análise semântica mas não se identifica com ela.

A língua natural, porém, torna-se metalinguagem para o dicionarista, pois é ela que serve para descrever um fato dessa mesma língua natural. O lexicógrafo, no entanto,

não se limita a esse aspecto, lançando mão de outros recursos formais que o auxiliam em sua tarefa. Nesse sentido, a metalinguagem lexicográfica recebe uma dupla distinção: ou ela é homônima à língua ou não. No primeiro caso, encontram-se indicações etimológicas, as próprias definições, e xemplos e comentários gerais. No segundo, trata-se dos "meios tipográficos de separação, números, colchetes, além da natureza dos caracteres de imprensa, pontuação, aspas, parênteses" (Rey, 1965 (7), p. 93).

Na última distinção podem ser incluídos símbolos abreviativos (literário, desusado, formal entre outros). O importante é observar se esses metassignos, supostamente correspondentes a fronteiras sêmicas, desempenham bem os seus papéis.

A metalinguagem tem muitas funções que sumariamente são:

1. os meta-enunciados correspondem a um semema (significado);
2. descrição de limitações funcionais;
3. limites entre sememas;
4. designação de categorias gramaticais;
5. marcas de uso, de valor ambíguo;
6. observações gramaticais relacionadas à distribuição dos elementos vizinhos;
7. informações sobre relações paradigmáticas;
8. informações sobre diacronia. (Rey, 1965 (7), p. 90)



Tais funções fornecem uma visão interna de um artigo de dicionário o qual é "uma seqüência ordenada de frases, cada uma comportando uma ou várias informações", indicadas a seguir por Jean e Claude Dubois. (1971, p. 40)

Inicialmente consideram a palavra de entrada como o tema do qual todas as outras informações são os predicados, alertando que a palavra ela mesma já fornece informações sobre a composição gráfica: a ortografia.

A segunda informação refere-se à pronúncia da palavra, pela apresentação da transcrição fonética. Segue a categorização gramatical que dá os traços sintáticos fundamentais e logo após a etimologia.

Chega-se, então, ao momento da definição, "constituída de uma seqüência de paráfrases sinonímicas da palavra de entrada, cada paráfrase sendo um sentido", equivalente lexicográfico de definição (Dubois, Jean & Claude, 1971, p. 40). Tais sentidos são geralmente distinguidos metalingüisticamente por números, colchetes ou barras.

Completam-se, muitas vezes, as definições com exemplos que oferecem ocorrências da palavra de entrada em frases ou sintagmas da língua.

Dependendo do dicionarista, há elementos que são colocados como subentradas, tais como provérbios, expressões estereotipadas, além dos sentidos funcionais, considerados como "significações particulares do termo em uma língua técnica ou científica determinada" (Dubois, Jean & Clau

de, 1971, p. 41).

O programa exposto acima é completo, podendo sofrer transformações de acordo com o nível e os objetivos da obra lexicográfica. Sua apresentação revela um conjunto de informações que compõem a organização interna de um verbete. Indiretamente todas estão ligadas à realidade da definição, que não se constitui em algo isolado. Dessa forma, se enfatiza a complexidade de uma DL. Para que o dicionarista componha um verbete necessita anteriormente dominar muitos fatos.

A relação entre as várias informações e a própria definição pode ser identificada pela inserção de exemplos. Constituem-se esses, em fatores de suma importância na DL porque objetivam ajudar o consulente a fixar o significado, na medida em que representam o discurso, lugar em que as significações virtuais se atualizam. Dão informações de ordem sintática e semântica ao consulente.

A atualização do termo definido, por ser parte integrante de uma DL, deve sofrer criteriosa observação pelo lexicógrafo. Os exemplos devem ser escolhidos numa perspectiva lingüística, pois a maior parte deles são literários e negligenciam a linguagem, o uso familiar e popular (Rey, 1965 (7), p. 94).

O lexicógrafo, ao abonar suas definições, o faz com base na sua intuição de sujeito nativo da língua, forjando os exemplos, ou então baseia-se num corpus constituí-

do de frases realizadas.

Em qualquer uma das situações, o dicionarista enfrenta uma dificuldade a mais: a sincronia e a diacronia dos fatos lingüísticos. A resolução dessa dicotomia não se restringe ao âmbito das abonações, tanto que o próprio material que compõem as entradas de um dicionário pertence a diversas épocas.

"Um perigo maior que a mistura dos elementos pertencentes a várias sincronias é a interferência da metalíngua das definições, que é também a língua do redator, com língua gem tratada, situada em um outro nível no tempo. (Rey, 1965 (7), p. 87).

O lexicógrafo deve, para atingir seu objetivo, dar conta dos significados de toda e qualquer palavra da língua em sincronia. Em muitos casos, esse preceito é difícil de ser seguido, porque uma palavra pode possuir um conteúdo semântico estável, mas antigo, (caso comum no campo das ciências) devendo ser revelado através de termos pertencentes a outra sincronia.

Novamente o problema metalingüístico transparece. O dicionarista, ao visar a uma outra realidade sincrônica, utiliza signos da linguagem segundo seu funcionamento atual.

As dificuldades referentes à sincronia e diacronia ratificam os obstáculos que interferem na elaboração de uma DL. São aspectos que devem ser cuidadosamente observados a fim de que o consulente capte os significados do termo definido.

Para que ocorra uma elaboração conceitual por parte do consulente, o lexicógrafo deve enfrentar a realidade de apreensão da significação.

Um aspecto a ser abordado, nesse sentido, é a própria variação dos significados das unidades lexicais. O conteúdo de uma palavra varia de acordo com o grau de cultura dos locutores, e a definição deve informar sobre esse conteúdo variável (Imbs, 1960, p.10).

O conteúdo variável pode ser pensado, inicialmente em termos de polissemia, caso em que um mesmo significante comporta diferentes significados (Trujillo, 1976, p. 238).

O lexicógrafo deve ter presente a possibilidade de que o termo definido submetido a sua análise, comporte vários sentidos. Tal variação é resolvida em termos de aceção, palavra de ordem lexicográfica, equivalente aos termos semânticos significado e sentido.

O tratamento da polissemia interessa aos estudos lexicográficos, na medida em que as aceções de um verbete correspondem a significados distintos. Os critérios de divisão dependem do lexicógrafo; de qualquer forma, o excesso de divisões prejudica a perspectiva do conjunto e a condensação exagerada impede que se observem as diferentes aceções. Orientação nesse sentido deve ser pedida à Semântica.

Com relação ainda ao conteúdo variável, pode-se lembrar que um signo e seu significado estão engajados em

muitas estruturas ideológicas e psicológicas, e quando o dicionarista substitui "a definição de n signos no interior de n discursos idioléticos por uma fórmula única" (Rey, 1965 (6), p. 72), está criando o primeiro artificialismo que se impõe a uma DL. Nessa medida, são desconsiderados aspectos particularizados, individualizados, de sentidos conotativos. Esse enfoque reforça a idéia da rede de significações que um signo comporta ao funcionar para as pessoas com valores diversos e em diferentes contextos.

Cabe observar, entretanto, que para o significado receber um tratamento científico, seja ele lingüístico ou psicológico, é necessário reduzir o individual ao geral: "Quer dizer passar dos discursos dos universos mentais à língua e aos campos nocionais" (Rey, 1965 (6), p. 73).

Vale lembrar que estes campos não são o resultado da soma de todos os elementos dos campos individuais: isto seria um empobrecimento e o conceito se reduziria a nada.

"Apenas a sociologia e a estatística poderiam responder sobre a delimitação de um grupo ou de uma série de grupos, a redução dos desvios, a determinação da base necessária, para atribuir ao conceito observado o estatuto do campo, um tal elemento deveria estar em relação biunívoca com uma unidade semântica da língua. A determinação de tais unidades coloca o problema puramente lingüístico da palavra". (Rey, 1965 (6), p. 74)

A colocação sobre o aspecto puramente lingüístico da palavra diz respeito à natureza do signo lingüístico. Esse está raramente em função só, isolado de outros, assim

no momento em que é considerado, em seu grau máximo de indeterminação, cria um segundo artificialismo para a DL (Rey, 1965 (6) p. 72). Tal indeterminação refere-se ao problema do significado de um signo que, na verdade, se atualiza pelas suas relações com outros, no contexto.

O valor de oposição do signo lingüístico é então lembrado, não só em relação à posição que ele ocupa no sistema (Lyons, 1974, p. 70), mas também pela realidade do contexto lingüístico em que aparece. Coloca-se então a importância do contexto lingüístico na apreensão do significado de um termo. A esse respeito afirmam Genouvrier e Peytard (1974, p. 333) que "é comparando contextos diferentes onde pode ser inserida a mesma palavra que se podem avaliar os sentidos de que ela é dotada".

"Para conseguir a definição de uma palava não é, portanto, nem à lógica, nem à retórica que se deve recorrer; o que é primordial é a estrutura onde a palavra se localiza; a definição consistirá em construir quadrados onde apareçam as redes estruturais da palavra onde o sentido é contido". (Genouvrier & Peytard, 1974, p. 323)

O contexto, ao contribuir para a apreensão do significado, contribui também para restringir o empirismo e o arbitrário que, eventualmente, atinjam a atividade do dicionarista.

Paralelamente pode-se observar que, apesar do contexto ser uma importante fonte de informação lingüística, não é o lugar adequado para inserir uma DL. Ele não é mais

um limite ao significado construído, no sentido de que a "tradução semântica de um termo seja a substituição desse termo em língua natural" (Weinreich, 1970, p. 73).

É importante lembrar que o contexto não é a única fonte capaz de fornecer os elementos significantes de uma DL. Funciona como recurso de informação lingüística, porquanto fixa os matizes da significação básica da palavra, mas não dá todas as respostas.

Quando Baldinger aborda o tema da descrição dos objetivos mentais, já anteriormente referido, lembra que as definições, enquanto delimitações, não estão na natureza, mas são fruto do pensamento humano. Na verdade, toda definição lingüística é um ato de criação do pensamento. Assim, as palavras tornam-se objetos de definição e, nessa medida, o homem as classifica em categorias.

"Não há nenhuma definição que não comece pela categoria semântica na qual seu autor estimou classificar a palavra. A arte da definição supõe por consequência um sistema de categorias completo e coerente". (Imbs, 1960, p. 10)

As categorias que iniciam uma DL são de ordem semântica, mas a seu lado colocam-se categorias gramaticais, de ordem morfológica ou sintática que também veiculam informações.

O conceito de categoria provém de Aristóteles. Em seu tratado sobre o tema, divide as expressões em sem relação (homem, vencedor) e com relação (homem é vencedor). As

primeiras são divididas em categorias, tais como: substância, quantidade, qualidade, relação, tempo, situação, condição, ação, entre outras. As categorias designam, "significam a substância, a quantidade, qualidade, etc. Essa opinião es tá baseada em uma interpretação lingüística, ou melhor di to, semântica" (Apud Mora, 1970, p. 55).

O valor e a importância das categorias semânticas é tão profundo numa descrição de significados que, para a Semântica estrutural, as categorias semiológicas representam a contribuição do mundo exterior ao nascimento do sentido. Para Aristóteles e para o estruturalismo, seu conhecimento se obtém mediante um processo de percepção intelectual.

Através da percepção determinam-se significados. É a realidade extralingüística unindo-se à realidade lingüística, para construir uma DL que, segundo Alain Rey (1965 (6) p. 75) procura, geralmente, se organizar a partir de estruturas lógicas.

Por esse motivo, a tradição lexicográfica, na tentativa de determinar categorias lógicas, aproxima-se das definições lógicas aristotélicas, onde são estabelecidos por relação de inclusão, o gênero próximo e a diferença específica.

Apesar dessa aproximação, as DL não se identificam com as definições lógicas, pois são mais livres, ultrapassam o nível das categorias semânticas e dão informações de outras ordens, tais como morfo-sintáticas e de usos lingüís



ticos.

Voltando-se à determinação de categorias semânticas, fundamentais para uma DL, lembra-se que Paul Imbs duvida de que as DL existentes sejam feitas a partir de uma tabela metódica de categorias. Se isso ocorresse, elas deveriam obedecer a um critério que as vê como:

"um conjunto de quadros semânticos muito gerais encaixando-se uns aos outros, a categoria mais restrita (portanto a mais particular) situando-se no coração do círculo, e as mais simples (portanto as mais gerais) dispostas em círculos concêntricos ao redor do pequeno círculo central". (Imbs, 1960, p. 10)

A determinação das categorias semânticas deve receber atenção especial por parte do redator da DL, porquanto exige método, seja em relação à lógica, seja também à categoria sóciolingüística em que a palavra se insere. Este último aspecto apóia-se também em Paul Imbs (1960, p.12), e refere-se à própria realidade lingüística da palavra. Ela deve ser descrita em função do nível sóciolingüístico revelado pelo contexto.

Com isso, se quer dizer que as categorias lógicas revelam o significado, mas são de ordem extralingüística. O componente sóciolingüístico da palavra não pode ser esquecido. Se não houver esse cuidado, há o perigo de que as definições tornem-se enciclopédicas, restrinjam-se à descrição da coisa nomeada, distanciando-se do componente lingüístico.

O aspecto mais importante dessa discussão centraliza-se na afirmação de que a simples classificação de uma

palavra em uma categoria mesmo sóciolingüística não constitui ainda uma definição.

"Uma categoria representa necessariamente um gênero próximo, de compreensão mais abstrata e mais geral que a palavra a definir, e ela só se torna o equivalente desta palavra por meio da indicação da diferença específica. Uma definição compreende então  necessariamente, e no mínimo, dois termos." (Imbs, 1960 p. 12)

Define-se, assim, a estrutura de uma DL, cuja composição deve ter no mínimo dois termos, pois esta dualidade numérica mínima é que possibilita o significado.

Cabe observar que a indicação da diferença específica, muitas vezes, não se restringe a uma palavra, e seguidamente é ultrapassada. Nesse sentido, lê-se em Rey-Debove (1966, p. 74) que:

"existe uma forma do conteúdo da definição que não é nem totalmente livre, nem inteiramente determinada. Quanto ao número de palavras é necessário duas no mínimo para a análise; o máximo não poderia ser fixado periodicamente".

Na realidade dos dicionários, há uma tendência de reduzir a definição a um único termo. A tentativa de sinonímia, procedimento muito comum a que recorrem os dicionários, não é uma definição, pois essa, se é a equivalência de significado com a palavra de entrada, só se configura pela categorização semântica dessa entrada, completada pela indicação da diferença específica.

A definição por sinônimos pode ser explicada pela repartição da carga semântica entre os termos definidores. Esses repartem os elementos de sentido para que seu conjun-

to seja equivalente ao definido. Assim, a fórmula de uma definição é  $D = A+B$ . Onde D é o definido, A o arquilexema (categoria geral) e B, a diferença específica. Numa definição sinonímica, B desaparece e toda a carga semântica fica em A que, nessa medida, não é um arquilexema (Rey-Debove, 1966, p.79).

É importante retomar o aspecto que a redução, representa pela sinonímia, é a supressão da diferença específica e o definidor (A) não equivale a uma categoria (arquilexema).

Exemplifica-se esta situação pelo verbete Gáudio (Ferreira, 1975, p.683) definido sinonimicamente como "júbilo", "alegria", "regozijo". Os quatro lexemas equivalem-se até uma certa medida, representam a categoria sentimento e conjugam-se também por comportarem contentamento como significação básica, mas distanciam-se em algum ponto da significação. Com isso se quer demonstrar que a definição sinonímica efetivamente não comporta arquilexemas, pois "júbilo", "alegria" e "regozijo" não podem ser interpretados como categorias.

Por outro lado, a forma lingüística da definição é vista, sob o enfoque da Semântica estrutural, como uma característica do funcionamento metalingüístico do discurso.

Para Greimas:

"uma palavra simples pode ser explicada por uma seqüência mais ampla e inversamente uma só palavra pode ser freqüentemente tomada para designar o que se concebeu sob uma forma desenvolvida". (Greimas, 1973, p.98)

A explicação de uma palavra por meio de uma sequência ampla e desenvolvida é chamada de "expansão" e caracteriza o funcionamento normal do discurso. É uma constatação de ordem sintática que, no plano semântico, equivale à definição propriamente dita. Trata-se da "definição discursiva".

Muitas vezes, à expansão segue-se um esforço de condensação, uma espécie de decodificação compressiva das mensagens em expansão que desemboca muito freqüentemente na denominação" (Greimas, 1973, p. 100). Esta é sempre um empobrecimento sêmico em relação à expansão.

Um lexicógrafo, para chegar à melhor forma de definição, deve questionar o nível semiológico da linguagem.

Uma categoria semântica se identifica pelo levantamento de semas. Dessa forma, pode-se afirmar que subjaz a uma DL, uma análise sêmica. Esta, se considerada, constitui-se na abordagem mais séria que um lexicógrafo pode imprimir a seu trabalho.

Por outro lado, a análise sêmica, ao revelar a relação de disjunção entre os lexemas, mostra o afastamento significativo entre eles. Logo, não se trata exatamente do mesmo significado que se atualiza em significantes diferentes. O distanciamento é devido a diferenças específicas que os lexemas comportam, as quais, freqüentemente, não são consideradas pelos lexicógrafos.

A consideração das diferenças específicas, em

nível de lexema, impediria a circularidade das definições, vale dizer, a repetição dos mesmos definidores para diferentes definidos.

Os lingüistas, de modo geral, criticam o descaso dos dicionaristas em relação ao seu método de abordagem dos fatos do sentido. Weinreich (1970, p. 73) chega mesmo a escrever que: "A coerência da lexicografia seria melhorada se os autores dos dicionários aderissem à hipótese segundo a qual as palavras de uma língua são complementares", aludindo ao aspecto de que onde a significação de um termo termina, começa a de outro.

Retomando a estrutura da definição, para a qual o tamanho do enunciado é importante, parece oportuno ainda explicar que o número de definidores não está ligado à complexidade do conceito, mas deve-se à necessidade que tem o lexicógrafo de encontrar "significantes que reúnam o máximo de elementos de sentido suscetíveis de remeter o conceito" (Debove, 1966, p. 74).

Tal situação, aliada à que determina a presença obrigatória do gênero próximo e da diferença específica, podem ser consideradas como ideais. Vale dizer que os dicionaristas rigorosos teriam sempre a preocupação de que seus definidores fossem tão carregados de sentido que, de imediato, remetessem o consulente ao conceito. Tais definidores também deveriam ser mais comuns do que o definido.

Entretanto se encontram, freqüentemente, nos di

cionários definições do tipo: "Descuramento = Ato ou efeito de descurar" (Aurélio,1975). O significado básico de "descuramento" não foi revelado. Apenas uma parte da significação foi equacionada, através de "ato" ou "efeito". Dessa forma, o significado de "descuramento" ou, pelo menos, a primeira parte, a mais importante, fica a descoberto. O que houve foi um desmembramento morfológico do definido. Passa-se do plano nominal para o verbal com a presença de "descurar" no enunciado definidor. Com isso, a carga semântica da entrada lexical não foi efetivamente explicada. Pode-se concluir que o significado, muitas vezes, é trabalhado em nível morfológico. As definições são de caráter morfo-semântico. Josette Rey-Debove adverte que tal tipo de análise "não é suficiente para dar conta dos elementos de sentido" (1966,p.77).

Uma definição dessa natureza muitas vezes não elucidada o consulente, uma vez que ele necessita prosseguir em sua pesquisa para talvez atingir seu objetivo. Trata-se de um tipo de definição que não cria condições para que o termo seja facilmente denotado. Por essa razão, Weinreich (1970,p.73) considera a formulação do sentido como a criação de condições necessárias para que o termo definido denote.

Dentre todos os aspectos abordados, não se pode esquecer que uma DL é uma tentativa de fazer corresponder, a um definido, definidores que lhe sejam semanticamente equivalentes. Por isso, torna-se fundamental a escolha desses

significantes. Acredita-se que o melhor caminho é o de encontrar o arquilexema de uma definição, equivalente em linguagem semântica ao gênero próximo da lógica.

Tal aproximação é feita por Bernard Pottier em seu artigo "A definição semântica dos dicionários", (apud Lobato, 1977, p.21) onde aborda a DL sob o prisma da Semântica estrutural.

Inicialmente cita Paul Imbs, concordando com seu postulado de que uma DL se estrutura pela presença do gênero próximo e da diferença específica. Apóia-se, também, nessa dualidade e a utiliza quando propõe, para a análise do conteúdo semântico de uma palavra, três tipos de definidores:

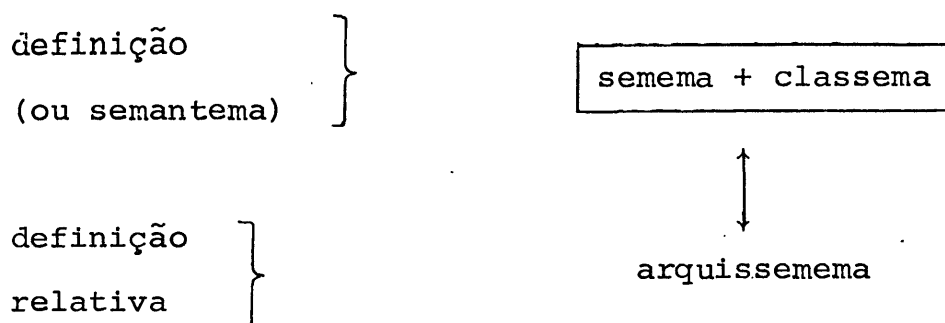
Semema - Conjunto de semas distintivos (relaciona o semema com as diferenças específicas de Imbs);

Classemema - Conjunto de classes conceptuais gerais (lembra que aparecem raramente nas definições);

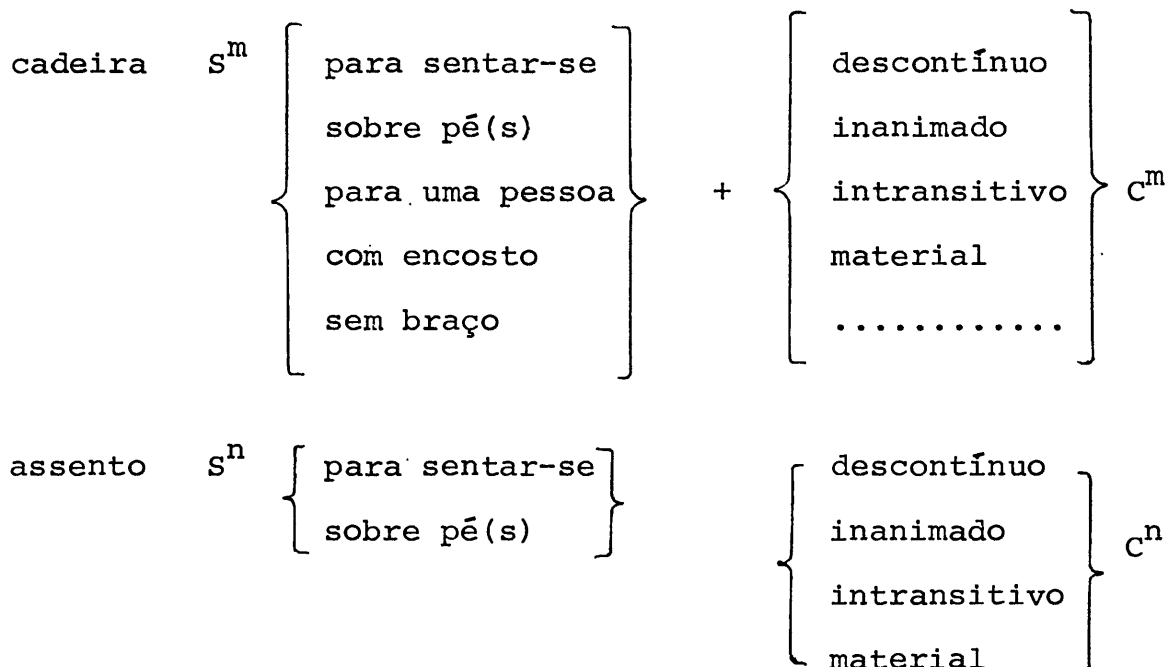
Arquissemema - Subconjunto comum a um conjunto de sememas (relaciona-o ao gênero próximo de Imbs).

O exemplo clássico dessa proposição é o lexema cadeira (significante mínimo de designação), cuja definição é apresentada como: assento com encosto e sem braços para uma pessoa. O significado desse lexema é apresentado de a-

cordo com o seguinte esquema:



seja o lexema cadeira:



Tal formulação dá a definição de cadeira como "assento" o qual representa parte do semema de cadeira e, nessa medida, é um arquissemema, definido como subconjunto comum a um conjunto de sememas. O arquissemema é a substância do conteúdo, cujo suporte significativo é o arquilexema cadeira.

O arquilexema, correspondente ao gênero próximo



da definição lógica, é definido com base nos semas genéricos. Sua presença não é suficiente para compor a definição que só se completa pela indicação dos semas específicos. Assim, a cadeira é um assento, mas se diferencia da poltrona, do sofá e do banco, em razão dos semas específicos.

Dessa forma, mostra-se quer do ponto de vista lógico, quer da Semântica estrutural, com adequada terminologia, a importância da presença e da escolha de um arquilexema para uma DL. Sua presença deve configurar uma cuidadosa definição. Assim, o arrolamento de termos considerados sinônimos dentro de uma mesma acepção não se constitui numa verdadeira DL. Haverá sempre um ponto de intersecção entre os semas de lexemas arrolados como sinônimos, mas ocorrerá, concomitantemente, um ponto de disjunção.

Cabe ainda salientar a dificuldade na escolha de um arquilexema. Sua determinação "é a dificuldade maior da definição" (Debove, 1966, p.79). Isto porque, muitas vezes, mesmo que haja um ponto de intersecção entre os semas de um lexema, não existe na língua um arquilexema que dê conta dessa intersecção.

Há que considerar ainda que pode haver arquilexemas diferentes para um mesmo definido. "O número de arquilexemas possíveis está ligado à riqueza da palavra em elementos de sentido" (Rey-Debove, 1966, p.79). Nessas situações, muitas vezes o arquilexema é pobre, tal como coisa ou objeto, tornando-se necessário acrescentar muitos elementos específicos para recobrir o significado do definido. As

palavras pobres de sentido têm grandes possibilidades de serem arquilexemas.

Um dos aspectos importantes relacionado à escolha do arquilexema é que seguidamente não é o gênero próximo o escolhido como arquilexema, mas uma das palavras da série de inclusões a qual pertence o definido" (Debove, 1966, p.80). É o equívoco que ocorre em definições do tipo:

Cadeira - banco com encosto  
 Poltrona - cadeira com braços  
 Sofá - poltrona para mais de uma pessoa

Com esses exemplos, tomados do artigo supracitado de Pottier, vê-se que o arquilexema, cujo lugar é a cabeça da definição, escapa ao dicionarista. Ele cai frequentemente nessa armadilha de colocar como arquilexema um termo que não é ele e que apenas está próximo do definido.

Assim como esta, ocorrem também tipos de definições com falsos arquilexemas como: uma espécie de, ou tudo aquilo que.

Encontram-se ainda nos dicionários definições antonímicas, que, por não determinarem categorias, não configuram a significação do lexema.

Com base nas observações precedentes, Pottier (apud Lobato, 1977, p.31) alerta que as relações entre os significados dos signos devem ser objeto de estudos mais profundos por parte dos autores de dicionários que geralmente não

têm o hábito de lançar mão de pesquisas semânticas, ao passo que, essas, ao contrário, apóiam-se freqüentemente nas DL. Os semanticistas costumam buscar idéias nos dicionários, chegando mesmo a exigir de seus autores uma forma perfeita de definição, esquecendo que eles próprios não foram ainda capazes de resolver muitos problemas dessa natureza.

De tudo que se viu até agora, facilmente se pode concluir que a definição é o maior obstáculo a ser enfrentado por um dicionarista.

Acredita-se que, com essa exposição, se tenha mostrado a complexidade que envolve a composição de uma DL. Viu-se também que ela não tem recebido tratamento rigoroso, sendo, muitas vezes, formulada com pouco cuidado.

Chega-se, assim, à conclusão de que uma boa obra lexicográfica é aquela elaborada com unidade e rigor e não a que se preocupa com o número de palavras dicionarizadas. A DL torna-se, nessa ótica, o limite de qualidade de uma obra. Para que o dicionarista atinja esse fim, ele precisa pedir ajuda à Semântica, posto que a análise sêmica é um meio de conferir rigor à composição do texto da definição e à divisão das acepções.

## 5 - ANÁLISE SÊMICA DOS VERBETES

### 5.1 - Instrumentos de análise

#### 5.1.1 - A base dicionarista

A fonte de pesquisa desta dissertação é o Novo Dicionário de Língua Portuguesa (1a.edição, 4a. impressão) de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

Da obra considera-se, como objeto de análise, ape<sup>nas</sup> a definição de verbetes, assinalados como substantivos pelo dicionarista. Entende-se, neste momento, por definição todo o texto equivalente à significação proposta para as entradas lexicais, sem considerar a estrutura sintática sob o qual se apresenta.

O objetivo primordial deste estudo é verificar o universo de significação de cada verbete, a fim de que se<sup>jam</sup> feitas observações sobre a maneira como o dicionarista trata de suas definições. A crítica a este tratamento lança as bases sobre as quais poderá estruturar-se uma DL adequada.

Considera-se, neste âmbito, um universo de significação o conjunto de todas as acepções que compõem a definição.

Acepção é um termo de ordem lexicográfica, correspondente à terminologia semântica de significado e sentido. Em outras palavras, sabe-se que, sempre que o redator de uma DL atribui um novo significado para a entrada lexical, ele abre uma nova acepção.

As acepções são indicadas pelo dicionarista através de algarismos arábicos. Cada número, indicador de uma nova acepção, deve teoricamente corresponder a uma fronteira sêmica dentro da significação da palavra. Por essa razão, objetiva-se verificar em que medida as delimitações no interior do universo semântico de um item lexical equivalem a reais diferenças de significado, a ponto de justificarem uma nova acepção. Assim, ao ser verificado o ponto de conjugação e de disjunção entre as acepções, capta-se a organização do verbete.

Recorrer ao dicionário tanto pode ser esclarecedor como não, devido à maneira como são apresentadas as informações sobre a significação. Frequentemente o excessivo número de acepções não se justifica. Para evitar desdobramentos inadequados, ou, pelo menos, diminuí-los a Lexicografia deve apoiar-se na Semântica.

Nessa ótica, a elaboração de um dicionário é vista como uma técnica de interpretação semântica.

Com base nos princípios teóricos endossados, desenvolve-se uma AS dos lexemas-chave de cada acepção. Corresponde a análise ao equacionamento dos semas dos lexemas apontados, tornando-se um modelo teórico que, pela sua aplicação, deve revelar o universo semântico do lexema. O universo nada mais é do que a substância do significado de um signo.

Nesta pesquisa, a AS é considerada a medida de avaliação do trabalho do lexicógrafo, sendo o instrumento revelador do universo semântico por ele ordenado. Por seu intermédio, se obtêm dados para a avaliação dessa ordenação que corresponde, em termos lexicográficos, às acepções e também para se constatar a melhor forma sintática de uma DL. Postula-se, então, a AS como o apoio teórico do dicionarista a ser efetivamente considerado antes da elaboração de uma DL.

A análise não é o resultado de um modelo, embora tenha sido organizada a partir de princípios teóricos da corrente estrutural, principalmente do enfoque de Pottier. É uma proposição própria, surgida pelo exame detalhado dos lexemas-chave. O método de abordagem é indutivo, partindo da análise dos lexemas definidores. Esse é também o caminho das conclusões gerais.

Cabe explicitar, no entanto que, embora procure-se apontar elementos que concorreriam para uma boa DL, não se propõem aqui modelos teóricos de elaboração de definições

dada a sua complexidade e a falta de pesquisas científicas mais desenvolvidas neste campo.

Este trabalho parte do pressuposto que uma obra lexicográfica, publicada numa época em que a lingüística já se ocupa substancialmente dos aspectos da significação, não pode ser elaborada sem preocupações teóricas dessa natureza.

Além disso, considerou-se também importante a falta de estudos modernos sobre a lexicografia de língua portuguesa.

#### 5.1.2 - Conceitos operacionais

Os conceitos operacionais inspiram-se nos princípios teóricos de Bernard Pottier. A partir deles cria-se, num segundo momento, uma metalinguagem própria.

##### 5.1.2.1 - Bernard Pottier

Pottier, como outros estruturalistas, distingue, em nível do significado do signo lingüístico, a forma do conteúdo da substância do conteúdo. É deste último plano (substância do conteúdo) que a Semântica se ocupa.

A substância do significado de um signo é constituída por um conjunto de traços distintivos de significação

ção - o semema - e cada traço é um sema.

Os semas, por sua vez, não são todos da mesma natureza. Dividem-se em denotativos e conotativos. Os primeiros determinam, de maneira estável, a significação de um signo; enquanto os outros caracterizam, de maneira instável e individual, a significação do signo (Pottier, 1974, p.30).

Os semas, portanto, pertencem ao constante da significação ou ao variável. Os semas variáveis formam o virtuema e são conotativos. Os semas constantes são denotativos e dividem-se em específicos e genéricos. Os específicos permitem distinguir uma mesa de uma escrivaninha, ao passo que os genéricos indicam uma classe geral, tal como material, descontínuo. Assim, o conjunto de semas de um signo compõe a sua substância. Como toda substância tem forma, a forma de um semema é o lexema.

Segundo Pottier, o universo é identificado e percebido pelo homem através da língua. Nela encontram-se conjuntos finitos e não-finitos. A gramática ocupa-se dos primeiros e o léxico dos segundos. (1972, p. 70)

Neste último caso, trata-se das unidades lexicais que compõem o léxico de uma língua. Destinam-se tais unidades a designar o que o homem identifica no universo. Por essa razão, "chama-se designação ao termo que pertence a um conjunto não-finito. A sua forma (significante) é um lexe



ma. Daí se dizer que um lexema é um significante mínimo de designação" (Pottier, 1972, p.70).

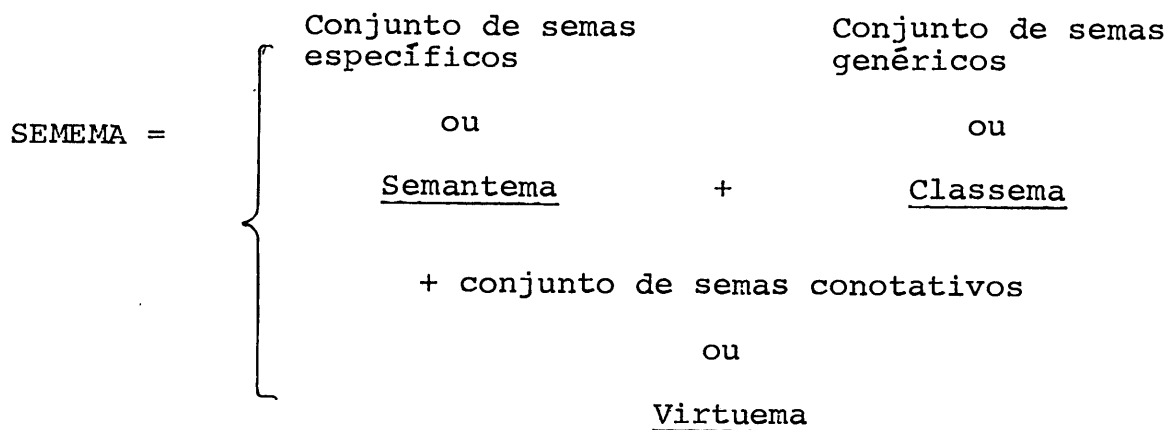
Assim, Pottier afirma que:

"O conteúdo sêmico de um lexema é seu semema. O semema é o conjunto dos semas. O sema é o traço distintivo mínimo de significação e se distingue por oposição em um conjunto lexical".

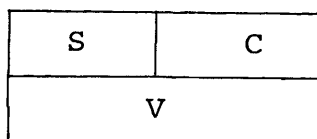
Pode-se, agora, reproduzir o seguinte esquema: (Pottier, 1972, p.71):

LEXEMA = Significante

SEMEMA = Significado



SEMEMA =

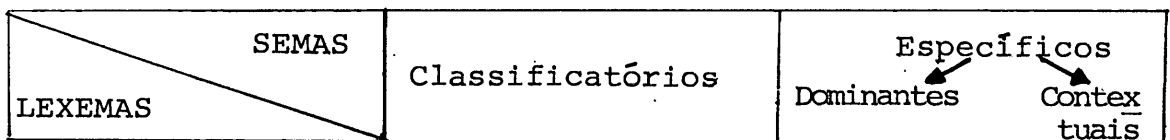


Esses princípios teóricos de Pottier permitiram que se equacionasse a análise sêmica aqui desenvolvida.

### 5.1.2.2 - Conceitos próprios

Sema e lexema são os primeiros conceitos operacionais, tomados a Pottier, com identidade global.

É importante esclarecer que os semas, levantados para cada lexema, sofreram uma ordenação particular. Foram divididos em dois níveis: classificatórios e específicos. Seu conjunto equivale ao semema de Pottier, sendo que os semas classificatórios identificam-se com os classemas. Apesar dessa identificação, trabalha-se apenas com a terminologia da dissertação, ou seja, a de semas classificatórios e específicos. Estes, por sua vez, são subdivididos em dominantes e contextuais. Assim, no quadro sêmico analítico, os semas são ordenados da seguinte maneira:



#### 5.1.2.2.1 - Semas classificatórios

Os semas classificatórios constituem-se na tentativa de se chegar a uma classificação geral dos semas. É uma busca de uniformidade sêmica para todos os lexemas, num primeiro momento de análise. Tal uniformidade só pode ser pensada em termos de classes gerais e, por essa razão, iden

tificam-se com os classemas de Pottier.

Restringem-se, no âmbito deste trabalho, a seis: /ação/, /produto/, /qualidade/, /estado/, /sentimento/ e /relação/.

O dicionário enfocado foi também, para esses semas, o elemento marcador para as suas conceituações. Assim, considerou-se como:

- a) /ação/ = Ato de atuar;
- b) /produto/ = Aquilo que é produzido pela natureza. 2. Resultado de qualquer atividade humana (física ou mental);
- c) /qualidade/ = Propriedade, atributo ou condição das coisas ou das pessoas, capaz de distinguí-las das outras e de lhes determinar a natureza;
- d) /estado/ = Modo de ser ou estar;
- e) /Sentimento/ = Disposição afetiva em relação a coisas de ordem moral ou intelectual;
- d) /relação/ = Referência, ligação, vinculação.

Quanto ao último sema, entende-se sempre uma partícula de relação.

É importante salientar que o conjunto desses semas não foi determinação "a priori", mas após a equação sêmica efetuada em todos os lexemas do corpus.

#### 5.1.2.2.2 Semas específicos

Os semas específicos traduzem o universo sêmico dos lexemas-chave da definição. A especificidade aqui é entendida como uma microorganização, a par das classes gerais. Assim, os semas específicos buscam revelar como o lexema se configura em cada uma das acepções e também, globalmente, na definição.

Subdividem-se em dominantes e contextuais.

##### a) Dominantes:

Os semas específicos dominantes são aqueles ou só aquele de maior ocorrência no quadro sêmico. Através deles, pode-se observar o enfoque de concentração da significação, atribuída pelo dicionarista à sua definição.

Por outro lado, funcionam como um instrumento de medida para que se avalie a organização das acepções. Pode-se, com base no levantamento dos semas dominantes, propor reformulações para a DL, pois apontam, freqüentemente, o caminho para a escolha de um arquilexema.

##### b) Contextuais:

Os semas específicos contextuais revelam os traços significativos de cada lexema arrolado. Apontam matizes de significação entre os lexemas definidores, criando disjunções entre os mesmos.

Sua função primordial é mostrar que não há identi

dade entre os lexemas arrolados sinonimicamente dentro de u ma mesma acepção. Também, por seu intermédio, evidencia-se a circularidade das definições.

c) Virtuema:

É uma significação latente do lexema que se atualiza pelo contexto. Este é a reunião de todos os lexemas de de finidores da acepção.

## 5.2. Critérios de análise

A análise sêmica efetua-se a partir dos lexemas que compõem a DL.

Inicialmente isolou-se cada uma das acepções, procurando-se equacionar todos os lexemas definidores. O resultado foi ineficaz, além da imensidão que tomava o corpo analítico.

Sentiu-se de imediato a necessidade de encontrar um princípio redutor que levasse à análise apenas os lexemas realmente importantes para a DL. Os escolhidos foram denominados lexemas-chave. A análise sêmica serviu como um instrumento capaz de avaliar, posteriormente, a escolha inicial dos lexemas-chave.

Deve-se salientar, paralelamente, que as acepções funcionais, indicadas como específicas de disciplinas, não foram analisadas. Buscou-se assim atingir os sentidos logo

reconhecidos por um falante da língua.

#### 5.2.1. Escolha dos lexemas-chave

A seleção dos elementos, considerados pertinentes para a definição, baseou-se nos critérios de ocorrência e de abrangência.

a) Critério de ocorrência - presença do lexema na definição da acepção tratada;

b) Critério de abrangência - escolha de lexemas abrangedores de grande campo semântico e representativos da significação básica da acepção.

A escolha, determinada aprioristicamente, foi testada pelos próprios resultados da análise.

#### 5.2.2. Escolha dos semas

Os semas não foram levantados intuitivamente, mas a partir das definições do lexicógrafo. Com isso se quer dizer que, escolhidos os lexemas-chave, buscou-se a definição proposta para eles no mesmo dicionário.

Tal procedimento teve por objetivo respeitar o universo semântico, ou seja, a significação natural do texto lexicográfico.

No quadro sêmico, marcaram-se somente os semas mais abrangentes; selecionaram-se, assim, aqueles imediatamente evidenciados. Não houve preocupação com a exaustividade sêmica, pois não contribuiria para os objetivos da análise.

### 5.2.3 - Ordenação sêmica

A ordenação sofrida pelos semas (classificatórios X específicos) não foi determinada "a priori". Sua necessidade impôs-se após o levantamento sêmico, pois os semas deviam ser interpretados a fim de que se captasse o universo semântico proposto pelo dicionarista em suas definições. Verificar a organização desse universo é, efetivamente, o real objetivo da análise sêmica.

### 5.2.4 - Metalinguagem

A análise componencial prefere semas, cuja capa lexemática seja do tipo de derivados em "idade", tais como /superioridade/, /extremidade/. Essa metalinguagem sêmica foi desprezada em favor da naturalidade da linguagem analítica neste nível.

Encontram-se assim, predominantemente, semas que se identificam com os lexemas arrolados, enquanto significantes. Embora exista essa identificação em nível de significação.

ficante, trata-se, de qualquer forma, de uma metalinguagem, porque é uma segunda língua, explicando a primeira.

Na interpretação dos resultados, o termo conjunto equivale à acepção.

### 5.3 - Procedimentos

Na análise de cada verbete (todos transcritos integralmente) isolaram-se as acepções de caráter geral. Destas foram escolhidos os lexemas-chave. Suas respectivas definições foram buscadas no mesmo dicionário e escritas sob diferente apresentação tipográfica, com a finalidade de destacar a fonte de determinação dos semas.

Quando uma forma natural de lexema definidor não constava no dicionário, registrava-se, entre colchetes, a forma gramatical encontrada.

A análise sêmica é distribuída em dois quadros: o primeiro (I), denominado EQUAÇÃO SÊMICA, traduz a equação sêmica dos lexemas definidores e o segundo (II), denominado CATEGORIZAÇÃO SÊMICA, interpreta os semas e os classifica com base em suas ocorrências.

No quadro I, os lexemas-chave são dispostos. Os semas conotados são marcados com o sinal + e os virtuais com (+). As acepções ou conjuntos são numerados com letras maiúsculas e separados por linhas duplas.



No quadro II, retoma-se o verbete. Os semas classificatórios são separados dos outros por linhas duplas.

Nos resultados da análise, a referência aos semas é feita com colchetes; aos lexemas, com aspas.

#### 5.4 - Delimitação e escolha do corpus

A escolha dos verbetes que compõem o corpus desta dissertação passou por três etapas de organização até chegar ao número de 18 verbetes sistematicamente analisados. Cada fase se desenvolveu de acordo com critérios próprios.

A primeira etapa procurou selecionar um instrumento de trabalho; a segunda, classificou em grupos este instrumento; a terceira, fixou o verbete efetivamente analisado de cada grupo.

Na primeira fase, o trabalho desenvolveu-se sob a orientação do professor João Beal Vargas da disciplina de Estatística do Instituto de Matemática da UFRGS. A escolha dos verbetes foi aleatória e se processou a partir de uma tabela de dígitos equiprováveis (Fisher & Yates, 1949). Inicialmente, a tabela foi dividida em colunas de seis algarismos trabalhados da seguinte forma:

a) os quatro primeiros dígitos correspondem ao número da página;

b) o quinto dígito indica a coluna do dicionário (há três colunas em cada página). Quando se obtém 1,2 ou

3, trabalha-se com a primeira coluna; se for 4, 5, 6, com a segunda; 7,8,9, com a terceira coluna. Quando o quinto dígito é zero, elimina-se o conjunto de algarismos e passa-se ao seguinte;

c) o sexto dígito dá o sentido em que a coluna do dicionário deve ser trabalhada. Quando o dígito é par, incluindo zero, percorre-se a coluna de cima para baixo; quando ímpar, trabalha-se em sentido inverso. Procede-se desta forma até que seja localizado o primeiro verbete indicado pelo autor como substantivo. Este é então escolhido para compor o corpus;

d) repete-se o processo, isto é, passa-se ao número seguinte da tabela;

e) exemplificação do procedimento:

Coluna de seis algarismos: 034743	<u>0347</u>	4	3
	↑	↑	↑
	página	coluna	sentido

página: 0347

coluna: segunda

sentido: inverso

Verbete: COLISÃO

Coluna de seis algarismos: 125685	<u>1256</u>	8	5
	↑	↑	↑
	página	coluna	sentido

página: 1256

coluna: terceira

sentido: inverso

Verbete: ROMARIA

A tabela não foi esgotada até seu final. Restringiu-se o levantamento a sua primeira folha, pois é composta originalmente de três folhas. Tal restrição deveu-se ao número bastante significativo de 116 verbetes que resultaram desta escolha.

É necessário observar que foram desprezados os conjuntos de algarismos que ultrapassavam o número de 1505 páginas do dicionário (1a.edição, 4a.impressão). Os verbetes que constituem então o primeiro instrumento de trabalho desta dissertação estão arrolados a seguir:

TABELA DE VERBETES

Página	Coluna	Sentido	Verbete
0347	4(2º)	3(inverso)	Colisão
1256	8(3º)	5(inverso)	Romaria
0039	6(2º)	8(natural)	Adoníade
1127	9(3º)	4(natural)	Porta-lenços
0526	9(3º)	3(inverso)	Endotelioma
0797	1(1º)	0(natural)	J
1465	5(2º)	2(natural)	Verdete
0979	1(2º)	3(inverso)	Nevralgia
1213	4(2º)	0(natural)	Reduzida
0472	3(1º)	3(inverso)	Diadema
1370	5(2º)	5(inverso)	Tchernoziom
0590	9(3º)	4(natural)	Estrepada
0919	7(3º)	4(natural)	Merenda
0571	9(3º)	5(inverso)	Espinho-de-cerca

Página	Coluna	Sentido	Verbetes
0615	9 (3º)	3 (inverso)	Farrapona
0449	6 (2º)	9 (inverso)	Descuramento
0732	9 (3º)	0 (natural)	Hipófara
0979	8 (3º)	3 (inverso)	Nica
0945	5 (2º)	9 (inverso)	Mondadura
1267	1 (1º)	9 (inverso)	Sobre-baioneta
1334	8 (3º)	6 (natural)	Sopeso
1296	9 (3º)	3 (inverso)	Semíviro
0744	3 (1º)	8 (natural)	Ideofrenia
0796	8 (3º)	8 (natural)	Não há, coluna pequena sem subst.
0071	7 (3º)	4 (natural)	Alma-de-mestre
0811	1 (1º)	2 (natural)	Jujuba
0218	3 (1º)	9 (inverso)	Boquinha
1355	3 (1º)	8 (natural)	T
0618	4 (2º)	4 (natural)	Fava-de-sucupira
1286	7 (3º)	3 (inverso)	Satélite
0676	5 (2º)	0 (natural)	Galvano
0443	1 (1º)	8 (natural)	Desasa
0443	4 (2º)	6 (natural)	Demopsicologia
1358	1 (1º)	8 (natural)	Tactura
1045	6 (2º)	5 (inverso)	Parecença
0052	4 (2º)	3 (inverso)	Agregação
0651	2 (1º)	9 (inverso)	Forramento
1308	2 (1º)	7 (inverso)	Sêxtuplos
0702	1 (1º)	8 (natural)	Grande-caloria
1341	4 (2º)	3 (inverso)	Submersão

Página	Coluna	Sentido	Verbetes
0831	5 (2º)	4 (natural)	Lazeira
0751	2 (1º)	4 (natural)	Imperfuração
1421	8 (3º)	8 (natural)	Triolé
1342	9 (3º)	9 (inverso)	Subsistência
0310	5 (2º)	5 (inverso)	Certificação
0772	9 (3º)	3 (inverso)	Iniomo
0354	9 (3º)	7 (inverso)	Complemento
0952	6 (2º)	8 (natural)	Morridouro <sup>1</sup>
0426	1 (1º)	1 (inverso)	Decorticação
0683	5 (2º)	2 (natural)	Gáudio
0150	1 (1º)	5 (inverso)	Assombração
0404	4 (2º)	5 (inverso)	Critério
0560	3 (1º)	5 (inverso)	Escrete
1124	1 (1º)	0 (natural)	Ponto-limite
0273	4 (2º)	3 (inverso)	Capa
0490	6 (2º)	7 (inverso)	Doida
0731	6 (2º)	6 (natural)	Hiperkeratose
0461	6 (2º)	7 (inverso)	Desnacionalização
0263	2 (1º)	1 (inverso)	Camélia
0392	1 (1º)	8 (natural)	Corrutela
0845	9 (3º)	3 (inverso)	Limpa <sup>2</sup>
0708	5 (2º)	5 (inverso)	Guaiá
0185	8 (3º)	0 (natural)	Barbeirola
0728	5 (2º)	9 (inverso)	Hidromecânica
1015	8 (3º)	3 (inverso)	Ortografia
0366	1 (1º)	3 (inverso)	Conha
0566	5 (2º)	1 (inverso)	Espaguete

Página	Coluna	Sentido	Verbetes
1435	1 (1º)	9 (inverso)	Uacariaçú
1254	2 (1º)	2 (natural)	Rodofícea
1451	2 (1º)	3 (inverso)	Valão <sup>1</sup>
0119	6 (2º)	0 (natural)	Apraxia
0823	9 (3º)	8 (natural)	Lamínula
0748	8 (3º)	9 (inverso)	Imene
1339	3 (1º)	5 (inverso)	Subarbusto
1034	3 (1º)	1 (inverso)	Panejamento
0343	3 (1º)	8 (natural)	Coentro
0065	2 (1º)	6 (natural)	Alegramento
1007	8 (3º)	2 (natural)	Onomástica
1019	3 (1º)	4 (natural)	Ourelo
1153	4 (2º)	9 (inverso)	Proliferação
0111	9 (3º)	4 (natural)	Aparcelamento
1023	9 (3º)	8 (natural)	Pacatez
1431	6 (2º)	6 (natural)	Turbilhonamento
0120	7 (2º)	1 (inverso)	Apropinuação
0244	9 (3º)	5 (inverso)	Caçadores
0500	4 (2º)	1 (inverso)	Eco
0239	3 (2º)	7 (inverso)	Caaeê
0061	5 (2º)	4 (natural)	Alberca
0459	6 (2º)	3 (inverso)	Deslocamento
0062	6 (2º)	1 (inverso)	Alcamonia
1225	1 (1º)	2 (natural)	Remissa
0585	1 (1º)	1 (inverso)	Estilo
1174	2 (1º)	1 (inverso)	Quadrigato
1294	9 (3º)	7 (inverso)	Selvícola

Página	Coluna	Sentido	Verbete
1343	9 (3º)	1 (inverso)	Subtrilho
0723	6 (2º)	9 (inverso)	Hépar
0405	7 (3º)	2 (natural)	Crônica
0419	7 (3º)	6 (natural)	Dádiva
0684	6 (2º)	3 (inverso)	Gazetilhista
0274	7 (2º)	7 (inverso)	Capeamento
1420	9 (3º)	2 (natural)	Trimestralidade
1276	3 (1º)	9 (inverso)	Salva-vidas
0132	9 (3º)	0 (natural)	Aristofanismo
0049	5 (2º)	5 (inverso)	Agasalho
0163	4 (2º)	5 (inverso)	Autoritarismo
0607	1 (1º)	8 (natural)	F
0712	7 (3º)	8 (natural)	Guerreira
0903	5 (2º)	6 (natural)	Matadoiro
0977	1 (1º)	9 (inverso)	Neotremados
0130	9 (3º)	8 (natural)	Arganel
0345	1 (1º)	5 (inverso)	Colar <sup>1</sup>
1452	3 (1º)	2 (natural)	Valeriana
1388	8 (3º)	3 (inverso)	Timbre
0793	8 (3º)	9 (inverso)	Ita
1108	9 (3º)	5 (inverso)	Platictênios
1257	2 (1º)	1 (inverso)	Rompedura
1171	9 (3º)	9 (inverso)	Puzzle

Após a primeira seleção do material, passou-se à segunda fase de organização do corpus, na qual todos os verbetes foram classificados de acordo com sua estrutura inter

na, considerando-se:

a) o número de acepções indicadas pelo dicionarista;

b) a forma lingüística de apresentação das acepções: por descrição ou por sinonímia.

Dessa classificação resultaram os seguintes grupos de verbetes:

1. Verbetes remissivos:

Fava-de-sucupira

Escrete

Uacariaçu

Limpa

Imene

Guerreira

Arganel

2. Verbetes com 1 acepção:

- Denominação:

Nevralgia

Alma-de-mestre

Tactura

Alegramento

Alberca

Matadoiro

Selvícola



## - Descrição:

Porta-lenços	Triolé	Turbilhonamento
Endotelioma	Certificação	Caçadores
Tchernoziom	Morridouro	Caaeé
Estrepada	Decorticação	Alcamonia
Hipófora	Ponta-limite	Quadrigato
Farrapona	Desnacionalização	Subtribo
Sabre-baioneta	Barbeirola	Hépar
Sopeso	Hidromecânica	Cazetilhista
Galvano	Conha	Aristofanismo
Sêxtuplo	Rodofícea	Neotremados
Ideofrenia	Apraxia	Valeriana
Desasa	Subarbusto	Ita
Imperfuração	Coentro	Platictênios
	Aparcelamento	

## - Descrição e Denominação:

Semíviro  
 Forramento  
 Grande-caloria  
 Ourelo  
 Pacatez  
 Apropinuação  
 Dádiva  
 Autoritarismo

## 3. Verbetes com 2 acepções:

## - Denominação:

Gáudio

## - Descrição:

Adoníade  
 Diadema  
 Submersão  
 Hiperceratose  
 Camélia  
 Espaguete  
 Lamínula  
 Proliferação  
 Capeamento  
 Trimestralidade  
 Doida  
 Submersão  
 Iniomo  
 Diadema

## - Denominação + Descrição:

Puzzle  
 Mondadura  
 Parecença  
 Descuramento  
 Remissa  
 Espinho-de-cerca  
 Valão  
 Rompedura

## 4. Verbetes com 3 acepções:

## - Descrição:

Verdete

Reduzida  
 Merenda  
 Jujuba  
 Agregação  
 Subsistência  
 Assombração  
 Onomástica  
 Salva-vidas

- Descrição + Denominação + Remissão:

Guaiã  
 Demopsicologia  
 Colar

5. Verbetes com 4 acepções:

- Descrição:

J  
 Ortografia  
 Panejamento

- Denominação, Descrição, Remissão:

Nica  
 Boquinha

6. Verbetes com 5 acepções:

- Descrição:

Romaria  
 Complemento

## 7. Verbetes com 6 acepções:

- Descrição:

Crônica

- Descrição + Denominação:

Lazeira

Critério

Deslocamento

Agasalho

## 8. Verbetes com 7 acepções:

- Descrição + Denominação:

Colisão

Satélite

## 9. Verbetes com 8 acepções:

- Descrição:

F

T

## 10. Verbetes com 13 acepções:

- Descrição + Denominação:

Capa

## 11. Verbetes com 15 acepções:

- Descrição + Denominação:

Timbre

## 12. Verbetes com 16 acepções:

- Descrição + Denominação:

Eco

### 13. Verbetes com 19 acepções:

- Descrição + Denominação:

#### Estilo

Inicialmente o estudo pretendia analisar especificamente cada um dos verbetes. O trabalho, porém, tornou-se repetitivo e muito extenso pelos desdobramentos que se apresentaram. Como a intenção não é de uma abordagem exaustiva, optou-se então por analisar um dos verbetes de cada um dos grupos. Essa escolha foi de ordem pessoal e preferiu palavras de uso corrente do sistema lingüístico. Quando a classificação aponta um só verbete, este é obrigatoriamente analisado.

Os verbetes remissivos e os de uma acepção por denominação não foram considerados pertinentes para a análise, uma vez que não se adequavam à comprovação das hipóteses.

A amostragem reduz-se assim a dezoito verbetes.

Dessa forma chegou-se à terceira etapa definitiva na delimitação do corpus, que apontou os seguintes verbetes: Aparcelamento, Dádiva, Gáudio, Descuramento, Doida, Merenda, Colar, Ortografia, Boquinha, Complemento, Crônica, Agasalho, Colisão, T, Capa, Timbre, Eco, Estilo.

#### 5.5 - Apresentação do "corpus"

Os verbetes a seguir trabalhados constituem o "corpus" desta dissertação. Sua identificação está contida

nos tópicos anteriores e cada um dos verbetes submete-se a: apresentação dicionarizada, procedimento de análise, análise sêmica e resultados da análise.

#### APARCELAMENTO

Uma acepção - descrição

Aparcelamento - Ato ou efeito de aparcelar<sup>1</sup>.

*Aparcelar*<sup>1</sup> - *Dividir ou dispor em parcelas.* [Ver parcelas 1 e 2]

*Dividir* - *Partir ou distinguir em diversas partes; separar as diversas partes de; desunir.*

*Dispor* - *Colocar em certa ordem; arrumar de um determinado modo.*

*Parcelas* - *Pequena parte; fração, fragmento.*

#### 1. PROCEDIMENTO:

Neste verbete houve necessidade de se tomar como objeto de análise a definição de "aparcelar", posto que o lexema "parcela", elemento básico da definição de "aparcelamento" não se encontra na definição proposta pelo dicionarista. Por essa razão, toda a apresentação tipográfica é distinta.

## 2. ANÁLISE SÊMICA

SEMAS	A	P
LEXEMAS		
Dividir	+	
Dispor	+	
Parcelas		+

## I EQUAÇÃO SÊMICA

PARTIÇÃO	ORDENAÇÃO	PARTE
+		+
	+	
		+

## II CATEGORIZAÇÃO SÊMICA

SEMAS	CLASSIFICATÓRIOS	ESPECÍFICOS
VERBETE		DOMINANTES
	Ação	CONTEXTUAIS
APARCELAMENTO	Produto	Partição
		Ordenação

### 3. RESULTADOS DA ANÁLISE

A AS revela a ocorrência simultânea dos semas classificatórios /ação/ e /produto/. Tal fato corresponde à explicitação do sufixo mento na definição primeira. Com isso se quer dizer que a DL equacionou o significado do sufixo. Nessa medida, considerou categorias gerais (classe - mas), mas deixou a descoberto a significação de "aparcerar", a qual somente é atingida após a remissão.

Uma definição dessa natureza é caracterizada como morfo-semântica. A significação é traduzida apenas em parte, pois só um aspecto é considerado.

Os semas específicos mostram que o lexema básico da definição de "aparcerar" é "parcela", justificado pelo sema dominante /parte/. Os semas específicos são o resultado de lexemas definidores da primeira acepção proposta, mas da remissiva.

Assim, se se pretendesse reformular a definição, o lexema "aparcerar" deveria ser substituído por definidores cuja capa lexemática reunisse, ao máximo, os semas específicos. Dessa forma, a definição revelaria, sem recorrência, a significação de aparcerar.



## DÁDIVA

Uma acepção - descrição + denominação

Dádiva - [Do lat. dativa, pl. de dativum, 'donativo', no lat.tardio, com deslocação de acento]

S.f. Aquilo que se dá; donativo, dom, presente, oferta. [cf. dadiva do v. dadivar]

Aquilo que se dá; donativo, dom, presente

Aquilo - *Aquela(s) coisa(s).*

Dar - *Ceder, presentear, doar.*

Donativo - *Dom, presente, dádiva.*

Dom - *Donativo, dádiva, presente.*

Presente - *Aquilo que se oferece com intento de agradar, retribuir ou fazer-se lembrado; dádiva.*

*Dádiva - dom, condão.*

Oferta - *Ato de oferecer-se; oferecimento, oferenda, dádiva, ablação.*

1. ANÁLISE SÊMICA

I EQUAÇÃO SÊMICA

SEMÁS LEXEMAS	P	A	Q	Ofereci- mento	Qualquer coisa	Doação	Intencio- nalidade	Reflexi- vidade	Sagrado
Aquilo	+				+				
Dar		+		+		+			
Donativo	+			+		+			
Dom			+	+		+			
Presente	+			+		+	+		
Oferta	+			+				+	+

II CATEGORIZAÇÃO SÊMICA

SEMÁS VERBETE	SEMÁS	CLASSIFICATÓRIOS	ESPECÍFICOS	
			DOMINANTES	CONTEXTUAIS
DÁDIVA		Produto Ação Qualidade	Oferecimento	Qualquer coisa Doação Intencionalidade Reflexividade Sagrado

## 2. RESULTADOS DA ANÁLISE

A definição do dicionário conceitua "dádiva" como resultado da ação de "dar". Tal resultado é anunciado pelo lexema "aquilo". Donde entende-se a predominância do sema classificatório /produto/ no quadro geral da análise.

Ao final da parte de expansão da definição, há a presença de lexemas considerados como sinônimos de entrada lexical. Esses, conjugam-se pelo sema específico dominante /oferecimento/, justificando-se assim suas presenças na definição.

Essa conjunção é responsável pela listagem sinônima, mas os mesmos lexemas disjuntam-se através dos semas contextuais. A disjunção neste caso não é total, pois muitas vezes o dicionarista não a considera. Veja-se que "donativo" e "dom" equivalem-se quanto aos semas específicos. Portanto, se a disjunção é percebida, não é anunciada pelo dicionarista.

Com base nas observações anteriores, conclui-se que a definição é abrangente. Seja pela presença de um arquilexema pobre - aquilo - seja pela desconsideração com os significados específicos.

A abrangência da definição pode ser ratificada através das definições próprias de cada um dos lexemas as quais evidenciam circularidade.

## GÁUDIO

Duas acepções - denominação.

Gáudio - [do lat. gaudiu] s.m. 1. Júbilo, alegria, regozijo.  
2. Folgança, pândega, brincadeira.

1. Júbilo, alegria, regozijo.

*júbilo* - grande contentamento de alegria.

[cf. júbilo do v. jubilar]

*Alegria* - Qualidade de alegre. Contentamento, satisfação, júbilo, exultação.

*Regozijo* - Gozo intenso; vivo contentamento ou prazer; grande satisfação.

2. Folgança, pândega, brincadeira.

*Folgança* - Brincadeira, divertimento, festa, folgado.

*Pândega* - Folgado ruidoso e alegre; brincadeira, folgança, folia.

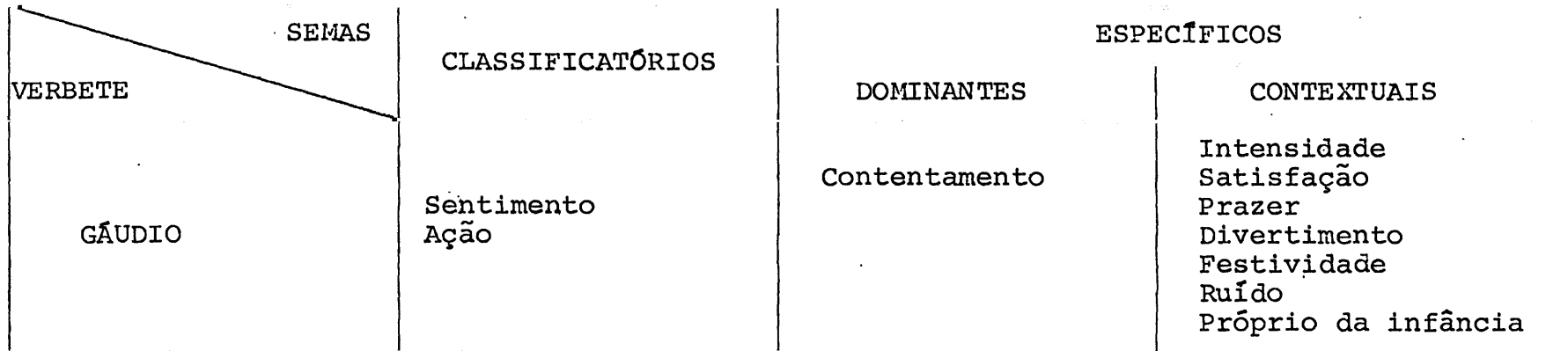
*Brincadeira* - Divertimento, sobretudo entre crianças; brinquedo, jogo.

# 1. ANÁLISE SÊMICA

## I EQUAÇÃO SÊMICA

	SEMAS LEXEMAS	S	A	CONTEN- TAMENTO	INTEN- SIDADE	ALE- GRIA	SATIS- FAÇÃO	PRAZER	DIVER- TIMENTO	FESTI- VIDADE	RUÍDO	PRÓPRIO DA INF.
A	Júbilo	+		+	+	+						
	Alegria	+		+		+	+					
	Regojizo	+		+	+			+				
B	Folgança		+	+					+	+		
	Pândega		+	+					+		+	
	Brinca- deira		+	+					+			+

## II CATEGORIZAÇÃO SÊMICA



### 3. RESULTADOS DA ANÁLISE

A ocorrência simultânea, no quadro analítico dos semas classificatórios /sentimento/ e /ação/ deve ser observada sob dois ângulos. Inicialmente, salienta-se a presença homogênea, em cada conjunto, de apenas um sema classificatório. Por outro lado, essa homogeneidade parece ser responsável pela disjunção entre as duas acepções. Os semas classificatórios dão conta das duas acepções.

A relação de conjunção é dada pelo sema específico dominante /contentamento/, presente, de forma global, nas duas acepções. Esse sema, enquanto lexema, é definido pelo próprio dicionário como: "sentimento de prazer, satisfação, alegria". Justifica-se assim o fato dos lexemas do segundo conjunto o possuírem como marca uniforme de significação.

Os semas específicos contextuais estabelecem as disjunções entre os lexemas do mesmo conjunto na medida em que evidenciam as delimitações de significados, desconsideradas pelo dicionarista, posto que arrola como sinônimos os lexemas dentro de cada uma das acepções.

A partir das relações de conjunção, evidenciadas pela análise sêmica, é possível propor-se, como definição mais adequada para o verbete, um texto descritivo, capaz de dar conta de "gáudio" como um "sentimento" de contentamento, presente nas ações do tipo divertimento. Dessa forma, a definição não seria sinonímica, mas organizar-se-ia a partir de um arquilexema - sentimento - seguido da diferença espe

cífica - contentamento. Por este caminho, talvez não houvesse duas acepções, posto que os elementos da segunda serviriam como abonação.

## DESCURAMENTO

Duas acepções - descrição + denominação

Descuramento - S.m. 1. Ato ou efeito de descurar. 2. Desleixo, descuido.

1. Ato ou efeito de descurar

Descurar - *Não curar; desleixar, descuidar.*

2. Desleixo, descuido.

Desleixo - *V. desleixamento. Ato ou efeito de desleixar-se.*

Descuido - *Falta de cuidado.*



1. ANÁLISE SÊMICA

		SEMAS	I EQUAÇÃO SÊMICA				
		LEXEMAS	A	P	DESATENÇÃO	NEGLIGÊNCIA	REFLEXIVIDADE
A		Descurar	+		+	+	+
B		Desleixo		+	+	+	+
		Descuido		+	+	+	

II CATEGORIZAÇÃO SÊMICA

VERBETE	SEMAS	CLASSIFICATÓRIOS	ESPECÍFICOS	
			DOMINANTES	CONTEXTUAIS
DESCURAMENTO		Ação	Desatenção	Reflexividade
		Produto	Negligência	

## 2. RESULTADOS DA ANÁLISE

Há ocorrência simultânea dos semas classificatórios /ação/ e /produto/. Essa dicotomia é significativa por quanto estabelece a disjunção entre as duas acepções.

Os semas específicos dominantes /desatenção/ e /negligência/ são responsáveis pela conjunção de todos os lexemas de ambos os conjuntos.

É necessário salientar que a única delimitação de significado se dá entre os lexemas do segundo conjunto pela presença do sema contextual /reflexividade/.

Feita essa ressalva, percebe-se que os conjuntos A e B equivalem-se. O lexicógrafo considerou-os como acepções diferenciadas com base nos semas classificatórios. Nesse sentido parece importante retomar a definição de "descuramento": ato ou efeito de descurar, ou seja, "ato" igual a descurar e "efeito" igual a "desleixo", "descuido".

Nessa ótica, não se justifica a presença de duas acepções no verbete. A primeira deveria comportar "desleixo" e "descuido".

Quanto ao tipo de definição, A é morfo-semântica.

## DOIDA

Duas acepções - descrição

Doida - [Fem. de doido] S.f. 1. Mulher doida. 2. Moléstia que ataca os miolos do gado lanígero. [Fem. paral. douda. Cf. doída, fem.: de doído] Ã doida. 1. Sem juízo; estouvadamente. 2. Ã toa.

1. Mulher doida.

[Doido] - *Louco, alienado, demente.*

2. Moléstia que ataca os miolos do gado lanígero.

Moléstia - *Incômodo ou sofrimento físico; doença, achaque, mal.*

Miolos - *A massa encefálica, cérebro.*

Ã doida

1. Sem juízo; estouvadamente.

Juízo - *Tino, ponderação.*

[Estouvado] - 1. *Que pensa pouco; sem juízo, leviano, doidivas, imprudente.* 2. *Que faz as coisas sem cuidado.* [Sin. Estabanado].

2. Ã toa - 1. *Ao acaso, a esmo.* 2. *Sem razão, ou por motivo frívolo, irrefletidamente.*

## 1. PROCEDIMENTO

Utilizou-se a definição de "doido" porque é a forma que consta no dicionário desse lexema, enquanto adjetivo.

A locução "à doida" foi considerada elemento importante na construção do verbete e o seu conjunto forma uma terceira acepção.

2. ANÁLISE SÊMICA

I EQUAÇÃO SÊMICA

	SEMAS LEXEMAS	E	P	INSANIDADE		IRRACIO NALIDADE	AUSÊN CIA	RACIONA LIDADE	INCONSE QUÊNCIA	LEVIAN- DADE	ESMO
				FÍSICA	MENTAL						
A	Doido	+			+	+	+		+		
B	Moléstia Miolos		+	+				+			
C	Sem juízo Estouva- damente	+							+	+	
D	Acaso	+				+			+		+

II CATEGORIZAÇÃO SÊMICA

SEMAS VERBETE	CLASSIFICATÓRIOS	ESPECÍFICOS	
		DOMINANTES	CONTEXTUAIS
DOIDA	Estado Produto	Inconseqüência	Insanidade: física, mental Irracionalidade Ausência Racionalidade Leviandade Esmo

## 3. RESULTADOS DA ANÁLISE

A ocorrência dos semas classificatórios /produto/ e /estado/ pode ser explicada em termos de uma relação associativa que ocorre entre os conjuntos A e B.

"Doido" é o que sofre a moléstia dos "miolos", que são representados pelo sema /racionalidade/. Confirma-se a relação aludida pela presença do sema /insanidade/ nesses dois conjuntos. Assim, o lexema "miolos" torna-se o elemento subsumente das duas acepções. A referência a este caráter metafórico das acepções justifica a ocorrência da acepção B.

Nesta, não se encontra presente o sema dominante /inconseqüência/, porque seus lexemas definidores não o comportam. No entanto, tomando-se o conjunto -moléstia dos miolos - ter-se-á, também, o traço significativo /inconseqüência/.

É importante observar que a freqüência do sema dominante é mais intensa no conjunto formado pelas locuções. Em outras palavras, os significados do verbete são dados pelas locuções. Com isso se quer dizer que o tipo de definição construído na primeira acepção fornece apenas a indicação de gênero. É uma definição nominal, primária.

Há ainda a observar os semas periféricos que novamente estabelecem a disjunção entre os lexemas, embora isso não tenha sido considerado entre os definidores de "louco".

## MERENDA

## Três acepções - descrição

Merenda - [Do lat. merenda] s.f. 1. Refeição leve, entre o almoço e o jantar. 2. O que se leva em farnel para comer no campo ou em viagem. 3. O que as crianças levam para comer na escola, em geral durante o recreio. [Sin.ger.: lanche].

1. Refeição leve, entre o almoço e o jantar.

Refeição - *Qualquer porção de alimento, de comida.*

Leve - *De pouco peso.*

Entre - *Intervalo de tempo que separa dois fatos ou duas épocas.*

2. O que se leva em farnel para comer no campo ou em viagem.

Farnel - *2. Alimento para jornada: merenda.*

Comer - *Introduzir (alimentos) no estômago pela boca, mastigando-os e engolindo-os.*

No -

[Em] - *Entra na composição de adjuntos adverbiais que exprime idéia de lugar.*

3. O que as crianças levam para comer na escola, em geral durante o recreio.

## 1. PROCEDIMENTO

Decidiu-se pela não inclusão da terceira acepção no quadro, visto que seus lexemas pertinentes seriam redundantes, especialmente "comer". Quanto a /na/ e /durante/ eles seriam marcados com os semas /localidade/ e /temporalidade/, respectivamente. Esse procedimento não acarretou alterações para a AS.



## 2. ANÁLISE SÊMICA

### I EQUAÇÃO SÊMICA

	SEMAS LEXEMAS	P	Q	R	A	ALIMENTO	POUCA QUAN TIDADE	TEMPORALI DADE	LOCALIDA DE
A	Refeição Leve Entre	+	+	+		+	+	+	
B	Farnel Comer No	+		+	+	+	+		+

### II CATEGORIZAÇÃO SÊMICA

VERBETE	SEMAS	CLASSIFICATÓRIOS	ESPECÍFICOS	
			DOMINANTES	CONTEXTUAIS
MERENDA		Produto Qualidade Relação Ação	Alimento	Pouca quantidade Temporalidade Localidade

## 3. RESULTADOS DA ANÁLISE

O sema específico dominante é /alimento/. Está presente em todas as acepções, e, nessa medida, atua como responsável pela conjunção entre as três.

Os semas específicos contextuais disjuntam as acepções.

Por outro lado, desempenham papel importante em relação ao tipo de definição. O traço /pouca quantidade/ pode ser entendido como a diferença específica que dá a verdadeira definição.

O sema específico dominante /alimento/ poderia corresponder a um arquilexema ou à categoria lógica mais ampla, enquanto que /pouca quantidade/, equivalente à diferença específica, instaura a definição.

Os outros semas específicos contextuais dão conta de indicações mais específicas na definição. Isso é feito em A, através do sema /temporalidade/ e em B, por meio de /localidade/. Tais traços, em razão de sua especificidade maior, ou seja, por expressarem circunstâncias, não estão na primeira parte da definição.

Verifica-se, pois, que, para esta definição, os semas específicos contextuais são de suma importância. O primeiro deles /pouca quantidade/ foi visto como elemento essencial da definição. Já os outros dois, /temporalidade/ e /localidade/ dão conta de circunstâncias. Não são elementos fundamentais da definição, apesar de terem, efetivamen-

te, estabelecido a disjunção entre as acepções.

Observa-se que tais traços também compõem a acepção dispensada (3) através dos lexemas "na" e "durante". Dessa forma, pode-se dizer que esse conjunto funciona mais como exemplo dos dois precedentes, pois não traz novas in formações. Por essa razão, pode ser totalmente dispensado do verbete.

## COLAR

Três acepções - descrição + denominação

Colar - [Do lat. *collare*] S.m. 1. Ornato ou insígnia para o pescoço. 2. Gola, colarinho. 3. Golilha (1).

1. Ornato ou insígnia para o pescoço.

Ornato - *Aquilo que orna; enfeite, atavio, ornamento.*

Insígnia - *Sinal distintivo de uma função, de dignidade, de posto, de comando, de poder, de nobreza, etc., símbolo, emblema, divisa.*

Pescoço - *A parte do corpo que liga a cabeça ao tronco.*

Para - *Introduz o complemento terminativo de verbos substantivos e adjetivos que encerram idéia de direção, destino, fim, objetivo, relação.*

2. Gola, colarinho.

Gola - *Parte do vestuário junto ao pescoço ou em volta dele.*

Colarinho - *Gola de pano cosida ou adaptada à camisa, em volta do decote.*

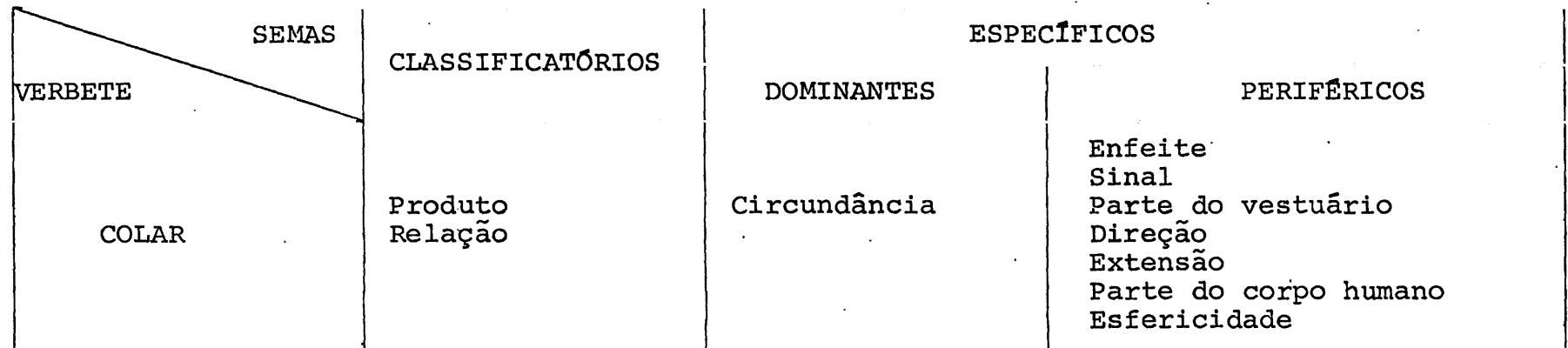
3. Golilha - *Cabeção com volta engomada, que se usava com a beca.*

1. ANÁLISE SÊMICA

I EQUAÇÃO SÊMICA

	SEMAS	P	R	ENFEI TE	SINAL	CIRCUN DÂNCIA	PARTE DO VEST.		DIRE ÇÃO	EXTEN- SÃO	PARTE DO CORPO H.	ESFERI CIDADE
	LEXEMAS						DEPEND.	INDEPEN.				
A	Omato	+		+		(+)						
	Insígnia	+			+	(+)						
	Para Pescoço	+	+					+		+	+	
B	Gola	+				+	+					
	Colarinho	+				+	+					
C	Golilha	+				+		+		+		

II CATEGORIZAÇÃO SÊMICA



## 2. RESULTADOS DA ANÁLISE

O sema /circundância/ pode ser considerado como dominante neste quadro. Presentifica-se globalmente, nas acepções B e C, porque "gola", "colarinho" e "golilha" caracterizam-se por circundarem o "pescoço".

Quanto à acepção A, verifica-se que os lexemas "ornato" e "insígnia", se analisados isoladamente, não contêm o sema /circundância/. Entretanto o sema classificatório /para/ estabelece a relação entre eles e o lexema /pesçoço/, fazendo com que "ornato" e "insígnia" contenham virtualmente o sema dominante. O lexema "pescoço" e, pois, elemento que indiretamente reúne as três acepções.

Nas acepções B e C, ao lado do sema dominante /circundância/, um outro é marcado globalmente, /parte do vestuário/. Esse sema conjuga B e C. A prova disso é que o dicionário define o lexema "golilha" como "cabecão" que, por sua vez, é definido como "gola".

Se, inicialmente, o lexema "gola" foi dado como "parte do vestuário", constata-se sua identificação com "gola" e "golilha". Logo, C não se justifica: deveria pertencer ao conjunto B. Por outro lado, as acepções B e C justificam sua presença no quadro pela função ao sema dominante /circundância/.

Os semas contextuais estabelecem os limites específicos de significação entre os lexemas.

## BOQUINHA

Quatro acepções - denominação + descrição

Boquinha - [Dim. de boca(ô)] S.f. 1. Bras. Fam. Beijo: "dê-lhe um abraço por mim, um beliscão e uma boquinha." (Franklin Távora, *O Cabeleira*, p.249); "eu machucada e chorosa; ... ele passando meizinha nas feridas, arrependido, me dando boquinhas no meu cangote." (Nelson de Faria, *Tiziu e Outras Estórias*, p.22) 2. Bras. Pequeno peixe róseo. 3. Bras. PE Refeição ligeira. 4. Bras. AM som de beijo. Fazer boquinha. Franzir os lábios em sinal de contrariedade. Fazer uma boquinha. Bras. Fazer uma refeição leve; comer um pouco.

1. Beijo - *Ato de tocar com os lábios em alguém ou alguma coisa, fazendo leve sucção; ósculo.*

2. Pequeno peixe róseo -

*Peixe - Animal cordado, gnastomado, aquático, com nadadeiras sustentadas por meio de raios ósseos, pele geralmente coberta de escamas, coração com uma só aurícula e aberturas nasais que não se comunicam com a boca. Respira por brânquias. São os condrictes e os osteictes.*

3. Refeição ligeira -

*Refeição - Ato de refazer as forças, de alimentar-se.*

[ligeiro] - *Leve.*

## 4. Som de beijo.

Fazer boquinha - Franzir os lábios em sinal de contrariedade.

Franzir - *Fazer pregas em; fazer formar pregas; dobrar em pregas; pregar.*

lábios - *Parte exterior e vermelha do contorno da boca; beijo.*

Contrariedade - *Oposição.*

Fazer uma boquinha - Fazer uma refeição leve.

## 1. PROCEDIMENTO

As locuções foram analisadas e consideradas, cada uma delas, como um único lexema. Seu conjunto compõe a aceção E.

O levantamento de seus semas baseou-se nos definidores arrolados na primeira parte, anterior ao quadro.



2. ANÁLISE SÊMICA

I EQUAÇÃO SÊMICA

	LEXEMAS	SEMÁS	P	Q	A	LÁBIO	MOVI- MENTO	ANI- MAL	ALIMEN- TO	POUCA QUANTID.	CONTRA- RIEIDADE
A	Beijo		+			+	+				
B	Peixe		+					+			
C	Refeição Ligeira		+	+		(+)	(+)		+	+	
D	Beijo		+			+	+				
E	Fazer boquinha Fazer uma boquinha		+		+	+	+		+	+	+

II CATEGORIZAÇÃO SÊMICA

VERBETE	SEMÁS	CLASSIFICATÓRIOS	DOMINANTES	ESPECÍFICOS	CONTEXTUAIS
BOQUINHA		Produto Qualidade Ação	Lábio Movimento		Animal Alimento Pouca quantidade Contrariedade

### 3. RESULTADOS DA ANÁLISE

A predominância do sema classificatório /produto/ anuncia uma conjunção entre as acepções, determinada pelos semas dominantes /lábio/ e /movimento/.

Estes semas aparecem virtualmente em C, o que se justifica por uma relação metonímica em que o conteúdo é /lábio/ (=parte da boca) e o continente é "refeição". O mesmo ocorre com a locução "Fazer uma boquinha" que equivale à C, verificável pela ocorrência dos mesmos.

Os dominantes conjugam quatro acepções.

Os semas dominantes, porém, não constam em B que se constitui num todo à parte dentro do verbete. É um brasilismo, como todas as outras acepções, mas está deslocada. Poderia ser o último conjunto antes das locuções se fosse buscada uma ordenação em termos de sentidos paralelos.

A função dos semas específicos contextuais restringe-se a dar conta dos significados dos lexemas definidores, sem chegar a estabelecer disjunção entre as acepções.

Do ponto de vista semântico, justifica-se a presença de todas as acepções, com exceção de B, incluindo-se as locuções. Essas formam subentradas no verbete com base na presença do lexema "boquinha" em suas composições.

Outra observação a ser feita, refere-se à indicação do significado primeiro de BOQUINHA, que é, com efeito, boca pequena. Trata-se do diminutivo de boca, mas isso

não é dado em nível de acepção e sim como um fato gramatical exterior à significação da entrada.

## ORTOGRAFIA

## Quatro acepções - descrição

Ortografia - [Do gr. orthographía, pelo lat. orthographia]  
 S.f. 1. Parte da gramática que ensina a escrever corretamente as palavras. 2. Maneira de escrever as palavras; grafia (1): ortografia simplificada; "São mais lindos que as estrelas / Teus erros de ortografia! (Gonçalves Crespo, Obras Completas, p.170). 3. Geom. Representação geométrica de uma figura ou de sólido por meio de projeções ortogonais. 4. Geom. Representação geométrica e proporcionalmente reduzida das dimensões e configuração de um edifício. Ortografia Etimológica. A que procura preservar nas palavras as letras fundamentais da(s) língua(s) de origem. Ortografia Fonética. A que grafa as palavras utilizando apenas as letras correspondentes aos sons ou fonemas; ortografia sônica. Ortografia Mista. A que funde organicamente os processos de ortografia etimológica e de ortografia fonética. Ortografia sônica. Ortografia fonética.

1. Parte da gramática que ensina a escrever corretamente as palavras.

Gramática - *Estudo ou tratado dos fatos da linguagem, falada e escrita, e das leis naturais que a regulam.*

Ensinar - *Ministrar o ensino de; transmitir conhecimentos de; instruir; lecionar.*

Escrever - *Representar por meio de escrita.*

[Corretamente]

Correto - *Isento de erros.*

Palavra - *Fonema ou grupo de fonemas com uma significação: termo, vocábulo, dicção.*

## 2. Maneira de escrever as palavras; grafia (1).

Maneira - *Modo ou forma particular de ser ou agir.*

Grafia - *ortografia.*

### 1. PROCEDIMENTO

Considerou-se importante repetir o lexema "palavra" nos dois conjuntos, porque é elemento-chave em ambos.

Omitiu-se o lexema "grafia" por sua equivalência com todos os significados do verbete. Se analisado, seria marcado com todos os semas existentes no quadro. Sua não inclusão não alterou o quadro da AS.

O lexema "corretamente" aparece listado sob a forma de adjetivo, porque os advérbios não constam no dicionário.

Não se analisaram as subentradas, representadas pe

las locuções, pois essas não se constituem em outros sentidos de ortografia, mas apenas especificações.

2. ANÁLISE SÊMICA

I EQUAÇÃO SÊMICA

SEMAS		P	A	Q	E	CONHE- CIMEN- TO	LIN- GÜIS- TICO	TRANS- MISSI- BILID.	REPRE- SENTA- ÇÃO	GRÁFI- CO	ORAL	ADE- QUA- ÇÃO	SIGNI- FICA- ÇÃO	MODA- LIDA- DE
A	LEXEMAS													
	Gramática	+				+	+			+	+			
	Ensinar		+					+						
	Escrever		+						+	+				
B	Correto			+								+		
	Palavras	+					+		+				+	
	Maneira				+									+
	Escrever		+						+	+				
	Palavras	+					+		+			+		

II CATEGORIZAÇÃO SÊMICA

SEMAS		CLASSIFICATÓRIOS	ESPECÍFICOS	
VERBETE			DOMINANTES	CONTEXTUAIS
ORTOGRAFIA		Produto Ação Qualidade Estado	Representação	Conhecimento Lingüístico Transmissibilidade Gráfico Oral Adequação Significação Modalidade

Em relação aos semas classificatórios, vê-se que /qualidade/ é muito importante em A, onde se evidencia uma preocupação em caracterizar a "grafia" como correta. Esse aspecto valorativo caracteriza-se como elemento discrepante e, portanto, disjuntor de A em relação a B. Isto porque em B não se determina qualidade para a maneira de escrever as palavras.

O sema dominante é "representação/, traço que reúne as duas acepções. Estranha-se que ele não seja acompanhado do sema /gráfico/ que é dado como específico contextual, porque está suspenso no lexema "palavra" que o comportaria. No entanto, esse sema não é indicado pelos definidores propostos pelo dicionarista. Observa-se, porém, que a frequência do sema /gráfico/ persegue a do dominante.

Na verdade, o centro de significação de ORTOGRAFIA está na /representação/ gráfica da palavra. A variação foi dada, na primeira acepção, pelo sema classificatório /qualidade/ que dessa forma disjunta os dois conjuntos.

Cabe observar, entretanto, que a equivalência entre "grafia", lexema do conjunto B, e toda a significação do verbete demonstra uma desconsideração pelo tratamento diferenciado que justificou as duas acepções da definição a gora tratada.



## COMPLEMENTO

## Cinco acepções - descrição

Complemento - [Do lat. complementu] S.m. 1. Aquilo que complementa ou completa. 2. Ato ou efeito de complementar; acabamento, remate, completação, completamento. 3. Gram. Palavra ou expressão que completa o sentido de outra. 4. Geom. Ângulo complementar. 5. Mat. Conjunto complementar.

## 1. Aquilo que complementa ou completa.

Aquilo - *Aquela(s) coisa(s).*

Complementar - *Completar.*

Completar - *Fazer completo; inteirar; acabar.*

## 2. Ato ou efeito de complementar; acabamento, remate, completação, completamento.

Acabamento - *Ato ou efeito de acabar(se). Remate, arremate, conclusão.*

Remate - *Ato ou efeito de rematar ou concluir; conclusão, término, acabamento, fim (fechar, auge, cúmulo).*

Completação - *S. f. v. complemento (2).*

Completamento - *S.m. v. complemento (2).*

1. ANÁLISE SÊMICA

	SEMÁS	
A	LEXEMAS	P
	Aquilo	+
	Complementar Completar	
B	Acabamento	+
	Remate	+
	Completação	
	Completamento	

I EQUAÇÃO SÊMICA

A	QUALQUER COISA	TORNAR CONCLUÍDO	TORNAR INTEIRO	TÉRMINO
	+			
+		+	+	+
+		+	+	+
		+		
+		+	+	+
+		+	+	+

	SEMÁS	
VERBETE	CLASSIFICATÓRIOS	
	Produto	
COMPLEMENTO	Ação	

II CATEGORIZAÇÃO SÊMICA

ESPECÍFICOS	
DOMINANTES	CONTEXTUAIS
Tornar concluído	Qualquer coisa Tornar inteiro Término.

## 2. RESULTADOS DA ANÁLISE

A ocorrência dos semas classificatórios /ação/ e /produto/ é o resultado das definições abrangentes que constituem as acepções A e B.

Em A, o lexema "aquilo" é um arquilexema pobre. Induz a uma indeterminação pela sua correspondência com /qualquer coisa/ e, nesse sentido, garante a presença do se ma /produto/.

Em B, os dois semas classificatórios são o resultado de uma definição como "Ato ou efeito" que é também de caráter abrangente.

Entre os semas específicos, o dominante é /tornar concluído/. Ocorre em todos os lexemas e, nessa medida, é o responsável pela conjunção entre as acepções.

Os semas específicos contextuais /tornar inteiro/ e /término/ repetem-se em quatro dos seis lexemas verdadeiramente definidores da acepção. Isso porque o dicionarista, em A, iguala "complementar" e "completar" no momento em que define o primeiro pelo segundo.

Em B, a definição de "acabamento" remete a "acabar", definido como concluir, e a de "remate" leva a "rematar", onde também se lê "concluir".

Quanto à "completação" e "completamento" em ambos a remissão dá-se em termos de "V. complemento 2": local onde estão inseridos os próprios lexemas, arrolados sinonimi-

camente aos dois anteriores. Trata-se aqui de uma remissão altamente redundante.

A circularidade das definições é atestada pelos semas específicos contextuais que, teoricamente, dão conta da disjunção entre os lexemas.

Esse último aspecto, entretanto, não ocorre nessa definição, toda ela circular. O dicionarista define os lexemas sempre pelos mesmos definidores. Se há alguma diferença de significado entre os definidores, essa não é evidenciada, nem considerada.

Por outro lado, a redundância significativa demonstra que as duas acepções são praticamente indissociáveis. Os semas repetem-se em ambos os conjuntos que disjuntam-se apenas pelo sema /qualquer coisa/.

## AGASALHO

Seis acepções - descrição + denominação

Agasalho - [Der. de agasalhar] S.m. 1. Ação de agasalhar.  
 2. Bom acolhimento, bom trato; atenção. 3. Alojamento, pousada, hospedagens; gasalhados. 4. Proteção, asilo, abrigo. 5. Calor, conforto, gasalhado. 6. Peça de vestuário destinada a conservar o calor do corpo; abafo.

## 1. Ação de agasalhar.

Agasalhar - *Dar agasalho a; hospedar, abrigar, receber, albergar.*

## 2. Bom acolhimento, bom trato; atenção.

Bom - *Benévolo, bondoso, benigno.*

Acolhimento - *Ato ou efeito de acolher; recepção. Refúgio, abrigo, agasalho.*

Trato - *Procedimento, modos, maneiras.*

Atenção - *Reparo, caso, tento.*

## 3. Alojamento, pousada, hospedagens, gasalhados.

Alojamento - *Estalagem, hospedaria.*

Pousada - *Hospedagem, alojamento, pousadia.*

Hospedagem - *2.v. hospedaria, 3.v. gasalhado.*

Gasalhado - *Hospedagem, agasalho.*

## 4. Proteção, asilo, abrigo.

Proteção - *Abrigo, resguardo.*

Asilo - *Casa de assistência social onde são recolhidos*

*para sustento ou também para educação, pessoas pobres e desamparadas, como mendigos, crianças abandonadas, órfãos, velhos, etc..*

*Abrigo - Lugar que abriga; refúgio, abrigada, abrigadouro.*

5. Calor, conforto, gasalhado.

*Calor - Sensação que se experimenta, em ambiente aquecido (pelo sol ou artificialmente), ou junto de um objeto quente e/ou que aquece.*

*Conforto<sup>1</sup> - Consolo, alívio.*

*Gasalhado - Conforto, calor, agasalho.*

6. Peça do vestuário destinada a conservar o calor do corpo; abafo.

*Peça - Cada uma das partes ou elementos de um conjunto, de um mecanismo, de uma coleção.*

*Vestuário - O conjunto de peças de roupa que se vestem, traje, indumentária.*

*Abafo - Roupa que resguarda do frio; agasalho.*

1. ANÁLISE SÊMICA

I EQUAÇÃO SÊMICA

SEMAS		P	A	Q	E	PRO- TE- ÇÃO	OFERE- CIMENTO	RECEP- TIVIDADE	PRO- CEDI- MENTO	ESP. FÍSIO- CO	REMUNERA- ÇÃO	TEMPO- RALI- DADE	AUX. AS- SIST.	SEN- SA- ÇÃO	VES- TUÁ- RIO	BENE- VO- LO	CON- FOR- TO
A	Agasalhar		+			+	+	+									
B	Bom Acolhimento	+		+		+		+								+	
	Trato Atenção				+				+								
C	Alojamento	+				+				+	+						
	Pousada	+				+				+		+					
	Hospedagens	+				+				+							
	Gasalhados					+				+	+						
D	Proteção	+				+				+							
	Asilo	+				+				+			+				
	Abrigo	+				+				+							
E	Calor				+									+			
	Conforto				+	+								+			
	Gasalhado				+	+								+			
F	Vestuário	+													+		
	Abafo	+				+									+		+

## II CATEGORIZAÇÃO SÊMICA

SEMAS	CLASSIFICATÓRIOS	ESPECÍFICOS	
		DOMINANTES	CONTEXTUAIS
VERBETE			
AGASALHO	Produto Ação Qualidade Estado	Proteção	Oferecimento Receptividade Procedimento Espaço físico Auxílio assistencial Sensação Vestuário Benévolo Conforto Remuneração Temporalidade



## 2. RESULTADOS DA ANÁLISE

O papel dos semas classificatórios deste quadro pode ser relacionado ao dos semas específicos.

Nestes últimos, o dominante é /proteção/. Presentifica-se em todas as acepções da definição, estabelecendo a relação conjuntiva entre elas.

Quanto aos semas específicos contextuais, observa-se que, em cada acepção, há um sema que desempenha a função de dominante, se os conjuntos forem examinados isoladamente.

A partir de B, (não se considerou A por ser composta apenas de um lexema), os semas dominantes por conjunto são: em B, /procedimento/; em C, /espaço físico/; em D, /espaço físico/; em E, /sensação/ e em F, /vestuário/. Na medida em que os semas específicos contextuais podem ser vistos como dominantes dentro de cada conjunto, estabelecem a disjunção entre as acepções no que são auxiliados pelos semas classificatórios.

Os semas específicos contextuais, propriamente ditos, são raramente evidenciados no quadro, prova da grande circularidade existente entre os lexemas definidores.

O dicionarista propõe, como primeira acepção, um texto descritivo como "ação de agasalhar". Impõe-se, de imediato, uma remissão a agasalhar, lexema que, por sua vez, é definido como "dar agasalho a".

Encontra-se novamente um tipo de definição morfo-semântica em que a classe morfológica do lexema "agasalhar" é explicitado por "ação", ou por "dar". Assim, o sentido maior de "agasalhar" não é trabalhado em A.

A definição proposta neste caso, cujo enfoque está em lexemas indicadores de /ação/, parece ser incongruente com um quadro sêmico que aponta uma predominância do sema classificatório /produto/, considerado como resultado. Em outras palavras, a definição primeira, abrangente pela sua própria indefinição, não contém, em seu texto, o lexema "efeito" como normalmente se encontra no dicionário.

Sua ausência, porém, pode ser pensada, em termos de que B, C, D, E e F sejam as formas de "dar agasalho a", no sentido de que se atualiza a forma de "agasalhar". Por essa razão, em cada um dos conjuntos há um sema específico que pode ser considerado como dominante, ligado intimamente a um classificatório. Assim, em B, além de /procedimento/ especificam-se o /estado/ igual à maneira e /qualidade/, igual a "bom". Em C, D e F, têm-se o que é o agasalho pelo suporte classemático /produto/ identificado com /espaço físico/ e /vestuário/. Finalmente, na acepção E, encontra-se o sema dominante /sensação/ diretamente relacionado ao classificatório /estado/.

Essa dominância significativa em cada conjunto é responsável direta pela disjunção entre as acepções, reforçada pela relação dos semas dominantes por conjunto com os seus classemas.

Por outro lado, a marcação uniforme de um mesmo sema contextual por conjunto deveria ser explicitamente considerada pelo lexicógrafo ao compor seu texto de definição, já que ela serviu como base para a abertura de novas acepções.

Esse aspecto do sema dominante por conjunto ser o elemento disjuntor das acepções não ocorre em C e D; pois, nesta última acepção, é o caráter assistencial de "asilo" que disjunta as referidas acepções.

Ainda uma observação válida, não só para a acepção C como para as demais, refere-se ao arrolamento, num mesmo conjunto, de vários lexemas. Esses, assim como facilmente se conjugam pelo sema /proteção/, dificilmente se distinguem pelos verdadeiros semas específicos contextuais, atestando a circularidade das definições compostas por denominação.

Como observação colateral, pode-se atentar para o fato de que o lexema "gasalhados" tem um significado no conjunto C e passa a ter outro no E, quando aparece sob a forma de singular. Tal distinção de número (observa-se que em C, "hospedagens" também está pluralizado) não consta no dicionário.

## CRÔNICA

Seis acepções - descrição

Crônica - [Do lat. *chronica*] S.f. 1. Narração histórica, feita por ordem cronológica. 2. Genealogia de família nobre. 3. Revista científica ou literária, que constitui, periodicamente, uma seção de jornal. 4. Pequeno conto, de enredo indeterminado. 5. Seção ou coluna de revista ou de jornal consagrada a um assunto especializado: crônica política; crônica teatral. 6. Biografia, em geral escandalosa, de uma pessoa: Sua crônica é bem conhecida.

1. Narração histórica, feita por ordem cronológica.

Narração - *Exposição escrita ou oral de um fato.*

[Histórico] - *Relativo a história. Exposição cronológica dos fatos.*

Ordem - *Disposição metódica.*

Cronológica - *Relativo a cronologia. v. índice e ordem.*

2. Genealogia de família nobre.

Genealogia - *Estudo da origem das famílias.*

Família - *Pessoas de mesmo sangue.*

Nobre - *Que tem título nobiliárquico; pertencente à nobreza; fidalgo.*

3. Revista científica ou literária, que constitui, periodicamente, uma seção de jornal.

Revista - *Publicação periódica em que se divulgam artigos originais, reportagens, etc., sobre vários*

*temas, ou ainda, em que se divulgam, condensados, trabalhos sobre assuntos variados já aparecidos em livros e noutras publicações.*

4. Pequeno conto, de enredo indeterminado.

*Conto - Narração falada ou escrita.*

*Indeterminado - Que não é determinado ou fixo.*

5. Seção ou coluna de revista ou de jornal consagrada a um assunto especializado.

*Seção - Numa publicação, local reservado a determinada matéria ou assunto.*

6. Biografia, em geral escandalosa, de uma pessoa.

*Biografia - Descrição ou história da vida de uma pessoa.*

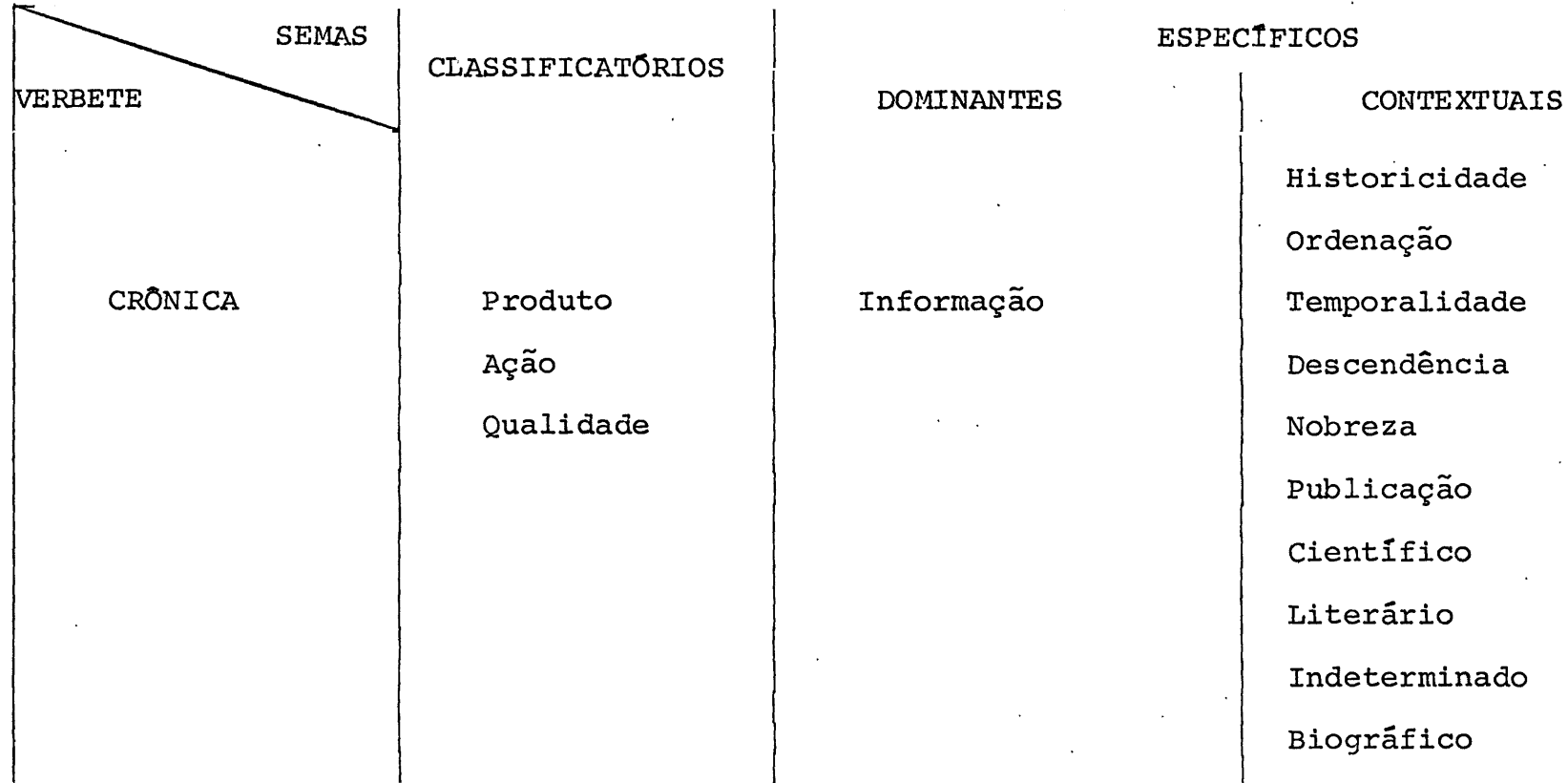
**[Escandaloso]** - *Que produz escândalo.*

1. ANÁLISE SÊMICA

I EQUAÇÃO SÊMICA

SEMAS		P	A	Q	INFOR- MA- ÇÃO	HISTO- RICI- DADE	ORDE- NAÇÃO	TEMPO- RALI- DADE	DES- CENDEN- CIA	NOBRE- ZA	PUBLI- CAÇÃO	CIEN- TÍFI- CO	LITE- RÁRIO	INDE- TERMI- NAÇÃO	BIO- GRÁ- FICO
LEXEMAS	A		+		+	+									
				+			+	+							
	B	+			+				+						
				+						+					
	C	+			+						+		+		
					+									+	
D	+			+	+										
E	+				+					+					
F	+				+										+

## II CATEGORIZAÇÃO SÊMICA



## 2. RESULTADOS DA ANÁLISE

O quadro sêmico revela, de imediato, a presença do sema específico dominante /informação/ em todos os conjuntos. Esse sema conjuga todas as acepções. Vê-se assim que "crônica" é sempre uma /informação/.

Através dos semas específicos contextuais, essa /informação/ é especificada. Nessa medida, é o tema da /informação/, representado pelos semas contextuais, que dá conta da disjunção entre as acepções. Esses semas são em A, /historicidade/; em B, /nobreza/; em C, /científico/ e /literário/; em D e em E, /indeterminação/ e em F, /biográfico/.

Há uma identidade sêmica entre D e E. A disjunção é explicitada por /publicação/.

Verifica-se assim que todas as acepções de "crônica" justificam-se plenamente.

O quadro sêmico mostra um universo de significação bem organizado, atestado pela presença uniforme do sema específico dominante e pela disjunção entre as acepções através dos semas específicos contextuais.

Essa organização evidencia um tratamento lexicográfico rigoroso para o verbete. Os sentidos justificam-se e são claramente apresentados ao leitor.

A clareza do verbete é entendida não só em nível de acepção, mas ainda como formulação textual do significado; as definições são elaboradas em paráfrases. Com esse



tipo de elaboração foge-se da circularidade das definições. A expansão esclarece o consulente, não sendo apenas indicadora de matizes significativos.

O tratamento da significação, portanto, é melhor elaborado quando as definições se apresentam sob a forma de texto descritivo e não sinonímico.

## COLISÃO

Sete acepções - descrição + denominação

Colisão - 1. Embate recíproco de dois corpos; choque, batida, abalroamento: colisão de veículos. 2. Luta, embate. 3. Oposição, discórdia, desarmonia, divergência: colisão de idéias. 4. Contradição; divergência: Apesar de colisões entre nossos pontos de vista continuaremos bons amigos. 5. Dificuldade de opção; conflito: Viu-se ante grave colisão de deveres. 6. Gram. Sucessão de consoantes sibilantes ou roladas, que produz som desagradável. O Sr. Soares sentiu sumamente a sua falta. 7. Fís. Interação entre duas partículas atômicas, subatômicas ou moleculares em movimento.

1. Embate recíproco de dois corpos; choque, batida, abalroamento.

Embate - *Choque impetuoso; encontro violento.*

Recíproco - *Mútuo.*

Corpo - *A substância física, ou a estrutura, de cada homem ou animal.*

Choque - *Embate, encontro de dois corpos em movimento ou de um corpo em movimento e um em repouso.*

Batida - *Ato ou efeito de bater.*

Abalroamento - *Ato ou efeito de abalroar.*

2. Luta, embate.

Luta - *Combate corpo a corpo, sem armas, entre dois atletas que, observando certas regras, procuram*

*derrubar um ao outro.*

3. Oposição, discórdia, desarmonia, divergência: colisão de idéias.

Oposição - *Ato ou efeito de opor-(se); impedimento, obstáculo, objeção.*

Discórdia - *2. Desarmonia, desentendimento, desinteligência, desavença.*

Desarmonia - *Falta de harmonia.*

Divergência - *Posição de linhas que se afastam progressivamente.*

4. Contradição, divergência.

Contradição - *Incoerência entre afirmação ou afirmações atuais e anteriores, entre palavras e ações; desacordo.*

5. Dificuldade de opção; conflito.

Dificuldade - *Caráter de qualidade do que é difícil.*

Opção - *Ato ou faculdade de optar; livre escolha.*

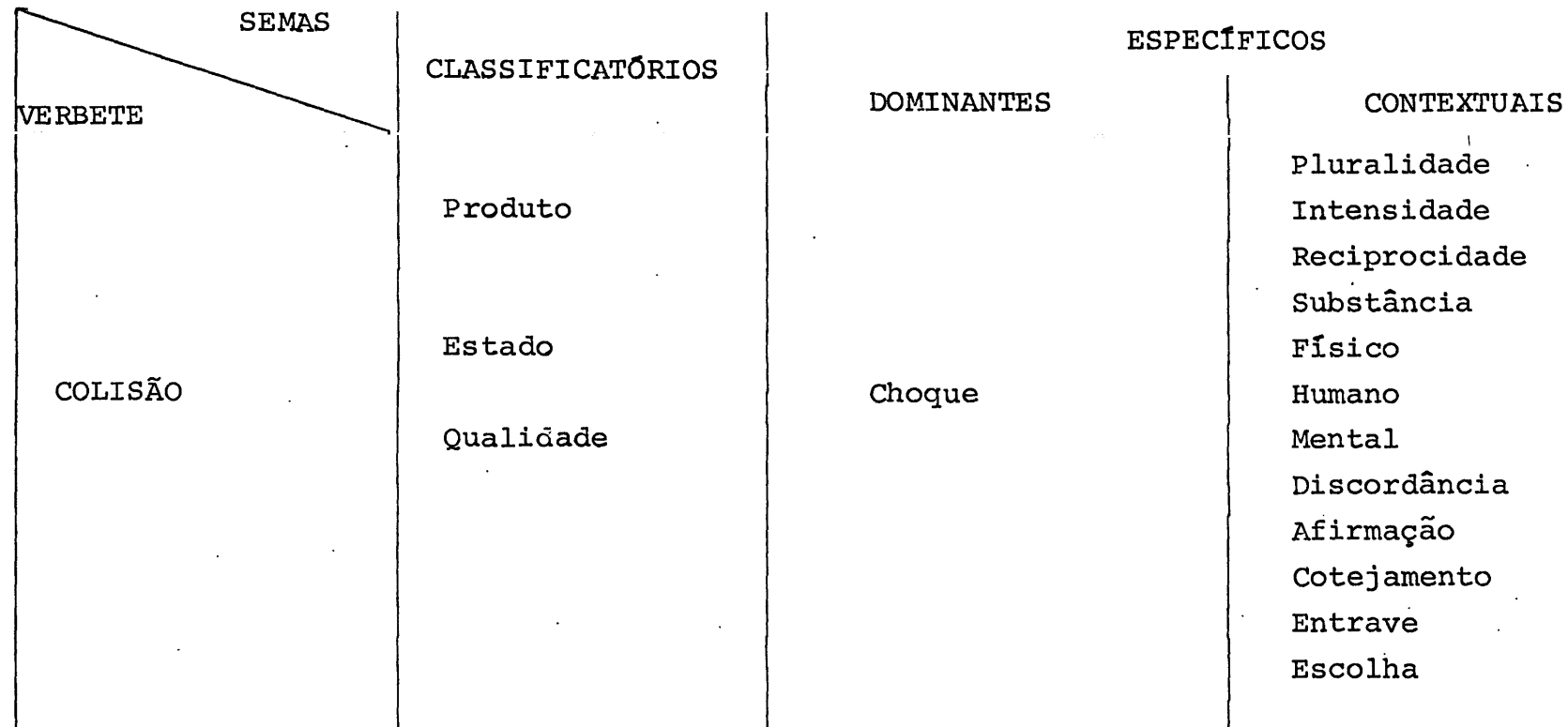
Conflito - *Colisão, choque.*

1. ANÁLISE SÊMICA

I EQUAÇÃO SÊMICA

	SEMAS	P	E	Q	CHOQUE	INTENSIDADE	PLURALIDADE	RECIPROCIDADE	SUBSTANTIVIDADE	FÍSICO	MATERIAL	HUMANO	DISCORD.	MENTAL	AFFIRMAÇÃO	COTEJAMENTO	ENTRAVE	ESCOPIA
A	LEXEMAS																	
	Embate	+			+	+												
	Recíproco			+			+											
	Corpos	+						+										
	Choque	+				+					+							
	Batida	+									+							
	Abalroamento	+						+			+							
B	Luta	+						+		+		+						
C	Oposição		+										+	+				
	Discórdia		+										+	+				
	Desarmonia		+										+	+				
	Divergência		+										+	+				
D	Contradição	+											+	+	+	+		
E	Dificuldade			+										+			+	
	Opção	+												+				+
	Conflito	+												+				+

## II CATEGORIZAÇÃO SÊMICA



## 2. RESULTADOS DA ANÁLISE

Os semas classificatórios deste quadro não chegam a fornecer indicações maiores sobre a significação.

O sema específico dominante /choque/ é responsável pela conjunção entre todas as acepções.

A relação disjuntiva entre os conjuntos de dá pelos semas específicos contextuais. Há três desses semas que especificam, em maior grau, a natureza do /choque/.

A acepção A contém o sema /material/, indicando que o /choque/ ocorre entre objetos. Na B está marcado /físico/ por se relacionar a /humano/, enquanto que em C, D e E o /choque/ é de natureza /mental/.

Os semas que caracterizam a natureza do /choque/ justificam a abertura de novas acepções. Porém, como há identidade nos três últimos conjuntos, deve-se buscar as diferenças entre eles. Em C e D, há /discordância/ como elemento conjuntivo, além de /choque/ e /mental/, mas os semas de D, /afirmação/ e /cotejamento/, disjuntam as acepções. Em relação a E, o /choque/ é também /mental/, porém os semas específicos contextuais determinam sua disjunção em relação a C e D.

Assim, a partir deste quadro, "colisão" é sempre um /choque/. Sua natureza é que é variável.

São os traços /físico/, /mental/ e /material/ que disjuntam e justificam as várias acepções propostas.

O dicionarista não indica claramente essa disjunção. Vale dizer que os lexemas, arrolados como sinônimos em cada conjunto, não esclarecem prontamente este aspecto, pois há muita circularidade entre eles enquanto definidores. Além disso, os lexemas de uma acepção são repetidos também em outra. É o caso de "Divergência" que consta C e D.

Pode-se atestar que a abertura de novas acepções se dá pela indicação da natureza do /choque/, quando se observam os exemplos. Esses atualizam o sentido proposto para cada acepção. Lexicograficamente, são os exemplos que evidenciam o significado que toma o lexema em cada um dos conjuntos. Com exceção de B, as demais contêm exemplos.

Do ponto de vista semântico, as acepções explicam-se pelo sema dominante /choque/. Esse é um dado que apenas a análise sêmica permitiu observar.

Quanto à melhor forma de definição, vê-se que a sinonímia não esclarece totalmente os significados em nível de acepção, tanto que houve recorrência a exemplos.

T

## Oito acepções - Descrição

T - S.m. 1. A 19a. letra do alfabeto. 2. A forma dessa letra: uma sala em T. 3. Fís. Símb. de tesla. 4. Fís.Símb. de terā. 5. Fís. Símb. de tonelada. 6. Fís. Nucl. Símb. de trítton. 7. Num. O décimo nono em uma série indicada pelas letras do alfabeto: fila T (ou fila t). 8. A décima nona num grupo de séries: série T (ou série t).  
[Cf./t/ e tê].

## 1. A 19a. letra do alfabeto.

*Décima-nona.*

[*Décimo*] - *Ordinal e fracionário correspondente a dez.*

[*Nono*] - *Ordinal e fracionário correspondente a nove.*

*Letra - Fon. cada um dos sinais gráficos elementares com que se representam os vocábulos na língua escrita.*

*Alfabeto - 1. Disposição convencional das letras de uma língua.*

*2. Conjunto dessas letras.*

2. A forma dessa letra: uma sala em T.

*Forma - Os limites exteriores da matéria de que é constituído um corpo, e que conferem a este feitio, uma configuração, um aspecto particular.*

## 8. A décima nona, num grupo de séries: Série T (ou série t) [Cf. /t/ e tê].

*Grupo - Conjunto de objetos que se vêem duma vez ou se abrangem no mesmo lance de olhos.*



**Série** - *Ordem de fatos ou de coisas ligadas por uma relação, ou que apresentam analogia; sucessão, sequência.*



## 2. RESULTADOS DA ANÁLISE

Os semas classificatórios /produto/ e /qualidade/ não representam aspectos significativos na organização do quadro.

Há a ocorrência de dois semas específicos dominantes /ordenação/ e /gráfico/ na reprodução sêmica do verbete. O último sema indica a característica essencial da letra e /ordenação/ é o enfoque significativo maior que o lexicógrafo atribui a definição global do verbete.

Não se pode dizer que os dois semas dominantes sejam responsáveis pela conjunção entre as três acepções, pois /ordenação/ não se presentifica em B e /gráfico/ também não está em C. Como a primeira acepção comporta ambos e nas outras ocorre um ou outro, pode-se dizer que esta é uma forma indireta de conjunção.

Talvez houvesse um predomínio de /gráfico/ se o lexema "T" fosse definido em termos de representação gráfica convencional de vocábulos, tal como "letra" é definido pelo dicionarista.

Observa-se, porém, que numa definição como C, o sema dominante é apenas /ordenação/. Com exceção desse traço, nada mais é definido.

Quanto aos semas específicos contextuais, verifica-se que é /formato/ de B que basicamente disjunta as acepções. Os outros semas dessa natureza tornam-se os ele-

mentos específicos que disjuntam os lexemas definidores no interior dos conjuntos.

O dicionarista optou por definir o lexema "T" enfatizando não a sua natureza, ou os seus traços constitutivos, mas as suas funções. É o que se lê em B, através do se ma /formato/ e, em C, através de /ordenação/.

Neste último caso, o texto descritivo revela que existe um "grupo" e a seqüência de seus componentes é indicada pelo lexema. Isso não é um significado de "T", mas uma finalidade, um emprego. Está fora da significação; é uma realidade cultural, tanto que o traço /gráfico/ não se presentifica em C. Dessa forma, a acepção não se justifica.

Paralelamente, não se pode deixar, ainda em relação a C, de observar a exemplificação com dois tipos de letra, sendo a última entre parênteses. Tal procedimento que faz uma representação fonética no fim de toda a definição revela um tratamento assistemático em relação a todos os outros verbetes estudados.

## CAPA

Treze acepções - Descrição + denominação

Capa - [Do lat.tardio cappa] S.f. 1. Peça do vestuário usada sobre toda a outra roupa para protegê-la, ou proteger quem a veste, contra a chuva. 2. Aquilo que serve para cobrir; cobertura: Mandei fazer uma capa de lonita para o meu novo sofá. 3. Fig. Acolhimento, proteção. 4. Fig. Aparência, exterioridade: Aquela capa de sangue-frio parece ocultar um grande medo. 5. Peça de estofado, de cor viva, com que os bandarilheiros chamam os touros. 6. Encad. Cobertura de papel ou de outro material, flexível ou rígida, que enfeixa ou protege mais ou menos solidamente um livro, um folheto, etc., segundo constitua brochura; cartonagem ou encadernação. (V. pasta (10.11)). 7. Bibliogr. O conjunto dos dizeres e imagens impressos na cobertura de um livro, de um folheto, etc. 8. Eng.Elet. Invólucro protetor aplicado sobre o isolamento dos fios ou cabos, e que pode ser de chumbo, borracha, tecidos, etc. 9. Mar. A vela grande dos navios. (Aum. irreg.: Capeirão). 10. Mar. Ant. Condição em que se põe um navio à vela para enfrentar uma borrasca, de jeito que possa ser mantido com a proa bem chegada, ao vento e ao mar, e com o menor número possível de velas que permita governá-lo. 11. Bras. A parte superior de qualquer camada rochosa ou de mina em exploração. (Opõe-se à lapa). 12. Bras. BA. Envoltório externo de um charuto: capote.

13. Bras. RS. Parte da sela que protege as pernas do cavaleiro do contato dos cavalos. Capa almofadada. Encad. A que tem camada de algodão entre o papelão e o couro, para ficar alteada e macia que nem uma almofada; capa estofada. Capa articulada. Encad. Capa flexível internamente, formada por tiras de cartão coladas, a pequenos intervalos, sobre papel paralelamente a lombada. Capa colada. Encad. A que é presa por colagem, e não por costura ou grampeamento, à lombada de um livro, folheto, etc.. Capa de asperges. Capa comprida, sem pregas e acolcheteada na frente, que os sacerdotes usam em certas cerimônias eclesiásticas; capamagna, pluvial: "Um coro de sacerdotes pálidos, muito sérios debaixo das veneráveis capas de asperges dos pluviais solenes oficia liturgicamente" (Alphonsus de Guimarães, *Obra Completa*, pág. 406). Capa estofada. Encad. Capa almofadada. Capa geológica. Geol. Camada geológica, Capas encouradas. Bras. N.E. Hipocrisia; dissimulação.

1. Peça de vestuário usada sobre toda a outra roupa para protegê-la ou proteger quem a veste contra a chuva.

Vestuário - *O conjunto de peças de roupa que se vestem; traje, indumentária.*

Sobre - *Na parte superior de; em cima de, por cima de ou acima de.*

Chuva - *Precipitação atmosférica formada de gotas de água cujas dimensões variam entre 1 e 3 mm, por efeito da condensação do vapor de água contido*

*na atmosfera.*

2. Aquilo que serve para cobrir; cobertura.

*Aquilo - Aquela(s) coisa(s).*

*Cobrir - Ocultar ou resguardar, pondo alguma coisa em cima, diante ou em redor.*

*Cobertura - Aquilo que cobre; coberta.*

3. Fig. Acolhimento, proteção.

*Acolhimento - Ato ou efeito de acolher; recepção.*

*Proteção - Auxílio, amparo.*

4. Fig. Aparência, exterioridade.

*Aparência - Aquilo que se mostra à primeira vista; aspecto.*

*Exterioridade - S.f. - Qualidade ou caráter daquilo que é exterior.*

5. Peçaço de estofo, de cor viva, com que os bandarilheiros chamam os touros.

*Peçaço - Qualquer quantidade, separada ou não de uma substância sólida, de um todo; bocado, porção, fragmento, naco.*

*Estofo - Tecido, em geral lavrado, de lã, seda, algodão, etc., usado especialmente para decoração; estofa.*

11. Bras. A parte superior de qualquer camada rochosa ou de mina em exploração. (Opõe-se à lapa).

*Parte - S.f. Elemento ou porção de um todo.*

*Superior - Que está mais acima que; mais elevado; superioro.*

12. Bras. BA. Envoltório externo de um charuto; capote.

Envoltório - *Coisa que envolve, que serve para envolver.*

Externo - *Que está por fora, ou que vem de fora.*

13. Bras. RS. Parte da sela que protege as pernas do cavaleiro do contato com os cavalos.

Proteger - *Dispensar proteção a; ajudar, auxiliar.*

Bras. NE Capas encouradas - Hipocrisia, dissimulação.

Hipocrisia - *Impostura, fingimento, simulação, falsidade.*

Dissimulação - *Encobrimento das próprias intenções. Disfarce, fingimento, hipocrisia.*



1. ANÁLISE SÊMICA

I EQUAÇÃO SÊMICA

SEMAS		P	R	Q	A	E	VES- TI- MEN- TA	SUPE- RIO- RIDA- DE	PRO- TE- ÇÃO	QUAL- QUER COI- SA	OCUL- TA- MEN- TO	RE- CEP- TIVI- DADE	AS- PEC- TO	EXTE- RIO- RIDA- DE	TECI- DO	FRAG- MEN- TO
LEXEMAS																
A	Vestuário Sobre Proteger	+	+		+		+	+	+							
B	Aquilo Cobrir Cobertura	+			+			+	+	+	+					
C	Acolhimento Proteção	+							+			+				
D	Aparência Exterioridade	+											+	+		
E	Estofa	+													+	
F	Parte Superior	+		+				+								+
G	Envoltório Externo	+		+				+	+					+		
H	Parte Proteger	+			+				+							+
I	Hipocrisia Dissimulação					+			+		+					

## II CATEGORIZAÇÃO SÊMICA

VERBETE	SEMAS	CLASSIFICATÓRIOS	ESPECÍFICOS	
			DOMINANTES	CONTEXTUAIS
CAPA		Produto Relação Qualidade Ação Estado	Proteção	Vestimenta Superioridade Qualquer coisa Ocultamento Receptividade Aspecto Exterioridade Tecido Fragmento

## 2. RESULTADOS DA ANÁLISE

Os semas classificatórios não chegam a trazer informações maiores sobre a significação.

O sema dominante deste quadro é /proteção/. Conjuga seis das nove acepções trabalhadas. Deve ser observado que, nas duas primeiras acepções, esse sema está acompanhado de /superioridade/. Pelo texto descritivo de A e B pode-se ler "capa" como um /produto/ que dá /proteção/ pela sua /superioridade/. O último sema é o de segunda maior ocorrência no quadro. Assim, apesar de haver um único sema dominante, são dois os traços realmente definidores de "capa". Encontram-se juntos ainda na acepção G.

Apenas o traço /proteção/ presentifica-se em C, conjunto indicado como figurativo, por meio dos lexemas "acolhimento" e "proteção". Trata-se de um traço significativo superpondo-se e projetando-se em nível lexemático. Tal sema está também em H, onde o último lexema ("proteger") indica a finalidade.

A acepção I deve ser observada pois contém somente sema /proteção/ e porque o significado de seus lexemas é tomado em sentido figurativo. Trata-se de um alargamento de sentido que não é indicado pelo dicionarista.

Em F, é apenas /superioridade/que se impõe. Nenhum dos dois semas consta das acepções D e E. Nessa última, constituída por "estofa", o quadro não fornece nem a acepção em si, justificativa para pertencer à composição

deste verbete.

Em D, os lexemas "aparência" e "exterioridade" são indicados como figurativos e não contêm nenhum desses traços.

Os semas específicos contextuais, por sua vez, dão conta da disjunção entre as acepções.

Com base nas observações anteriores, pode-se concluir que CAPA é um /produto/ que protege pela sua condição de /superioridade/ enquanto dimensão física. Se fosse considerado o núcleo sêmico básico do lexema, formulado em termos de uma definição descritiva, poderia haver uma economia no número de acepções.

Nesse sentido, B poderia ser a definição abrangente, uma vez que já contém um arquilexema pobre como "aquilo" e se complementa com "que serve para cobrir", além de "cobertura".

O texto descritivo dá maiores informações sobre a significação ao passo que as definições sinonímicas perdem sempre, no mínimo, um traço significativo.

## TIMBRE

## Quinze acepções

Timbre - [Do fr. timbre] S.M. 1. Insígnia apensa exteriormente ao escudo para designar a nobreza ao proprietário. 2. P. ext. Marca, sinal. 3. Selo, carimbo. 4. Fig. Honra, capricho, orgulho. 5. Remate, cúmulo, auge. 6. Fís. Qualidade de um som caracterizada pelo conjunto de sons harmônicos que acompanham o fundamental. 7. Fon. Efeito acústico proveniente da ressonância (q.v.), e determinado pelo grau de abertura da cavidade bucal, i.é., da distância entre a língua e o céu da boca, distância que é a máxima para o a, a mais aberta das vogais, e a mínima para o i e para o u, as mais fechadas. O e e o o são vogais abertas (ê,ô) quando se articulam mais perto da vogal a, e vogais fechadas (ê,ô) quando articuladas mais perto das vogais fechadas i e u. O timbre das vogais e e o quando situados em sílaba postônica, tende a identificar-se com o das vogais i e u. (ex.: as palavras male e lento soam máli e lêntu); na palavra casa, p.ex., o a final não é aberto. A essas vogais de timbre indistinto, pronunciadas com escassa tensão muscular e pouca duração e sonoridade, dá-se o nome de vogais reduzidas. 8. Mús. Qualidade distintiva de sons da mesma altura e intensidade, e que resulta dos harmônicos coexistentes com o som principal. 9. Mús. Instrumento de per

cussão. 10. Mús. A membrana inferior de um tambor de duas peles a qual fica do lado oposto ao da percussão. 11. Mús. A corda ou cada uma das cordas transversais, que estão em contato com esta membrana. 12. Mús. Motivo melódico já existente usado por compositores populares para novos textos. 13. Mús. Qualidade da voz que lhe confere maior ou menor pureza, amplidão e riqueza sonora. 14. Mús. Na Idade Média, o pandeiro. 15. Tip. Cabeça, composto em medida estreita, para ser impresso ao canto do envelope, papel de carta, etc., sinete.

1. Insígnia apensa exteriormente ao escudo para designar a nobreza do proprietário.

*Insígnia - Sinal distintivo de uma função, de dignidade, de posto, de comando, de poder, de nobreza, etc.; símbolo, emblema, divisa.*

*Exterior - Que está na parte de fora.*

*Nobreza - Qualidade ou caráter de nobre.*

2. P.ext. Marca, sinal.

*Marca - Sinal que se faz em um objeto para reconhecê-lo.*

*Sinal - Marca, traço, vestígio.*

3. Selo, carimbo.

*Selo - Marca estampada por carimbo, sinete, chancela ou máquina de franquear.*

*Carimbo - Instrumento de metal, madeira ou borracha, etc., com que se marcam à tinta papéis de uso*

*oficial ou particular; sinta, selo. 2. Marca ou sinal produzido por este instrumento.*

4. Honra, capricho, orgulho.

*Honra - Sentimento de dignidade próprio que leva o indivíduo a procurar merecer e manter a consideração geral; pundonor, brio.*

*Capricho - Brio, dignidade, pundonor.*

*Orgulho - Sentimento de dignidade pessoal.*

5. Remate, cúmulo, auge.

*Remate - Fig. Cúmulo, auge, o ponto mais alto.*

*Cúmulo - Auge, o ponto mais alto.*

*Auge - O ponto mais elevado.*

ANÁLISE SÊMICA

I EQUAÇÃO SÊMICA

SEMAS		P	E	Q	S <small>IG</small> N <small>AL</small>	EXTE <small>RIO</small> - <small>RIDA</small> DE	D <small>ISTIN</small> T <small>IV</small> I <small>DADE</small>	INS- <small>TRU</small> - <small>MEN</small> - <small>TO</small>	S <small>UPE</small> - <small>RIO</small> - <small>RIDA</small> DE	H <small>UMA</small> NO	POS <small>I</small> T <small>I</small> V <small>O</small>	IM <small>PUL</small> - <small>SIVI</small> DADE	C <small>UL</small> - <small>MI</small> N <small>Â</small> N <small>CIA</small>	CON- <small>CLU</small> - <small>SIVI</small> DADE	NOB <small>I</small> L <small>IAR</small> QUI- <small>CO</small>	ES- <small>TAM</small> PA
A	Insígnia Exterior Nobreza	+		+	+	+	+								+	
	Marca	+			+											
C	Selo Carimbo	+			+			+								+
	Honra Capricho Orgulho	+					+			+	+	+				
E	Remate Cúmulo Auge	+	+						+				+	+		
		+							+							



II CATEGORIZAÇÃO SÊMICA

SEMAS	CLASSIFICATÓRIOS	ESPECÍFICOS	
		DOMINANTES	CONTEXTUAIS
VERBETE			
	Produto	Sinal	Exterioridade
	Estado		Distintividade
TIMBRE	Qualidade		Instrumento
			Superioridade
			Humano
			Positivo
			Impulsividade
			Culminância
			Conclusividade
			Nobiliárquico
			Estampa

## 2. RESULTADOS DA ANÁLISE

Os semas classificatórios não chegam a influir na organização do verbete, em termos de abertura de acepções. Há um predomínio de /produto/ sobre /qualidade/ e /estado/. O sema /qualidade/ aparece em A, a mais abrangente, quando é anunciada a finalidade do "timbre", representada especialmente pelo lexema "nobreza". O sema /estado/, por sua vez, presentifica-se numa acepção de caráter figurativo.

Quanto aos outros semas, vê-se que a análise aponta /sinal/ como específico dominante, embora esteja registrado em apenas três das cinco acepções trabalhadas. Esse sema conjuga A, B, C, além de defini-las pela sua marca significativa.

O conjunto B é indicado - por extensão -. Tal extensão pode ser entendida no sentido de que toda e qualquer "marca" é um "sinal". Este, por sua vez, está a nível sêmico e lexemático na mesma acepção. Este fato pode ser interpretado como uma projeção de nível sêmico sobre o lexemático, que toma uma marca significativa como todo.

As acepções D e E não contêm o sema dominante. D é indicada como figurativa e, se fossem trabalhados os semas conotados, teria esse sema. Já E não recebeu nenhuma indicação especial, embora seus lexemas, com igual significado, sejam considerados figurativos em outro lugar do dicionário. Tomados figurativamente, os lexemas de E conteriam o traço /sinal/.

Os semas específicos contextuais servem para disjuntar as três acepções marcadas pelos dominantes e, nas outras desempenham a função de configurar o sentido dos lemas definidores.

Os resultados da análise mostram que "timbre" é sempre um "sinal", ou seja, uma marca que serve para distinguir, para individualizar. Tal marca pode ser um objeto ou uma característica pessoal. Com base nesse pensamento, o número de acepções do verbete poderia ser reduzido.

Quanto à forma de definição, é o texto descritivo da primeira acepção, a mais abrangente, que fornece maiores dados sobre a significação.

## ECO

## Dezesseis acepções

Eco - [Do gr. echô, pelo lat. echo] S.m. 1. Fenômeno físico devido à reflexão de uma onda acústica por um obstáculo, e observado como a repetição de um som emitido por uma fonte. 2. P. ext. Ruído, rumor, som: O menino acordou com os ecos da fantasia. 3. Repetição de palavras ou de sons. 4. Pessoa ou entidade que repete ou propaga o que é dito por outrem. 5. Palavras com terminação igual empregadas no discurso, muito próximas umas das outras. 6. Fig. Bom acolhimento; boa aceitação; repercussão. Suas palavras não tiveram eco. 7. Fig. Notícia vaga e tendenciosa, boato, rumor: os ecos do escândalo, do desfalque, da conspiração. 8. Fig. Novidade, notícia, repercussão, reflexo: Os ecos da coroação chegaram aos confins do império. 9. Lembrança, recordação, memória, vestígio: Sua passagem não deixou eco. 10. Fig. Fama, notícia: Chegou a muitos países o eco de seu talento. 11. Astr. Processo usado em radioastronomia, no qual a utilização da reflexão de radiofrequência permite medir a distância de vários corpos celestes. 12. Fís. Fenômeno que constitui a base do funcionamento de inúmeros dispositivos, entre os quais o radar, e que é provocado pela reflexão de uma onda eletromagnética, e observado como a repetição de um pulso eletromagnético emitido por uma fonte. 13. Mús. Repetição de um determinado desenho sonoro, à oitava superior ou inferior, ou em uníss

sono, por meio de diferenças de timbre ou por meio de diferenças de intensidade. 14. Mús. Um dos teclados manuais do grande órgão. 15. Poét. Pequeno verso que repete, no todo ou em parte, a(s) última(s) sílaba(s) do verso anterior, ou caso este verso acabe em monossílabo, a parte vocálica do monossílabo. Ex.: "Se sabes gemer assim, (Andas acaso penando) /Eco/ "Ando" (José Albano, Rimas, p.30); "Pois quem por ordem do fado / Tem pesar igual ao meu? // Eco // Eu". (id.,ib, p.31). Bras. NE Pop. grito, brado: dar um eco, soltar um eco.

1. Fenômeno físico devido à reflexão de uma onda acústica por um obstáculo, e observado como a repetição de um som emitido por uma fonte.

Fenômeno - *Tudo o que é percebido pelos sentidos e pela consciência.*

Repetição - *Ato ou efeito de repetir, repetência.*

Som - *Fenômeno acústico que consiste na propagação de ondas sonoras; sensação auditiva.*

2. P.ext. Ruído, rumor, som:

Ruído - *Qualquer estrondo, barulho, estrépito, fragor.*

Rumor - *Ruído de coisas que se deslocam.*

3. Repetição de palavras ou de sons.

Palavra - *Fonema ou grupo de fonemas com uma significação; termo, vocábulo, dicção.*

4. Pessoa ou entidade que repete ou propaga o que é dito

por outrem.

Repetir - *Tornar a dizer ou escrever, repisar.*

Dizer - *Pronunciar, proferir.*

5. Palavras com terminação igual empregadas no discurso, muito próximas umas das outras.

Terminação - *Ato ou efeito de terminar(se); fim, conclusão, remate.*

Igual - *Que tem a mesma aparência, estrutura ou proporção; idêntico, análogo.*

Próximo - *Que está perto, a pouca distância (no espaço ou no tempo); vizinho.*

6. Fig. Bom acolhimento; boa aceitação; repercussão.

Bom - *Benévolo, bondoso, benigno.*

Acolhimento - *Ato ou efeito de acolher, recepção.*

Aceitação - *Acolhimento e receptividade.*

Repercussão - *Ato ou efeito de repercutir-(se).*

7. Fig. Notícia vaga e tendenciosa; boato, rumor: os ecos do escândalo, do desfalque, da conspiração.

Notícia - *Informação, notificação, conhecimento.*

[Vago] - *Indeterminado, incerto, indefinido.*

[Tendencioso] - *Que revela ou envolve alguma intenção secreta.*

Boato - *Notícia anônima que corre publicamente sem confirmação.*

8. Fig. Novidade, notícia, repercussão, reflexo.

Novidade - *Qualidade ou caráter de novo.*

Reflexo - *Que se volta sobre si mesmo; reflexivo.*

9. Lembrança, recordação, memória, vestígio.

Lembrança - *Ato ou efeito de lembrar-(se).*

Recordação - *Ato ou efeito de recordar-(se).*

Memória - *Faculdade de reter as idéias, impressões e co  
nhecimentos adquiridos anteriormente.*

Vestígio - *Sinal que homem ou animal deixa com os pés  
no lugar por onde passa: rastro, rasto, pegada, pista.*

10. Fig. Fama, notícia.

Fama - *Voz geral; voz pública.*

16. Grito, brado.

Grito - *Voz geralmente aguda e elevada, de modo que se  
possa ouvir ao longe, brado.*

Brado - *Clamor, grito.*

1. ANÁLISE SÊMICA

I EQUAÇÃO SÊMICA

	SEMAS	P	A	Q	PER	RE	A	IN	DES	LIN	RE	SIG	HU	LI	IGU	PRO	BE	PRO	RE	IN-	INE	NO	RE	PER
					CEP	PE	CUS	TEN	LOA	GU	SPRE	NIFT	MA	LI	AL-	XIMI	NE	TE	CEP	FOR	FI		NO	TOR
LEXEMAS					DA	EN	TI-	SI	DA	TI-	SEN	CA	NO	MI	DA-	XI	VO	ÇA	VI	MA-	NI	VO	NO	NEN
					DE	CIA	CO	DE	TO	CO	TAÇ	ÇA		TE	DE	DA	LO	ÇÃO	DAE	ÇÃO	ÇÃO			CI
A	Fenomeno	+			+																			
	Repetição	+				+																		
	Som	+					+																	
B	Ruído	+						+																
	Rumor	+							+															
C	Repetição	+																						
	Palavra	+									+	+	+											
	Som					+																		
D	Pessoa	+											+											
	Repetir		+																					
	Dizer		+																					
E	Terminação	+												+										
	Igual			+											+									
	Discurso	+																						
	Próximo			+																				
F	Bom			+													+							
	Acolhimento	+																+						
	Repercussão	+															+		+					
G	Notícia	+																			+			
	Vaga			+																		+		
	Boato	+																						
H	Novidade			+																		+		
	Repercussão	+																	+					
	Reflexo	+																					+	
I	Lembrança	+																						+
J	Fama	+														+								
K	Grito	+																						
	Brado	+																						



## II CATEGORIZAÇÃO SÊMICA

SEMAS	CLASSIFICATÓRIOS	ESPECÍFICOS	
VERBETE		DOMINANTES	CONTEXTUAIS
ECO	Produto Ação Qualidade	Acústico	Repetência Perceptividade Intensidade Deslocamento Lingüístico Representação Significação Humano Limite Igualdade Proximidade Benévolo Proteção Receptividade Informação Indefinição Novo Retorno Permanência

## 2. RESULTADOS DA ANÁLISE

Os três semas classificatórios /produto/, /ação/ e /qualidade/ não influem na organização do verbete.

Por outro lado, o quadro analítico revela /acústico/ como sema dominante, pois "eco" é um "som" em primeiro lugar, mas é um "som" que se repete. Daí ser /repetência/ o sema de segunda ocorrência no quadro. Há um discreto distanciamento entre /acústico/ e /repetência/, passando esse segundo sema a pertencer à listagem dos específicos contextuais.

Esses dois semas estão juntos em quatro das onze acepções analisadas. O texto das quatro é do tipo descritivo onde aparecem os lexemas "repetição de som". Quando as definições descritivas com base nesses lexemas desaparecem, tais semas não aparecem mais juntos na mesma acepção, passando um ou outro a ser privilegiado. Nesse sentido, ambos, ou cada um deles, reúnem acepções. Pode-se então afirmar que "eco", no seu sentido primeiro, é uma "repetição acústica".

Quando a acepção é marcada só por um desses semas ela é geralmente precedida das indicações "figurativa" ou "por extensão". Essa última encontra-se apenas em B que é constituída pelos lexemas "ruído" e "rumor". Pode-se relacionar B à L, onde se lê "grito" e "brado". "Ruído" e "rumor" são sons intensos ouvidos pelo homem, enquanto "grito" e "brado" são ruídos intensos provocados pelo homem. O di-

cionário não faz essa distinção, porque as definições são sinonímicas. Se em B, há uma extensão de sentido, também K a comporta, embora seja um brasileirismo. É uma maneira de mostrar o tratamento das relações associativas de significação, contraídas pelos lexemas, por parte do lexicógrafo.

Das quatro acepções em que se presentifica somente o sema /repetência/ três delas - F, G e H - são figurativas.

Nessas acepções, houve uma relação de contigüidade, criadora de uma figura metonímica no sentido de que um aspecto significativo de "eco" /repetência/ passa a se sobrepor ao semema de "eco". Em termos de alterações semânticas, é essa superposição que define o todo. Em outras palavras, é pela /repetência/ que figurativamente se entende "boato" e "repercussão". A superposição ocorre em denominações e não em expansão.

Justifica-se, por esse caminho, a presença no ver bete das acepções com apenas essa marca e também justifica-se /repetência/ como sema contextual.

Cabe ainda assinalar que em I, onde se lê "lembrança", está também /repetência/, embora não se encontre indicação figurativa para esta acepção. Trata-se de um descuido do dicionarista ou da comprovação de que não trata de maneira uniforme os alargamentos de sentido.

Deve-se ainda observar que os semas específicos contextuais, com exceção de "repetência" constituem-se nos

elementos disjuntores das acepções.

A avaliação do quadro sêmico deste verbete não teve por finalidade descrever alterações semânticas mas apenas justificar as acepções de "eco".

Pretendeu-se ver a diferença de significado quando "eco" é definido por dois semas ou por apenas um. É nessa medida que podem ser avaliadas as acepções.

Quanto às que traduzem o sentido primeiro do lexema, pode-se dizer que são repetitivas, posto que C está inserida em A e D diferencia-se das anteriores pelos lexemas "pessoa" e "entidade". A disjunção é atestada pelos semas específicos contextuais.

Assim, se considerados os dois semas de maior ocorrência no quadro, haveria redução de acepções, não só em relação àquelas que contêm os /acústico/ e /repetência/, mas também as que os contêm isoladamente. Pela importância dos dois é que não se disse que apenas o sema dominante conjuga as acepções do verbete.

Por outro lado, verifica-se que as alterações semânticas visualizadas não ocorrem no lexema "eco", mas projetam-se em outros lexemas que o podem definir, substituí-lo ou mesmo aproximar-se dele, dependendo do contexto. Essa situação evidencia-se quando o texto das acepções é fundamentalmente sinonímico. O sentido exato de "eco" é dado pelo texto descritivo.

## ESTILO

Dezenove acepções - Denominação + descrição

Estilo - [Do lat. stilu] S.m. 1. Espécie de ponteiro de osso, metal, etc., usado para escrever sobre a camada de cera das tábulas, e com uma extremidade em forma de espátula para anular os erros; gráfio. 2. Fig. Maneira de exprimir os pensamentos falando ou escrevendo: estilo natural; estilo afetado; estilo prolixo. 3. Fig. Maneira de escrever correta e elegante; linguagem aprimorada: Lamentável que os conceitos do autor não estejam à altura de seu estilo. 4. Fig. Maneira de escrever caracterizada pelo emprego de expressões e fórmulas próprias de uma classe, profissão, um grupo: estilo publicitário; estilo forense; estilo didático; estilo militar. 5. Fig. Feitio, tom, orientação de um texto ou de uma alocução: Dirigiu-se aos consócios em estilo protocolar, distante. 6. Fig. Afeição no falar ou no escrever: Não é preciso fazer estilo, vamos ao que interessa. 7. Liter. O aspecto formal duma obra literária, levando-se em conta o tratamento dispensado à língua como meio de expressão: estilo tenso; estilo colorido; estilo conceituoso. 8. Liter. O modo de expressar-se de um escritor, ou de um grupo ou período literário: o estilo de Machado de Assis; o estilo dos poetas do Grupo Mineiro; o estilo da fase modernista. 9. Artes Plásticas e Música. O conjunto de

elementos capazes de imprimir diferentes graus de valor às criações artísticas, pelo emprego de meios apropriados de expressão, tendo em vista de terminados padrões estéticos: Embora a mais nova das artes, o cinema já apresenta grande variedade de estilos. 10. Artes Plásticas e Música. A feição típica de um artista, de um gênero, de uma escola, de uma época, de um tipo de cultura: um quadro no estilo de Rembrandt; o estilo rigoroso de uma sonata clássica; a tendência espiritual do estilo gótico; o estilo inimitável da Pavlova; o estilo dos desenhos das grutas de Altamira. 11. Conjunto de características da forma e dos motivos ornamentais que distinguem determinados grupos de objetos de acordo com a época e o modo de fabricação: móveis em estilo D. João V; porcelana em estilo Companhia das Índias; artigos de couro em estilo rústico. 12. Uso, costume, prática, praxe: "Quincas Borba registrou o testamento, com as formalidades do estilo" (Machado de Assis, Quincas Borba, p.15). 13. Gênero, feição, espécie, qualidade; jaez: Respondem às injúrias com expressões do mesmo estilo. 14. Maneira de tratar, viver; procedimento, conduta, modos: Saudou a todos com seu estilo comedido. 15. Modo de vestir; moda: A alta-costura parisiense adotou para a próxima estação o estilo da década de vinte. 16. O ponteiro ou agulha do relógio de sol. 17. Bras.

NE Pop. Boas maneiras, bom comportamento: É um rapaz sem estilo. 18. Zool. Ovopostiro dos dípteros. 19. Zool. Arista espessa, segmentada, perto da ponta do terceiro segmento antenal.

1. Espécie de ponteiro de osso, metal, etc. usado para escrever sobre a camada de cera das tábulas, e com uma extremidade em forma de espátula para anular os erros; gráfio.

Ponteiro - *Pequena haste com que se aponta em livros, quadros, etc..*

Escrever - *Representar por meio de escrita.*

Gráfio - *Estilo.*

2. Maneira de exprimir os pensamentos, falando ou escrevendo.

Maneira - *Modo ou forma particular de ser ou de agir.*

Exprimir - *Dar a entender, a conhecer; revelar, manifestar; expressar.*

Pensamento - *Ato ou efeito de pensar, refletir, meditar; processo mental que se concentra nas idéias.*

Falar - *Dizer palavras; expressar-se ou exprimir-se por meio de palavras; dizer.*

3. Fig. Maneira de escrever correta e elegante; linguagem aprimorada.

Correta - *Isento de erros.*

Elegante - *Que tem elegância, encanto; donairoso, gracioso: porte elegante; andar elegante.*

4. Fig. Maneira de escrever caracterizada pelo emprego de expressões e fórmulas próprias de uma classe, profissão, um grupo: estilo publicitário; estilo forense; estilo didático; estilo militar.

Próprio - *Peculiar, particular, natural.*

Classe - *Numa série ou num conjunto, grupo ou divisão que apresenta características semelhantes; categoria, ordem.*

5. Fig. Feitio, tom, orientação de um texto ou de uma alocução.

Feitio - *Forma, figura, configuração, feição.*

6. Fig. Afetação no falar ou no escrever.

Afetação - *Naturalidade, amaneiramento.*

11. Conjunto de características da forma e dos motivos ornamentais que distinguem determinados grupos de objetos de acordo com a época e o modo de fabricação: móveis em estilo D. João V; porcelana em estilo Companhia das Índias; artigos de couro em estilo rústico.

Forma - *Os limites exteriores da matéria de que é constituído um corpo, e que conferem a este um feitio, uma configuração, um aspecto particular.*

Distinguir - *Diferenciar; discriminar; discernir.*

Grupo - *Conjunto de objetos que se vêem duma vez ou se abrangem no mesmo lance de olhos.*

12. Uso, costume, prática, praxe.

Uso - *Costume, praxe, hábito; usança.*



13. Gênero, feição, espécie, qualidade; jaez.

Feição - *Forma, feitio, aspecto.*

14. Maneira de tratar, viver; procedimento, conduta, modos.

Tratar - *Fazer uso de; usar, praticar.*

15. Modo de vestir; moda.

Modo - *Maneira, feição ou forma particular; jeito, modo de falar.*

Vestir - *Cobrir com roupa ou veste.*

16. O ponteiro ou agulha do relógio de sol.

Relógio - *Designação comum a diversos tipos de instrumentos ou mecanismos para medir intervalos de tempo.*

17. NE. Boas maneiras, bom comportamento.

Bom - *Benévolo, bondoso, benigno.*

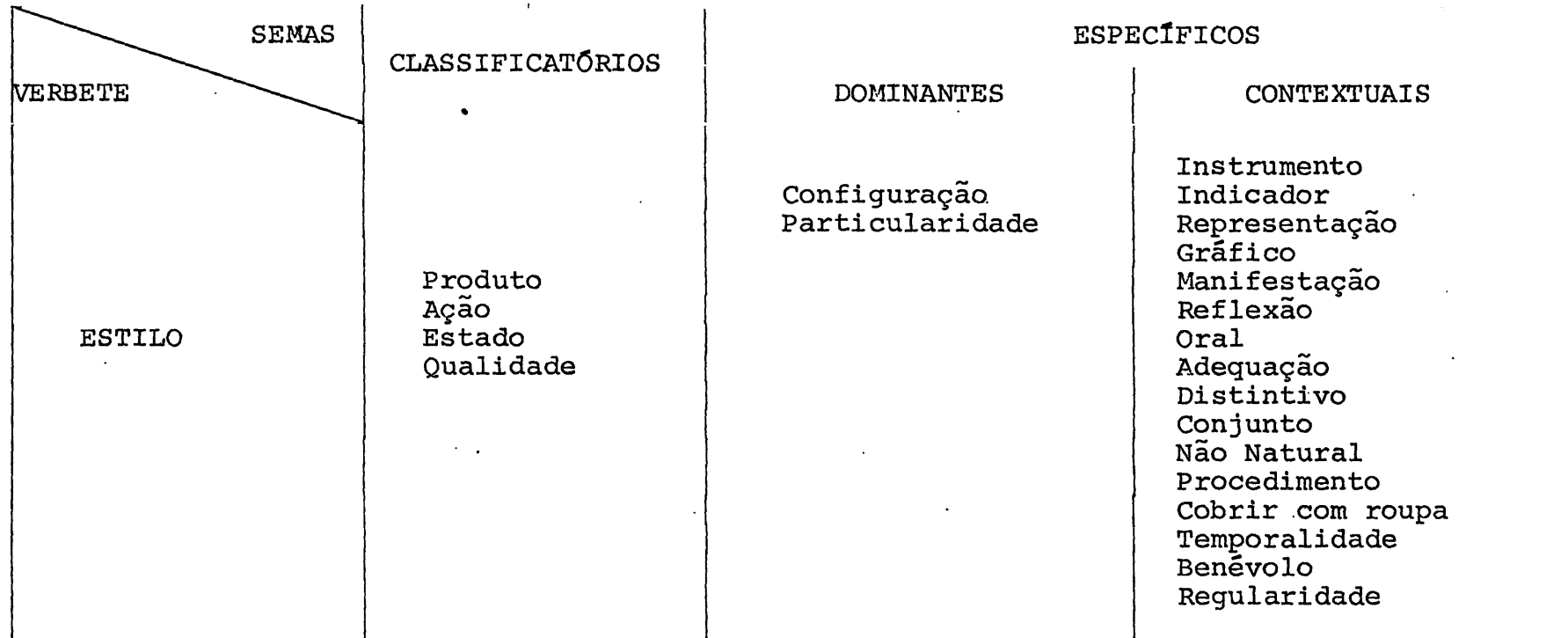
Comportamento - *Maneira de se comportar; procedimento, conduta.'*

1. ANÁLISE SÊMICA

I EQUAÇÃO SÊMICA

	SEMAS	P	A	E	Q	INS	IN	RE	GRA	CON	PAR-	MANI	RE-	O-	ADE	DIS	CON	NÃO	PRO	CO-	TEM-	BE-	RE
						TRU	DI	PRE	FI	FIG	LARI	FES-	FLE	RAL	QUA	TIN	JUN	NATU	CEDI	BRIR	PORA	NE-	GULA
	LEXEMAS					TO	CA	SEN	CO	ÇÃO	DADE	TA	XÃO		ÇÃO	VO	TO	RAL	MEN	ROU	LIDA	VO	RIDA
A	Ponteiro Escrever	+				+	+		+														
B	Maneira Exprimir Pensamento Escrever Falar	+	+	+				+	+	+	+	+	+										
C	Maneira Escrever Correto		+	+	+			+	+	+	+				+								
D	Maneira Escrever Próprio Classe		+	+	+			+	+	+	+						+						
E	Feitio	+								+	+												
F	Afetação Falar Escrever		+	+				+	+	+	+		+					+					
G	Forma Distinguir Grupo	+	+		+					+	+					+							
H	Uso	+										+											+
I	Feição	+								+	+												
J	Maneira Tratar		+	+						+	+								+				
L	Modo Vestir		+	+						+	+									+			
M	Ponteiro Relógio	+			+	+	+															+	
N	Bom Maneira Comportamento			+	+					+	+								+			+	

## II CATEGORIZAÇÃO SÊMICA



## 2. RESULTADOS DA ANÁLISE

Os semas classificatórios não influem na organização do verbete "estilo".

O universo semântico desse lexema centraliza-se nos dois semas de igual e de maior ocorrência no quadro. Assim /configuração/ e /particularidade/ são específicos dominantes. Presentificam-se em dez das treze acepções trabalhadas, estabelecendo a conjunção entre elas. São eles, efetivamente, que definem "estilo".

Sua ausência precisa ser explicada em A, onde se encontram /dois lexemas-chave "ponteiro" e "escrever". O primeiro estabelece uma relação metonímica com o produto de "escrever", a qual se projeta nas outras acepções. Nessa relação de contigüidade, toma-se o resultado pelo instrumento no sentido de que, nesse resultado (o "escrever"), há sempre uma /configuração/ com /particularidade/. São essas duas marcas significativas que se sobrepõem e terminam definindo estilo. Trata-se então de uma extensão ou de um segundo momento da relação de contigüidade que acarreta um alargamento semântico que é a associação entre "estilo" e a dupla sêmica /configuração/ e /particularidade/.

Por isso, "estilo" nada mais é do que uma "maneira de" projeção das relações anteriormente aludidas, nos conjuntos em que os semas dominantes específicos estão presentes.

Dessa forma, "maneira" torna-se o lexema defini-

dor por excelência de "estilo".

O grande número de acepções desse verbete resulta não da definição de "estilo", mas daquilo em que o "estilo" se expressa. São os lexemas como "dizer", "falar", "tratar", ..., que serviram de base para a abertura de novas acepções. Esse aspecto é atestado pela presença maciça dos semas específicos contextuais que efetivamente disjuntam as acepções.

A partir das observações referentes às relações de conjunção, contraídas pela maior parte das acepções, através dos semas específicos dominantes, e da disjunção, evidenciada pelos semas específicos contextuais, concluiu-se que o número de acepções do verbete "estilo" poderia ser fortemente reduzido.

Isso porque muitas das acepções propostas não correspondem efetivamente a fronteiras sêmicas. A própria metalinguagem dos lexemas definidores mostra que estilo é uma "maneira de". Mesmo considerando que muitas dessas acepções sejam indicadas como figurativas, o verdadeiro significado de "estilo", determinado pela relação metonímica, não se altera.

## 6 - CONCLUSÃO

A organização deste capítulo em Síntese, Considerações e Comprovação de Hipóteses pretende possibilitar: uma retomada sintética dos principais tópicos; um contato com observações que, no capítulo anterior, estavam individualizadas a verbetes específicos e que neste momento são vistas em relação; uma verificação das hipóteses.

### 6.1 - Síntese

A dissertação se propôs a estudar as definições de verbetes substantivos do Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

O enfoque básico foi o estudo do verbete em termos de aceção e de formulação dos textos das definições. Tal abordagem corresponde à tentativa de captar o tratamento semântico da obra.

A apresentação de uma definição se dá em termos de aceções as quais, lexicograficamente, devem equivaler aos significados recobertos pela unidade lexical. Bus-

ca-se, portanto, ver em que medida as acepções, propostas pelo dicionarista, correspondem a reais fronteiras significativas. Em outras palavras, questiona-se a pertinência das acepções.

Por outro lado, o tipo de definição por denominação ou expansão, é também questionado, buscando-se sua melhor forma lingüística.

A análise sêmica é considerada como um instrumento revelador do universo de significação do verbete e de sua organização formal. Assim, os lexemas-chave definidores de cada acepção são equacionados semicamente.

A análise desenvolve-se através de dois quadros. O primeiro, registra o levantamento sêmico dos definidores de cada acepção, e o segundo organiza e interpreta os traços significativos.

Os quadros sêmicos traduzem a substância do significado do lexema mas de maneira diferente. O primeiro quadro - EQUAÇÃO SÊMICA - ao registrar os semas dos definidores de cada acepção, de acordo com a proposição do dicionarista, revela a significação de cada uma das acepções. Dá uma visão do universo sêmico de cada conjunto e aponta a organização global do verbete.

O segundo, CATEGORIZAÇÃO SÊMICA, interpreta a significação como um todo, independentemente de acepções. Visualiza-se a significação da palavra de entrada enquanto lexema. A realidade enfocada, nesse momento, é preponderantemente de

ordem semântica. Os resultados constituem-se no instrumento de avaliação da pertinência das acepções e da formulação sintática da definição.

A análise sêmica mostra-se um instrumento eficaz, pois se constitui também na base semântica para sugestões de reformulações dos enfoques tratados. Confirma-se o ponto de vista de que a análise sêmica é um caminho seguro capaz de conferir rigor a uma definição lexicográfica.

## 6.2 - Considerações

A classificação dada aos semas no quadro II, permite observações quanto à função dos semas. Abordam-se alguns aspectos que demonstram a validade da categorização sêmica proposta para este trabalho.

### 6.2.1 - Semas classificatórios

A função dos semas classificatórios pode ser observada quanto a dois aspectos: disjunção das acepções e tipo de definição.

Em relação ao primeiro aspecto, a AS mostra que raramente os semas classificatórios influenciaram sozinhos a divisão das acepções. Como exemplo, cita-se o verbete GÁUDIO no qual a única razão da disjunção entre as acepções



é explicada em termos de semas classificatórios.

Este verbete é composto apenas por lexemas sinônimos. Por causa das denominações, pode-se dizer que a abertura das acepções ocorreu de forma indireta. Trata-se, as sim, de uma situação identificada pelo nível sêmico.

Há outros verbetes em que os semas classificatórios são também disjuntores de acepção, mas em definições por expansão. Nessas, tais semas são de imediato anuncia- dos, pois têm um correspondente direto, lexemático na defi- nição.

Exemplifica-se com DESCURAMENTO onde se lê: 1. "A to ou efeito de descurar". 2. "Desleixo, descuido".

Pela análise, as acepções disjuntam-se com base nos semas classificatórios. Neste caso, /produto/ justifica o segundo conjunto.

Por outro lado, os semas classificatórios não che- gam sozinhos a estabelecer conjunção entre as acepções, em bora contribuam para isso. Ex.: BOQUINHA.

Estabelecem, por vezes, a relação de conjunção en- tre os lexemas dados como sinônimos, fazendo com que fiquem no mesmo conjunto. É o caso de DÁDIVA, verbete constituído de uma única acepção, com duas formas de definição: descri- ção e denominação. Na descrição se lê: - "Aquilo que se dá" - e nas denominações - "donativo", "dom, "presente" e "oferta". Nessas, há um predomínio do sema /produto/. Tal

predomínio é uma forma de conjunção. Diz-se uma forma porque essa não é a única razão da conjunção neste verbete.

Paralelamente vale observar que a presença de um arquilexema pobre como "aquilo" cujos traços significativos são /produto/ e /qualquer coisa/ confere um caráter abrangente à definição, o que justifica parcialmente a presença dos lexemas, dados como sinônimos, no mesmo conjunto.

O segundo aspecto importante a ser observado quanto a essa categoria sêmica é que contribui para que se identifique um tipo de definição.

Tomando-se os verbetes APARCELAMENTO e DESCURAMENTO, os únicos do corpus terminados pelo sufixo mento, as definições são respectivamente "Ato ou efeito de" "aparcelar" e "descurar". Numa definição dessa natureza, somente as categorias gerais foram explicitadas, ficando a descoberto os significados básicos de "aparcelar" e de "descurar".

Caracteriza-se assim uma definição morfo-semântica, pois se equacionaram somente os semas de caráter mórfico. Definições como essas não estabelecem equivalência global de significado entre definido e seus definidores.

Conclui-se que, de modo geral, há muito para ser observado em todo o dicionário sobre as funções dos semas classificatórios, visando tanto às relações de conjunção e disjunção como às construções de definições. Possivelmente outros aspectos possam ser observados fora do âmbito deste trabalho.

Comprova-se assim o valor de se ter equacionado esses semas na análise mesmo que, para muitos verbetes, não tenham influenciado a composição das definições e a divisão das acepções. A seu respeito, pode-se ainda lembrar que Pottier alerta para o fato de que os classemas são raramente considerados pelos dicionaristas.

### 6.2.2 - Semas específicos dominantes

Os semas específicos dominantes constituem-se no traço significativo de maior constância no quadro analítico. Tal constância pode ser observada em dois níveis: lexicográfico (relação de conjunção e disjunção entre as acepções) e semântico (observações referentes à forma da definição).

Do ponto de vista da organização, o nível lexicográfico trata de acepções, e, nesse sentido, a AS revela que os semas dominantes conjugam, maciçamente, as acepções dentro dos verbetes. A relação conjuntiva toma por base o ponto de identificação entre os significados, postulados, em princípio, como diferentes. Dessa forma, a conjunção justifica a razão pela qual os sentidos aproximam-se num contexto global que é o verbete.

Muitas vezes, a conjunção justifica a presença de lexemas dados como sinônimos dentro de uma mesma acepção. É uma situação freqüente e pode ser exemplificada em verbetes compostos unicamente por sinonímia ou mesmo nos que

contêm acepções formuladas com base na sinonímia. Ex.: DÁVI VA = o sema /oferecimento/ conjuga os lexemas dados como sinônimos nesse verbete: /donativo/, /dom/, /presente/ e /o-ferta/.

Do ponto de vista semântico, os semas dominantes desempenham a função primordial de configurar o ponto básico de significação do lexema.

Nesse sentido, podem-se lembrar alguns verbetes em que se capta o núcleo sêmico dos lexemas por meio desses semas. Em COLISÃO, o núcleo sêmico é /choque/. Conclui-se que "cólisão" é sempre um /choque/ seja de ordem física, mental ou material. Em CRÔNICA, o núcleo sêmico é /informação/. A diferença está no tema que se lhe atribui. Já AGASALHO define-se basicamente pelo sema /proteção/. Esta, no entanto, se atualiza de maneira diferente, seja através de uma vestimenta, de um local ou de um ato. ECO contém como enfoques básicos de sua significação /repetência/ e /acústico/. Os semas dominantes de ESTILO são /configuração/ e /particu-laridade/. Traduzem, efetivamente, a significação do lexema.

Essas observações são importantes pois mostram que, lexicograficamente, diversas acepções são desnecessá-rias.<sup>7</sup> Poderiam, muitas vezes, ser reduzidas, se a significação básica do lexema, dada pelos semas dominantes, fosse considerada.

Por outro lado, os semas dominantes, ao fixarem o núcleo sêmico dos lexemas, permitem que se capte o enfoque

significativo que o lexicógrafo atribui às suas definições.

Observando-se um verbete como T, vê-se que seus semas dominantes são /gráfico/ e /ordenação/. O primeiro corresponde à característica essencial da letra, mas o segundo traduz um traço semântico exterior, de caráter funcional. As definições de T não privilegiam a representação gráfica da letra, mas sua função convencional de ser indicativa de número, de série.

Conclui-se que o tratamento semântico de T é equivocado, havendo, neste verbete, definições de nenhuma pertinência como a última: "A décima nona num grupo de séries".

Em relação à função dos semas dominantes, pode-se verificar que, fundamentalmente, configuram o núcleo da significação dos lexemas. A configuração permite observações como a economia das acepções e a organização de sentido que o lexicógrafo atribui a suas definições.

### 6.2.3 - Semas específicos contextuais

A função dos semas específicos contextuais também pode ser observada sob dois ângulos: forma de definição e divisão das acepções.

Um sema dessa natureza pode representar uma diferença específica na definição e, nesse sentido, a completa.

No verbete MERENDA, o sema dominante é /alimento/ mas sozinho não chega a conceituar o lexema que é um /alimento/, mas de /pouca quantidade/. Para ser totalmente configurada sua significação, há necessidade de especificações sobre o tempo e eventualmente o lugar, circunstâncias representadas em nível sêmico pelos traços contextuais. Estes então indicam as diferenças específicas, determinando a verdadeira significação do lexema.

Dessa forma, os semas específicos contextuais, ao representarem as diferenças específicas, contribuem para comprovar a hipótese desta dissertação de que uma definição se instaura pela presença de uma categoria geral e de diferenças específicas. Onde, a melhor forma de definição é a expansão.

Observando-se o outro papel dos semas contextuais vê-se que freqüentemente disjuntam as acepções. Pode-se retomar o exemplo de MERENDA, pois os semas contextuais que dão conta de circunstâncias como /temporalidade/ e /localidade/ mostram que um desses traços está presente em A, o outro em B, disjuntando as duas acepções.

Os mesmos semas presentificam-se na terceira acepção que, pelo significado, identifica-se totalmente com as duas anteriores. Como não é estabelecida uma fronteira sêmica, pode servir de exemplo das precedentes. Por essa razão, foi dispensada do quadro analítico.

Outro caso em que o sema contextual evidencia a inadequação da abertura da acepção é o verbete COLAR onde o terceiro conjunto, formado por "golilha", iguala-se pelo sema /parte do vestuário/ com o segundo, composto por "gôla" e "colarinho".

Assim, os semas específicos contextuais são capazes de indiciar a pertinência das fronteiras sêmicas.

Ainda se pode observar que esta classe sêmica serviu de base para a abertura de acepções. Aspecto que é frequente em verbetes com grande número de divisões, como: AGASALHO, COLISÃO, CRÔNICA, CAPA, ESTILO.

Quando a disjunção se dá internamente, em relação aos definidores de um mesmo conjunto, evidencia que os lexemas dados como sinônimos distanciam-se em algum ponto da significação. Esse fato que mostra fronteiras sêmicas entre lexemas sinônimos é, de modo geral, desconsiderado pelo dicionarista, tanto que são comuns as definições circulares. Nessas, um lexema é definido por outro considerado sinônimo e as distinções significativas não são apresentadas ao consulente.

6.3. Comprovação das hipóteses

A primeira hipótese busca comprovar que as acepções, propostas em cada verbete, não correspondem, em sua totalidade, a significados distintos da palavra de entrada. Para tanto, observa-se o quadro geral dos verbetes.

Verbetes	Número de acepções	Pertinência das divisões
APARCELAMENTO	1	-
DÁDIVA	1	-
GÁUDIO	2	inadequada
DESCURAMENTO	2	inadequada
DOIDA	2	adequada
MERENDA	3	inadequada
COLAR	3	inadequada
BOQUINHA	4	adequada
ORTOGRAFIA	4	adequada
COMPLEMENTO	5	inadequada
AGASALHO	6	adequada
CRÔNICA	6	adequada
COLISÃO	7	inadequada
T	8	inadequada
CAPA	13	inadequada
TIMBRE	15	inadequada
ECO	16	inadequada
ESTILO	19	inadequada

Pode-se ver que dentre os dezesseis verbetes per-



tinentes para esta observação, a divisão foi considerada inadequada em onze deles. Desta forma, a hipótese é comprovada.

A segunda hipótese postula como melhor forma de definição a expansão, onde deve constar a categoria semântica geral e diferenças específicas. Em relação a este aspecto, os verbetes apontaram que, embora muitas acepções sejam formuladas por expansão, não registram a classe geral e as diferenças específicas. Em busca da comprovação da hipótese, são feitas as seguintes observações em todos os verbetes do corpus.

APARCELAMENTO e DESCURAMENTO - Definições por expansão, mas de caráter morfo-semântico. Comprovou-se pela análise que o sentido básico dos lexemas ficaram a descoberto.

DÁDIVA - Definição por expansão, mas sem categorização definida em virtude do arquilexema "aquilo". A indefinição leva à sinonímia dentro da mesma acepção.

GÁUDIO - Definição por sinonímia. A ausência da indicação da categoria geral e diferenças específicas acarreta desmembramento de acepções.

DOIDA - Definição por expansão, indicadora apenas de gênero. Definição primária que não apresenta categoria e diferenças. A significação do lexema só se revela pelas locuções.

BOQUINHA - Definições sinonímicas predominam. As

por expansão indicam categoria geral e diferenças específicas.

MERENDA - Definições por expansão com indicação de categoria geral e diferenças específicas.

COLAR - Definição por expansão (1a.) comporta categoria geral e diferença específica. Nos conjuntos por denominação, a classe geral é omitida.

ORTOGRAFIA - Definições por expansão, que não configuram diretamente o sentido básico do lexema.

COMPLEMENTO - Definições por expansão: uma com arquilexema "aquilo" e outra de caráter morfo-semântico. O sentido básico do lexema fica a descoberto.

AGASALHO - Definição por expansão (1a.), mas de caráter morfo-semântico. Os sentidos são dados por sinonímia.

CRÔNICA - Definições por expansão, todas com categoria e diferenças específicas.

COLISÃO - Definição (1a.) por expansão, configurando classe geral e diferenças específicas. As outras são sinonímicas com recorrência a exemplos.

T - Definição por expansão sem categorização. O núcleo sêmico do lexema não é respeitado.

CAPA - Definições por expansão (1a., 2a.) com categoria geral e diferença específica. As outras são por deno-

minação e comprovou-se que perdem sempre um traço.

TIMBRE - Definição por expansão (1a.) com categoria e diferença específica. Nas denominações, um traço de significação básica se perde.

ECO - Definição por expansão (1a.) com categoria e diferença específica. Nas denominações, um traço da significação básica se perde.

ESTILO - Definições por expansão com categoria e diferença específica. Nas denominações, um traço da significação básica se perde.

A partir das observações precedentes, pode-se dizer que a comprovação do melhor tipo de definição não é de caráter quantitativo, mas qualitativo. Muitas das definições são formuladas por expansão, entretanto não configuram a significação básica que, na ótica deste trabalho, corresponde à indicação de uma categoria semântica geral e de diferenças específicas. Cumpre esclarecer que não se questionou a pertinência das categorias.

Considera-se portanto como qualidade de uma definição a indicação da classe semântica geral e das diferenças específicas, pois dessa forma a definição atinge seu objetivo primordial que é a equivalência de sentido entre o definido e seus definidores.

Quando a DL não dá conta dessa equivalência é por

que seu texto não indica a categorização e diferenças específicas, ou ainda porque sua formulação ~~pe~~ é de natureza sinonímica.

Em definições sinônimas, a análise revelou a perda de um traço básico da significação. É também o caso de acepções denominativas que, freqüentemente, contêm as indicações figurativas ou por extensão.

Os alargamentos de sentido, apontados neste trabalho, igualmente evidenciaram a perda de um traço significativo. É importante salientar que não houve a intenção de problematizá-los. Sua realidade transpareceu na análise sêmica que assim pode confirmar a hipótese de que uma verdadeira definição se instaura pela presença, em seu texto, de uma categoria semântica geral e de diferenças específicas. Definições dessa ordem correspondem a uma tentativa de descrição do significado, enquanto as denominações correspondem a substituições.

Por outro lado, uma definição completa dispensa o consulente de nova busca ao dicionário, aspecto que, do ponto de vista lexicográfico, pode ser considerado como medida de qualidade da obra.

## 7 - BIBLIOGRAFIA

### 7.1 - Livros

1. BARBISAN, Leci Borges. Proposição do modelo distribucional de Jean Dubois para a elaboração de verbetes de dicionário de língua: estudo das relações paradigmáticas de sinonímia e das relações sintagmáticas nos verbos "olhar" e "fechar". Porto Alegre, UFRGS, dissertação de mestrado, 1980 (mimeo.)
2. BARTHES, Roland. Elementos de semiologia. São Paulo, Cultrix, 1964.
3. CÂMARA, Jr., J. Mattoso. Princípios de lingüística geral. 4.ed. rev. aum. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1974.
4. \_\_\_\_\_. Dicionário de filologia e gramática. 5a. ed. Rio de Janeiro, J. Ozon, s.d.
5. CASARES, Julio. Introducción a la lexicografía moderna. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1950 (Col. Revista de Filología Española, 3).
6. CAZACU, Tatiana Slama. Lenguaje y contexto. Barcelona-Mexico, Grijalbo, 1970.
7. DUBOIS, Claude. Introduction à la lexicographie; le dictionnaire. Paris, Larousse, 1971. (Col. Langue et Langage).

8. DUCROT, Oswald. Princípios de semântica lingüística; dizer e não dizer. São Paulo, Cultrix, Univ. de Campinas, 1977.
9. ECO, Umberto. As formas do conteúdo. São Paulo, Perspectiva, 1974.
10. FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.
11. FISCHER & YATES. Tablas estadísticas. Madrid, Aguilar, 1949.
12. GENOUVRIER, Emile & PEYTARD, Jean. Lingüística e ensino do português. Coimbra, Almedina, 1974.
13. GREIMAS, A.J. Du sens. Paris, Du seuil, 1968.
14. \_\_\_\_\_. Semântica estrutural. São Paulo, Cultrix, 1973.
15. HJELMSLEV, Lois. Prolegômenas a uma teoria da linguagem. São Paulo, Perspectiva, 1975.
16. LOBATO, Lúcio Maria Pinheiro. A semântica na lingüística moderna; o léxico. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.
17. LOPES, Edward. Discurso, texto e significação. São Paulo, Cultrix, 1978.
18. LYONS, John. Semântica estrutural. Portugal, Brasil, Presença, Martins Fontes, 1974.
19. MARQUES, Maria Helena Duarte. Estudos semânticos. Rio de Janeiro, Grifo, 1976.
20. MORA, Jose Ferrater. Diccionario de filosofía abreviado. Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1970.
21. MOUNIN, Georges. Les problêmes théoriques de la traduction. Paris, Gallimard, 1963.

22. \_\_\_\_\_ . Clefs pour la semantique. Paris, Seghers, 1972.
23. NATTIEZ, J.J. Problemas e métodos de semiologia. São Paulo, Martins Fontes, s.d.
24. OGDEN, C.K. & RICHARDS, I.A. O significado do significado. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
25. POTTIER, Bernard. Presentation de la linguística; fundamentos de uma teoria. 2.ed. Madrid, 1972.
26. \_\_\_\_\_ . Linguistique générale; théorie et description. Paris, Klincksieck, 1974.
27. \_\_\_\_\_ . Sémantique et logique. Paris, Delarge, 1976. (Col. Univers semiotique).
28. REY, Alain. La lexicologie. Paris, Klincksieck, 1970.
29. REY-DEBOVE, Josette. Comprendre la linguistique. Belgique, Marabout, 1975. (Col. Marabout Université, 267).
30. SAUSSURE, Ferdinand. Curso de linguística geral. 5. ed. São Paulo, Cultrix, 1973.
31. \_\_\_\_\_ . Cours de linguistique générale. Paris, Payot, 1978. Edition critique préparée par Tullio de Mauro.
32. SCHAFF. Introdução à semântica. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968. (Col. Perspectivas do homem, 46 - Série Estudos Semânticos).
33. TRUJILLO, Ramón. Elementos de semântica linguística. Madrid, Cátedra, 1976.
34. ZGUSTA, L. Manual of lexicography. The Hague, Mouton, 1971.

7.2 - Artigos

35. BALDINGER, K. Sémantique et structure conceptuelle. Cahiers de lexicologie. Paris, Didier, Larousse, 8(1):3-46, 1966.
36. \_\_\_\_\_. La definición de los objetos mentales. In: \_\_\_\_\_. Teoria Semantica, Madrid, Alcalá, 1970, p.75-99.
37. BECHARA, Evanildo, dir. Littera. Rio de Janeiro, Grifo, 3(9), set/dez., 1973.
38. BENVENISTE, Emile. La forma et le sens dans le langage. In: \_\_\_\_\_. REY-DEBOVE, J. (dir.). Recherches sur les systèmes signifiants. Paris, Mouton, 1973.
39. B. QUEMADA, Du glossaire au dictionnaire: deux aspects de l'élaboration des énoncés lexicographiques dans les grands répertoires du XVII siècle. Cahiers de lexicologie, Paris, Didier, Larousse, 20(1):97-128, 1972.
40. BOONS, Jean-Paul. Sinonímia, antonímia e fatores lingüísticos. In: \_\_\_\_\_. TODOROV et alii. Semiologia e lingüística. Petrópolis, Vozes, 1971.
41. DUBOIS, Jean. Dictionnaire et discours didactique. Langages, Paris, Didier, Larousse, 19:35-47, Sept. 1970.
42. \_\_\_\_\_. Pourquoi les dictionnaires. In: Essai de sémiotique. Josette REY-DEBOVE, Donna J. UMILKER, eds. Paris, Mouton, 216-29, 1971.
43. \_\_\_\_\_ & \_\_\_\_\_. La définition; synonymie et paraphrase. Introduction à la lexicographie; le dictionnaire, Paris, 1971. p.86-9 (Col. Langue et Langage).



44. \_\_\_\_\_. L'enoncé lexicografique: l'article de dictionnaire. In: \_\_\_\_\_. Introduction à la lexicographie; le dictionnaire. Paris, Larousse, 1971, p.39-47.
45. GUIRAUD, Pierre. As matrizes sêmicas da significação. In: \_\_\_\_\_. KRISTEVA, Julia; REY-DEBOVE, Josette; MIKER, Donna J. Ensaio de semiologia - I problemas gerais de lingüística cinésica. Rio de Janeiro, Eldorado, s.d.
46. IMBS, Paul. Au seuil de la lexicographie. Cahiers de lexicologie, 2:3-17, 1960.
47. LAMB, Sydney. Lexicologia e semântica. In: \_\_\_\_\_. HILL, Archibald Anderson, org. Aspectos da lingüística moderna. 2.ed. São Paulo, Cultrix, Universidade de São Paulo, 1974.
48. LASZLO BENKO, Szeged. Image littéraire et lexicographie. Cahiers de lexicologie, Paris, Didier, Larousse, 12(1):93-102, 1968.
49. LUFT, Celso Pedro. O novo dicionário. Correio do Povo, Porto Alegre, 4-9, nov., 1975. No mundo das palavras.
50. MESCHONNIC, Henri. Essai sur le champ lexical du mot "ideê". Cahiers de lexicologie, Paris, Didier, Larousse, 5(2), 1964.
51. REY, Alain. A propos de la définition lexicographique. Cahiers de lexicologie, Paris, Larousse, 6(1):67-80, 1965.
52. \_\_\_\_\_. Les dictionnaires: forme et contenu. Cahiers de lexicologie. Paris, Didier, Larousse, 7(2):65-102, 1965.
53. \_\_\_\_\_. Valor e limite de uma semântica lexical. In: KRISTEVA, Julia. Ensaio de semiologia - I. Rio de Janeiro, Eldorado, s.d..
54. \_\_\_\_\_ & DELESALLE, Simone. Problèmes et conflits lexicographiques. Langue Française, Paris, Larousse, 43:4-26, sept. 1979.

55. REY-DEBOVE, Josette. La définition lexicographique: recherches sur l'équation sémique. Cahiers de lexicologie. Paris, Didier-Larousse, 8(1):71-94, 1966.
56. \_\_\_\_\_. Le domaine du dictionnaire. Langages, Paris, Didier-Larousse, 19:3-34, sep., 1970.
57. \_\_\_\_\_. Limites des applications de la linguistique à la lexicographie (Dictionnaires de langue monolingues). :369-75, 1971.
58. SILVA, Ignacio Assis. Estruturação do universo linguístico; para uma hierarquização de critérios na descrição linguística. Significação - Revista Brasileira de Semiótica, São Paulo, 1:26-41, ago. 1974.
59. VEIGA, Albino de Bem. A lexicografia portuguesa e seus problemas. In: 8º Congresso brasileiro de língua e literatura. Rio de Janeiro, Gernasa, 1977.
60. WEINREICH, Uriel. La définition lexicographique dans la sémantique descriptive. Langages, Paris, Didier-Larousse, 19:69-86, sep. 1970.

## Curriculum Vitae

### 1 - Dados pessoais

Nome: Maria da Graça Krieger

Data de nascimento: 26-03-1946

Naturalidade: Cachoeira do Sul

Nacionalidade: brasileira

### 2 - Escolaridade

#### 2.1 - Secundária

2.1.1 - Concluiu o curso colegial em 1964, no Colégio de Aplicação da UFRGS.

#### 2.2 - Graduação

2.2.1 - Concluiu o Curso de Letras da UFRGS em 1968, licenciando-se em Língua Portuguesa e Francesa.

2.2.2 - Realizou o Curso de Aperfeiçoamento em "Littérature Française Contemporaine" na Faculté de Lettres et Sciences Humaines da Universidade de Paris - Sorbonné, em 1969.

2.2.3 - Licenciou-se ainda pelo Curso de Letras da UFRGS, em Língua e Literatura Latina, em 1977.

#### 2.3 - Pós-Graduação

2.3.1 - Frequentou o Curso de Nivelamento do Pós-Graduação em Linguística e Letras da PUC-RS, em 1974.

2.3.2 - Realizou Curso de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, área de concentração: Língua Portuguesa, em 1977.

### 3 - Atividade profissional

3.1 - Desempenha a função de Professora Colaboradora da Disciplina de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da UFRGS.

### 4 - Trabalhos realizados

4.1 - Participou da tradução de: PEYTARD, Jean. Sintagmas I. Porto Alegre, Metacomunicação, 1976.

4.2 - Proferiu a palestra: "Eneida: a epopéia romana" no Simpósio Comemorativo aos Quinze Séculos da Queda do Império Romano, promovido pelo Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da PUC-RS.

**BIBLIOTECA SETORIAL DE CIÊNCIAS  
SOCIAIS E HUMANIDADES**